

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA – PROFHISTÓRIA**

**GRAZIELLY ALVES PEREIRA**

**RESISTÊNCIAS AFRO-BRASILEIRAS NO ENSINO DE HISTÓRIA: A SALA DE  
AULA E AS LETRAS DE RAP**

**GUARULHOS  
2019**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA – PROFHISTÓRIA**

**GRAZIELLY ALVES PEREIRA**

**RESISTÊNCIAS AFRO-BRASILEIRAS NO ENSINO DE HISTÓRIA: A SALA DE  
AULA E AS LETRAS DE RAP**

Dissertação de mestrado apresentada à Banca Examinadora do programa de mestrado profissional em ensino de História (Profhistória) da Universidade Federal de São Paulo como exigência para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Área de concentração: Ensino de História.

Orientação: Dr. Cleber Santos Vieira

**GUARULHOS  
2019**

PEREIRA, Grazielly Alves.

Resistências Afro-Brasileiras no ensino de História: A sala de aula e as letras de RAP/ Grazielly Alves Pereira. Guarulhos, 2019. 145 fls.

Dissertação de mestrado - Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2019.

Orientação: Dr. Cleber Santos Vieira

Afro- Brazilian resistances in education of history: the classroom and RAP lyrics.

1. Ensino de História. 2. Rap. 3. Saberes. 4. Juventude. I Prof. Dr. Cleber Santos Vieira. II. Resistências Afro-Brasileiras no ensino de História: A sala de aula e as letras de Rap.

**Grazielly Alves Pereira**

**RESISTÊNCIAS AFRO-BRASILEIRAS NO ENSINO DE HISTÓRIA: A  
SALA DE AULA E AS LETRAS DE RAP**

Dissertação de mestrado apresentada à Banca Examinadora do programa de mestrado profissional em ensino de História (Profhistória) da Universidade Federal de São Paulo como exigência para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História.  
Área de concentração: Ensino de História.

Aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Prof. Dr. Cleber Santos Vieira  
Universidade Federal de São Paulo

---

Prof. Dr. João do Prado Ferraz de Carvalho  
Universidade de São Paulo

---

Prof. Dra. Ana Lúcia Silva Souza  
Universidade Federal da Bahia

---

Prof. Dra. Veruschka de Sales Azevedo  
Universidade de Guarulhos

*Pelas Marielles  
Claudias  
Jenifers  
Kayllanis*

*Pelos Amarildos  
Rafaéis  
Sandro  
Marcos  
Plínios*

*À minha mãe, Valdivina Alves Pereira com todo o meu amor e saudade (In memorian)*

## AGRADECIMENTOS

Em 2018 completamos 15 anos da promulgação da lei 10.639/2003 e 130 de abolição. Estar inserida neste contexto, escrevendo especificamente esta dissertação influenciou profundamente minha construção de identidade, como professora e mulher negra. Eu, que não venho de família militante e politizada, que entrei tardiamente na vida acadêmica, até pouco tempo atrás não imaginava apresentar trabalhos na Anpuh ou participar da mesa de abertura da semana de ensino de História da Unicamp, ao lado de uma cantora como Preta Rara.

Agradeço inicialmente a todos os professores e professoras do programa, que nos mostraram um exemplo de academia humana e preocupada efetivamente com o ensino de História, são elas e eles: Dra. Maria Rita Toledo, Dr. João do Prado, Dr. Antônio Simplício, Dr. Fábio Franzini (Sua paciência com a nossa cultura escolar foi de uma elegância incrível), Dra. Elaine Lourenço, Dr. Alexandre Pianelli Godoy, Dra. Andreia Slemian, Dra. Patrícia Teixeira Santos e Dr. Cleber Santos Vieira.

Ao meu orientador, Dr. Cleber Santos Vieira, agradeço por aceitar o desafio de pensar comigo o Rap no contexto escolar, mas também por me despertar para a reconstrução identitária através de suas orientações.

Agradeço ao professor Dr. João do Prado Ferraz de Carvalho e a professora Dra. Ana Lúcia Silva Souza por aceitarem participar da minha qualificação e defesa, à partir das colocações e sugestões de ambos redefini minha pesquisa e compreendi o caminho que gostaria de trilhar.

Agradeço a todas as escolas que trabalhei durante esse processo, minhas companheiras de trabalho e equipes gestoras, sempre sensíveis e compreensíveis com minha condição de professora/pesquisadora, mais especificamente a escola EMEF Dirce Genésio dos Santos, local onde desenvolvi a pesquisa de campo do referido trabalho.

Agradeço ao Erlei (Aliado G) por escrever as letras analisadas que permitiu a elaboração deste trabalho e por conceder entrevista que colaborou para o desenvolvimento da pesquisa, obrigada, sem sua arte nada disso seria possível.

Não posso deixar de citar os nomes das dezenove pessoas incríveis que conheci durante o mestrado, e que se tornaram mais que colegas de pós-graduação, e sim companheiros e amigos para a vida. Sem esse grupo provavelmente eu não conseguiria finalizar a dissertação, são elas e eles: Liz, Cibele, Mayra, Juliana, Marina (Marinete), Rafaela, Aline,

Patrícia (Dira), Suzane, Bruno, Diógenes (Cocão ou Georges, fique à vontade para a escolha), Matheus (Teteu), David (Ancião), André (Dedé), Jonas, João Misael (Misa), Lucas (Game Boy), Allan (menino Allan) e Rui, obrigada por existirem.

Aos nomes citados, não posso deixar de agradecer em especial David e João Misael, que contribuíram para essa dissertação, lendo, revisando ou indicando leituras. Também agradeço às queridas Marina, Juliana, Patrícia e Cibele que me mostraram o poder feminino, e todas as lutas que deveremos nos preparar para travar durante nosso percurso de vida.

À Suzane agradeço toda a parceria e compartilhamento de ideias e também angústias, seguiu minha mão em muitos momentos, nossa aproximação aconteceu naturalmente em razão de termos o mesmo orientador.

Aos amigos próximos, três pessoas me acompanharam desde muito antes do mestrado, são eles: Felipe Vilimek, Leonardo da Costa e Érico Glauber, eles acreditaram em mim muito antes que eu mesma.

Agradeço a minha companheira Tamires Serafim Sant'Ana (Meu porto seguro), pelas inúmeras ajudas, trocas e companheirismo, seguiu a minha mão no meio do caminho e seguimos juntas neste processo. Ao meu pai Valdivino José Pereira, minha irmã Ilza Alves de Paula Ribeiro, meu cunhado José de Paula Ribeiro Neto, meus sobrinhos Monalisa Alves de Paula Ribeiro e José Henrique Alves de Paula Ribeiro, por me apoiarem e compreenderem minhas inúmeras ausências nos últimos tempos, meu amor por vocês é imensurável.

Por fim, agradeço à minha mãe Valdivina Alves Pereira (*In memoriam*), uma grande feminista, mesmo sem saber o significado do termo. Ainda é difícil lidar com o pouco tempo que tivemos para vivermos juntas, você foi e será o motivo de inspiração para todos os desafios e conquistas em minha vida.

*Eu sou um corpo*

*Um ser*

*Um corpo só*

*Tem cor, tem corte*

*E a história do meu lugar*

*Eu sou a minha própria embarcação*

*Sou minha própria sorte*

*Um Corpo No Mundo – Luedji Luna*



## RESUMO

A pesquisa analisa a relação de letras de Rap e ensino de História. O propósito é o de investigar como as letras desse gênero podem ou devem ser consideradas meios e instrumentos pedagógicos para a sala de aula, contribuindo para uma ecologia dos saberes nos parâmetros de Boaventura de Souza Santos. Procura-se apresentar que, além da condição de ferramentas didáticas para a produção do conhecimento histórico em sala de aula, as letras de Rap constituem também em importantes fontes para a reflexão sobre o ensino de história, cultura escolar e cultura juvenil. Parte-se do pressuposto de que rappers são sujeitos históricos que intercambiam saberes com a juventude periférica e que, portanto, constroem leituras de fatos históricos a partir de pontos específicos: juventude negra e periférica, ressignificando seus lugares de fala e configurando singulares leituras sobre o passado. Para tanto, analisaremos quatro letras do grupo de Rap Face da Morte, originário de Hortolândia, interior de São Paulo. O grupo se formou em 1995, e desde então produziram diversos trabalhos de cunho crítico e reflexão social, típicos do universo HIP HOP, especialmente do Rap. As letras em questão pertencem ao álbum MPB (Manifesto Popular Brasileiro), lançado em 2001, e são nomeadas pelos meses do ano e fatos históricos que ocorreram nos mesmos. As letras analisadas foram aplicadas e reescritas pelos/as alunos/as do oitavo ano da EMEF Dirce Genésio dos Santos, localizada no Jardim Iguatemi, zona leste de São Paulo.

**Palavras-chave:** Rap; Saberes; Ensino; História; Juventude.

## ABSTRACT

The research analyzes the relation between the RAP lyrics and teaching of History. The goal is to investigate how RAP lyrics genre can or should be considered pedagogical tools to the classroom, contributing to an ecology of knowledge of Mr. Boaventura's de Souza Santos parameters. It is intended to present that, in addition to the condition of didactic tools for the production of historical knowledge in the classroom, the Rap lyrics are also important sources to reflect about the teaching of history, school culture and youth culture. It is assumed that rappers are historical people that exchange knowledge with the periphery youth and therefore, build interpretations of historical facts from specific points of view: black skinned and peripheral youth, resignifying their way of speech and creating singular readings of the past. For this, we are going to analyze four lyrics from the Rap Group "Face da Morte", the group is from Hortolândia, countryside of São Paulo. The group began in 1995, and since then they have produced several works of critical nature and social reflection, typical of the Hip Hop universe, in special Rap music. The lyrics in question belong to the album MPB (Manifesto Popular Brasileiro), released in 2001, and the creation uses month name's and historical facts that happened in them. This lyrics were analyzed and rewritten by students of the eighth grade of EMEF Dirce Genésio dos Santos, located in Jardim Iguatemi, in the eastern zone of São Paulo.

**Keywords:** Rap; Knowledge; Teaching; History; Youth.

## **I – LISTA DE TABELAS E QUADROS**

Quadro 1 – Janeiro .....	60
Quadro 2 – Fevereiro .....	60
Quadro 3 – Março .....	61
Quadro 4 – Abril .....	61
Quadro 5 – Maio .....	61
Quadro 6 – Junho .....	62
Quadro 7 – Julho .....	62
Quadro 8 – Agosto .....	62
Quadro 9 – Setembro .....	62
Quadro 10 – Outubro .....	63
Quadro 11 – Novembro .....	63
Quadro 12 – Dezembro .....	63
TABELA 1 – Quantidade de fatos .....	64

## **II – LISTA DE IMAGENS**

IMAGEM 1 – Mapa da Zona Leste de São Paulo .....	37
IMAGEM 2 – Mapa do Jardim Iguatemi e bairros vizinhos .....	38

### **III- LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES**

**ABCDMR** – Grupo que reúne as cidades de Santo André, São Bernardo do Campo, Diadema, São Caetano, Mauá e Ribeirão Pires

**ABPN** - Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as

**BESTA** – União das palavras baile+festa

**CONEN**- Coordenação Nacional das Entidades Negras

**COPENE** - Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as

**DJ** – *Disc Jockey*

**EJA** - Educação de Jovens e Adultos

**EMEF** -Escola Municipal de Ensino Fundamental

**EMEJA** - Escola Municipal de Educação de Jovens e Adultos

**ENEN** – Encontro Nacional das Entidades Negras

**FAENAC** – Faculdade da Editora Nacional

**HIP HOP** – Balançar os quadris

**IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**LDB** - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

**MC** - Mestre de Cerimônia

**MNU** - Movimento Negro Unificado

**MST** - Movimento dos Sem Terra

**ONU** - Organização das Nações Unidas

**PPP** - Plano Político Pedagógico

**RAP** - Do inglês *rythm and poetry*, que significa ritmo e poesia.

**SAMPAPREV** – Previdência da Prefeitura de São Paulo

**TEN** – Teatro Experimental do Negro

**UE** - Unidade Escolar

**UNE** – União Nacional Estudantil

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>CAPÍTULO I - SUJEITOS/AS E ESCOLA .....</b>	<b>22</b>
1.1 - Prazer, Grazielly .....	22
1.2 - Alunos: Quem são? De onde vieram? Como vivem? .....	29
1.3 - Alguns muros e paredes também conhecidos como Escola .....	36
<b>CAPÍTULO II - CONTEXTO HISTÓRICO E MOVIMENTOS SOCIAIS .....</b>	<b>41</b>
2.1 - O movimento Hip Hop: Jamaica, Estados Unidos e Brasil .....	41
2.2 - Ensino de História: Escola, Currículo e Movimentos Sociais .....	47
<b>CAPÍTULO III - NOVAS EPISTEMOLOGIAS E ECOLOGIA DOS SABERES .....</b>	<b>54</b>
3.1 - Construção de saberes e movimento Hip Hop .....	54
3.2 - Letras como fontes históricas .....	56
3.3 - Escola: espaço de produção de conhecimento .....	83
3.4 - Novos saberes emergem .....	85
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>97</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>99</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>106</b>

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa está vinculada ao mestrado profissional em ensino de História – Profhístória. A mesma busca estabelecer uma relação com o/a professor/a/pesquisador/a de reflexão e intercâmbio entre saberes acadêmicos e escolares. O objeto partiu dos anseios em construir conhecimento significativo com os alunos de forma horizontal e que dialogasse com o universo social e político dos mesmos.

Este trabalho analisará as representações das lutas sociais que marcaram o Brasil à partir das letras de Rap. Busca-se analisar a construção do discurso histórico em temas como: ordenação cronológica, sujeitos e fatos selecionados pelos compositores como representativos da história brasileira.

A importância da música na produção do conhecimento histórico atraiu e atrai a atenção de destacados historiadores como Eric Hobsbawm. Em *História Social do Jazz*, obra que constrói um panorama histórico dos primórdios do jazz nos Estados Unidos ele define seu principal objetivo:

Meu principal objetivo é sondar o mundo do jazz para o leigo inteligente, que não sabe nada a seu respeito, e talvez também para o *expert* que terá eventualmente até hoje passado por cima de seus aspectos menos técnicos. No entanto, é impossível voltar os olhos para o jazz com curiosidade sem tentar descobrir, mesmo que *grosso modo*, como ele se ajusta ao cenário geral da civilização do século XX. (HOBSBAWM, 2012, p.35)

Na obra o autor analisa o surgimento do jazz dentro das transformações urbanas que marcam o final do século XIX e começo do XX e as perseguições racistas e genocidas que marcam a história dos Estados Unidos. Ele mostra que a produção musical de uma época percorre de forma intrínseca com os acontecimentos históricos do período.

Trabalhos que colocam a música em perspectiva histórica incidem na historiografia brasileira em pesquisas relevantes, como nos casos de José Vinci de Moraes e Elias Saliba. Moraes em *“História e música: canção popular e conhecimento histórico”*, levanta questões teóricas e metodológicas que surgem das relações entre História, música e canção popular. Para ele, a música popular poderia conter fontes para a compreensão da cultura e história dos setores da sociedade deixados à margem pela historiografia. (MORAES, 2000) Moraes ainda sugere três aspectos que devem ser levados em consideração pelo historiador que pretende pesquisar canção popular em uma perspectiva histórica: a linguagem da canção, visão de mundo

incorporada e traduzida através delas e a perspectiva social e histórica presente nestas. (MORAES, 2000, p.203-221)

Outro autor que pesquisa o tema é Marcos Napolitano. Em *“História e música popular: Um mapa de leituras e questões”*, traça um roteiro de leituras e questões teórico-metodológicas em torno da reflexão historiográfica sobre a música popular brasileira. (NAPOLITANO, 2007)

A questão abrange também intelectuais de outras áreas do conhecimento, que na tentativa de situar as manifestações culturais e políticas da juventude brasileira nos centros urbanos elegeram a música como fio condutor. Maria Rita Kehl, no capítulo intitulado *“Da lama ao caos: a invasão da privacidade na música do grupo Nação Zumbi”*, da coletânea *“A cidade não mora em mim”*, analisa a relação entre os espaços públicos e privados na música popular brasileira através do movimento Mangue Beat, criado por Chico Science e jovens periféricos de Recife. (KEHL, 2004)

O potencial conhecimento histórico manifestado nas músicas têm estimulado também reflexões mais focadas sobre os usos que estão sendo feitos desse tipo de saber no ensino de história como, por exemplo, João Pinto Furtado (1998) em *“A música popular no ensino de história”*.

É bem verdade que as novas abordagens, objetos e temas norteadores de parte significativa da produção historiográfica repercutiram no ensino de história em trabalhos prescritivos: sugestões de planos de ensino, estratégia e modelos de dinâmicas em sala de aula. Alguns interligados a formulações de ensino-aprendizagem de forma ampla como, por exemplo, Martins Ferreira (2005) em *“Como usar a música na sala de aula”*.

Nesse sentido, a legitimidade de pesquisas sobre a intersecção entre ensino de História e música alcançam hoje o registro em periódicos especializados como a publicação de Kátia Abud (2005) *“Registro e representação do cotidiano: A música popular na aula de História”*, no Caderno Cedess.

Mais recentemente lançou-se o dossiê temático na Revista História Hoje na qual a música e ensino de história são explorados na dimensão teórico-metodológica: documento histórico, relatos de experiências e possibilidades didáticas dentre outros.

As letras de Rap usadas como documento histórico podem expressar continuidades e rupturas da construção histórica de uma determinada população e região. O movimento HIP HOP chega ao Brasil em um contexto histórico pautado pelo processo de transição democrática ainda incompleto, após vinte anos de ditadura militar e uma atuação crescente do movimento negro, cada vez mais presente nos círculos acadêmicos. Os mais diversos movimentos políticos,



sociais, culturais e artísticos são influenciados e tornam-se influenciadores deste novo momento que o país vive.

Com o movimento HIP HOP não é diferente, ele que nasce nas periferias de Nova York como resistência e canal de denúncia para a população pobre, preta e carente, e também como única opção de lazer, no Brasil também assume desde o início o tom social e crítico. As letras de Rap tornaram-se o canal de comunicação de uma maioria da população até então silenciada.

Estudos evidenciam o HIP HOP enquanto manifestação da juventude negra e periférica nos anos de 1980, com grande repercussão nos anos 1990. Destacam-se ainda aspectos de socialização e politização contidas no cenário HIP HOP. Trabalhos como os de José Carlos Gomes, Hermano Vianna e Juarez Dayrell tornam-se referência para a área. Dayrell em “*O RAP e o funk na socialização da juventude*” discute a importância dos grupos musicais juvenis nos processos de socialização vivenciados por jovens pobres na periferia de Belo Horizonte. (DAYRELL, 2002)

Ainda temos trabalhos como o de Roberto Camargos em “*Rap e política: percepção da vida social brasileira*”. Nele, o autor analisa o exercício político cotidiano do Rap, por que entre tantos gêneros musicais ele incomoda o meio social no qual está inserido e desestrutura o senso comum. (CAMARGOS, 2015)

Na intersecção entre Rap e educação, Elaine Nunes de Andrade organizou uma coletânea na década de 1990, que ainda hoje constitui-se uma importante referência: o livro “*Rap e Educação, Rap é educação*”, onde organiza artigos que traçam um panorama do cenário HIP HOP no Brasil e relatos de educadores que utilizam o Rap como instrumento pedagógico. (ANDRADE, 1999)

Trabalhos recentes também discutem a relação entre ensino e cultura HIP HOP, como é o caso de Diego Sávio, que em sua dissertação de mestrado investiga a presença do HIP HOP nos livros didáticos de História, Literatura e Português. (FERNANDES, 2013)

No que tange aos elos entre ensino de história e Rap, objeto específico de nossa pesquisa, existem trabalhos que os investigam a partir de diferentes abordagens e diversos arcabouços teóricos-metodológicos, como é o caso de “*Etnia, diversidade e identidade no Brasil: algumas histórias, propostas e alternativas no trabalho escolar*” de Jaime Cordeiro (2007).

Nesse sentido, a presente pesquisa apresenta uma contribuição aos estudos sobre as relações entre ensino de história e Rap na medida em que analisará a possibilidade do uso da cultura periférica, mas especificamente de suas letras e construção histórica em sala de aula.

As letras em questão a serem analisadas são nomeadas pelos meses do ano e fatos históricos que ocorreram nos mesmos. Fazem parte do álbum MPB (Manifesto Popular Brasileiro) do grupo de Face da Morte. O grupo se formou em 1995, e desde então produziram diversos trabalhos em tons críticos e de reflexão social.

Partimos do pressuposto que, em tal álbum, seus produtores realizam uma leitura do passado a partir de lugares pouco usuais em se tratando de ensino, isto é, são jovens periféricos protagonizando as reivindicações, lutas, vitórias e derrotas da juventude negra periférica, transformando o recontar da história em combustível de existência/resistência do próprio movimento.

Registra-se que a publicação deste álbum coincide com as efemérides de 500 anos (Ano 2000) do Brasil. Momento este que provocou uma corrida em diferentes áreas – cultural, acadêmica, midiática, imprensa, cinematográfica dentre outros para uma releitura da História do Brasil. Os sujeitos periféricos e movimentos sociais também participaram deste contexto produzindo narrativas do que entenderam sobre fatos significativos da história brasileira.

A pesquisa possui como aporte teórico-metodológico as contribuições dos estudos sobre cultura periférica, mais especificamente o movimento HIP HOP, e as possibilidades de seu uso nas práticas pedagógicas no ensino de História. Para isso, é necessário compreender como as culturas periféricas se constroem e se estabelecem, apesar das inúmeras tentativas de silenciamento.

Partimos do princípio da tensão entre cultura produzida por sujeitos periféricos, portanto, vítimas de inúmeros mecanismos de tentativa de invisibilidade e uma cultura branca, européia e estabelecida como predominante. Regiões periféricas podem ser definidas como espaços geográficos destituídos de estruturas mínimas como saneamento, saúde e transporte de qualidade, na maioria das vezes distante dos grandes centros e formado por uma maioria de população preta e pobre.

Esta tensão seguirá as trilhas apontadas por Boaventura de Souza Santos que, em *Epistemologias do Sul* desenvolve a teoria das linhas do pensamento abissal. Ele delimita o pensamento abissal como um sistema de distinções visíveis e invisíveis, que define as linhas invisíveis fundamentais para as visíveis (2009), ou seja, o conhecimento seria dividido por uma linha, onde de um lado concentra-se a ciência, filosofia e teologia e do outro lado conhecimentos que estão à margem, como crenças, magias e hipóteses (BOAVENTURA, 2009). O autor sugere a produção de um conhecimento pós-abissal, realizado do outro lado da linha, que daria origem a uma ecologia dos saberes.

### Segundo Boaventura:

O pensamento pós- abissal parte do reconhecimento de que a exclusão social no seu sentido mais amplo toma diferentes formas conforme é determinada por uma linha abissal ou não-abissal, e que, enquanto a exclusão abissalmente definida persistir, não será possível qualquer alternativa pós-capitalista progressista. (SANTOS, 2009, p.43)

Neste quadro teórico-metodológico incluem-se questões como cultura HIP HOP e suas reverberações no ensino de História, tema desta pesquisa. A cultura HIP HOP surge como alternativa de contestação e resistência do outro lado da linha. Aquele lado onde estão os excluídos e silenciados, mas que mesmo assim persistem produzindo cultura e um novo tipo de pensamento, o pensamento pós-abissal. Pensamento este presente na vida e cotidiano de milhares de jovens que encontraram na cultura HIP HOP uma forma de ver e ser visto, ouvir e ser ouvido.

O Rap e a cultura HIP HOP surgem, portanto, como a oportunidade de construção de uma nova realidade, realidade essa muitas vezes ignorada pelos bancos escolares. Segundo Nilma Lino Gomes:

Podemos dizer que, embora não seja uma relação linear, os avanços, as novas indagações e os limites da teoria educacional têm repercussões na prática pedagógica, assim como os desafios colocados por essa mesma prática impactam a teoria, indagam conceitos e categorias, questionam interpretações clássicas sobre o fenômeno educativo que ocorre dentro e fora do espaço escolar. Esse processo atinge os currículos que, cada vez mais são inquiridos a mudar. (GOMES, 2012, p.99)

Para Nilma, o caminho para uma educação democrática e anticolonial é a universalização da educação básica e acesso ao ensino superior. Somente assim sujeitos antes deixados à margem da linha e silenciados serão ouvidos, ocupando novos espaços e ressignificando teorias, práticas e posições sociais.

Para isso, o trabalho possui duas grandes intenções: pensar a cultura HIP HOP como parte integrante da cultura escolar e as letras de Rap como construtoras de conhecimento histórico, portanto, instrumento pedagógico que colaboram para o ensino de História.

A dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro, será apresentada o contexto da professora/pesquisadora que escreve o trabalho, sua busca pela formação continuada mas também seu papel como mulher negra que ocupa um determinado lugar de fala que poderá reverberar na construção identitária de seus alunos. Também será traçado o perfil etnográfico das turmas dos oitavos anos da EMEF Dirce Genésio dos Santos, com o aporte teórico de Marli André e seu livro *“Etnografia da prática escolar”*, onde a mesma busca na Antropologia a referência para construir um trabalho de tipo etnográfico para análise educacional. Por fim, no mesmo capítulo é feito uma análise da relação de territorialização da escola e o bairro onde está

localizada, o Jardim Iguatemi. Passado histórico, formação da Zona Leste de São Paulo e a população migrante e imigrante que compõe a região.

No capítulo II olharemos para o passado histórico do movimento HIP HOP, seus primórdios na cultura Jamaicana, o surgimento nas periferias de Nova York e a relação com o contexto político da época e a chegada ao Brasil, inicialmente nas periferias de São Paulo na década de 1980, período de redemocratização do país. Em seguida trataremos no mesmo capítulo da relação entre movimentos sociais e currículo nas perspectivas de Miguel Arroyo e Nilma Lino Gomes.

No capítulo III trabalharemos as análises das letras em questão, a pesquisa de campo desenvolvida na EMEF Dirce Genésio dos Santos e as reescritas desenvolvidas pelos alunos. Por fim, este trabalho vai além de uma pesquisa acadêmica que busca tabular e analisar dados e posteriormente registrá-los. Ele representa a possibilidade de diversas reflexões: construção de negritude, resistência negra e periférica, saberes produzidos na educação básica e o intercâmbio entre escola/academia e movimentos sociais. Portanto, ele assume a tentativa de ouvir inúmeros jovens moradores de periferia, alunos de escola pública, que vislumbram um futuro em uma sociedade marcada pelo racismo e desigualdade. Este trabalho não possui sentido se não “por” e “para” meus/minhas alunos e alunas.

## CAPÍTULO I - SUJEITOS/AS E ESCOLA

### 1.1 – Prazer, Grazielly.

*A vida é igual um livro.  
Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra.  
E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu.  
A minha, até aqui, tem sido preta.  
Preta é a minha pele.  
Preto é o lugar onde eu moro.  
(JESUS, 1960, p.160)*

Início o texto com um trecho de um livro da poetisa Carolina Maria de Jesus, preta, periférica, artista, e que representa a realidade de milhares de outras mulheres brasileiras. É difícil definir o que seria o fim da vida, o fim do caminho, eu, aos trinta e dois anos julgo estar no meio da estrada, ainda não posso assinar o livro da minha vida e definir como ela transcorreu, porém, reflito até aqui como ela tem sido, e tanto quanto a autora, também posso dizer que tem sido preta, e mais, venho me descobrindo preta.

Segundo o IBGE, em 1992, 77% das meninas negras frequentavam o Ensino Fundamental I, em 2016 esse número saltou para 97%. Eu estava dentro da estimativa dos 77%, levada todos os dias para a escola por minha mãe ou irmã, uma caminhada de pelo menos 1 hora de ida e volta garantia minha inserção no mundo letrado<sup>1</sup>.

Nascida na pequena cidade de Ecoporanga, no interior do Espírito Santo, fiz o caminho que muitas outras brasileiras fizeram e ainda fazem em busca de uma condição de vida melhor: migrei para São Paulo ainda aos dez anos de idade com minha mãe e irmã.

De uma infância pobre, onde via minha mãe se sacrificando para manter o mínimo dentro de casa, só restam algumas vagas lembranças. Somente adulta consegui retomar algumas delas e compreender que o preconceito e racismo estavam ali, sempre presentes, talvez por isso os apagões de memória, seria uma forma de fuga ou autoproteção?

O fim da infância e início da adolescência em São Paulo foi marcado pelo cotidiano de uma família migrante, formada por mulheres, tentando sobreviver. Anos depois, em uma profunda reflexão e reencontro com minha ancestralidade, compreendi que muitas dificuldades que enfrentamos em terras desconhecidas possuía o recorte racial, porém, na época, eu não havia dado início a minha reconstrução identitária baseada em minha negritude e toda a reflexão

---

<sup>1</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/04/mulher-negra-avanca-no-social-mas-segue-distante-no-trabalho-e-na-politica.shtml> Acesso em 15/04/2018 às 18:00.

e compreensão social advinda dela, portanto, o racismo caminhou ao meu lado, sem que eu percebesse por alguns longos anos. Só fui conseguir encará-lo de frente já adulta, formada em minha primeira graduação em História, e com uma reflexão específica, estando atenta desde as manifestações mais óbvias até as mais sutis, no mestrado.

Segundo pesquisas do IBGE, o perfil socioeconômico da população negra brasileira em comparação com a população branca entre 1992 e 2016, avançou algumas casas, porém, ainda há muito trabalho a ser feito. Estamos distantes no mercado de trabalho, político e universidade, as mulheres negras ganham em média 42% a menos comparado ao homem branco, a estimativa é que se continuarmos no mesmo ritmo levaremos mais 80 anos para alcançarmos a equivalência salarial<sup>2</sup>.

Não se vive, no Brasil, em uma democracia racial, mesmo que ela seja oficialmente pregada. As diferenças entre negros e não-negros em vários setores sociais são enormes. É dentro dessa sociedade que proclama a igualdade racial que o professor negro é formado, é nela que ele constrói as referências significativas de sua existência. Tais significações constituem a sua consciência e têm influência direta na formação de sua identidade enquanto negro e professor. A dicotomia entre aquilo que é pregado — igualdade — e aquilo que é sentido — preconceito, estará presente nele enquanto pessoa e enquanto profissional. (MORAES, 2006, p.27)

Regina Helena Moraes, em sua dissertação de mestrado, pesquisa o processo de formação da identidade profissional de professoras e professores negros/as. A autora compreende que quando esse/a professor/a entra em sala de aula, entra também todos os enfrentamentos sociais que sustentou até ali, que o formam como ser político, social e militante.

Em um país onde a democracia racial ainda soa como verdade para muitos, mas que somente 3% das mulheres negras terminaram o ensino superior<sup>3</sup>, entrar em sala de aula, consciente do seu lugar de fala, é um ato de resistência.

Ainda segundo a autora:

Parto do entendimento de que não se pode pensar no indivíduo isoladamente, quer dizer, ele não se constitui enquanto humano apenas pelo fato de ter nascido. O ser humano forma-se pelo contato com os outros membros de sua comunidade. Primeiramente, há o contato dele com os familiares – principalmente a mãe –, depois passa a se relacionar com os amigos da vizinhança, da escola, com a turma do clube, com os colegas de trabalho. Enfim, por estar inserido dentro de uma sociedade e ser, conseqüentemente, um ser social, tal pessoa cresce e se constitui na relação que com o outro estabelece. Esse é apenas um dos aspectos dessa interação. Temos de pensar também que o indivíduo está situado num contexto histórico-econômico e cultural, que certamente, influenciará na sua constituição enquanto humano, pertencente a um

<sup>2</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/04/mulher-negra-avanca-no-social-mas-segue-distante-no-trabalho-e-na-politica.shtml> Acesso em 15/04/2018 às 18:00.

<sup>3</sup> Ibidem.

grupo étnico-racial, a um grupo de gênero, a uma classe social, entre outros. Portanto, quando se coloca à baila da discussão a questão da identidade, vê-se o quão complexo ela é. (MORAES, 2006, p.32)

É em busca dessa identidade que a autora define que me debruço. Ainda adolescente fiz o caminho da maioria das meninas da minha idade de origem pobre, comecei a trabalhar com quinze anos, para ajudar no sustento da casa. Tive os mais diversos subempregos, e quando já estava em um deles por, pelo menos, dois anos, compreendi que precisava seguir uma nova direção.

Sentia a necessidade de traçar novos caminhos, ao ver minha irmã terminando seu curso de licenciatura em Letras identifiquei que era ali que eu também gostaria de estar. Nada ainda estava definido, mas passei a me reconhecer como alguém com grande facilidade em lidar com pessoas, característica essa que nas empresas em que atuei nem sempre era interpretada como qualidade.

Após uma primeira pesquisa, ainda sucinta e sem nenhum tipo de orientação, decidi pelo curso de História, em uma faculdade privada em São Caetano do Sul, a FAENAC, não via como possibilidade o ingresso em universidades públicas.

Ali fiz o primeiro contato com um mundo novo e desafiador, Escola dos Annales, Positivismo, Escola Nova, eram nomes, termos e correntes teóricas até então totalmente desconhecidos.

Tive grandes referências de professores e professoras na graduação, que ainda retomo anotações e orientações quando necessário. Todos com formação na USP, Paulo de Assunção, Vivian Coutinho, Gabriel Castanho e Ismara Izepe (Hoje professora do departamento de Relações Internacionais da Unifesp), nenhum dos nomes citados eram negros ou negras.

A disciplina sobre ensino de África foi ministrada pela professora Ismara, porém, apesar de seu esforço, ainda era difícil saber qual o caminho seguir na elaboração do plano de curso da disciplina. Não me lembro de grandes debates em sala acerca de negritude, representatividade, resistências e ações afirmativas, a lei 10.639/2003 ainda era um embrião.

Meu primeiro contato na graduação com a cultura africana aconteceu em atividades interdisciplinares com a turma de Letras, coordenada na época pelo professor Dr. Sidney Barreto, negro, militante e doutor pela USP. O professor trouxe para a faculdade um docente gabonês, chamado Bruno Okoudowa, que nos deu uma palestra contando sobre a sua trajetória de imigrante no Brasil até chegar a doutor, também na Universidade de São Paulo. Observo que ali minha atenção sobre a negritude foi despertada, mas reflexões profundas só viriam anos depois.

Me formei em 2011 mas somente pisei em sala de aula como professora de História em 2014, os motivos para isso, foram diversos, mas é possível resumir em uma palavra: insegurança.

O ano de 2013 foi intenso e certamente marcou minha vida para sempre. Aquela que me protegeu, não abriu mão dos meus estudos, que andava duas horas diárias para garantir minha permanência na escola, mas que ela própria só havia tido a oportunidade de estar já adulta apenas até a antiga quinta-série faleceu aos 68 anos, minha mãe não conseguiu vencer a luta travada contra um câncer. Morreu sem presenciar e compartilhar das minhas futuras conquistas acadêmicas e profissionais, com ela também foram enterradas muitas injustiças sociais que lhe foram impostas durante toda a vida. Neste mesmo ano, ingressei em uma pós-graduação *lato sensu* em História da Arte: Contemporaneidade. Ali, ainda de forma inconsciente comecei a traçar meu objeto de estudo no mestrado. Mais uma vez um novo mundo se abriu aos meus olhos, o da Arte Contemporânea.

Novos nomes entraram em meu repertório teórico como: Duchamp, Arthur Bispo do Rosário, Oiticica e Lygia Clark. Também me aproximei da arte de rua, grafite, “pixo” e tudo o que representasse uma manifestação cultural periférica. Artistas como Os Gêmeos, Cobra, Thiago Vaz (Saci Urbano) e Jean Michel Basquiat passaram a fazer parte do meu repertório pessoal e acadêmico. A maturidade aos poucos batia à minha porta, e passei a ficar mais atenta às mensagens que a arte de rua estava me transmitindo em diversas vertentes.

A vida profissional passou a caminhar de forma gradual. Inicialmente me faltou coragem em assumir uma sala de aula, portanto, a solução encontrada foi ingressar como auxiliar em educação na prefeitura de municipal de Santo André em 2012, e ali permaneci por dois anos. A creche Demercindo da Costa Brandão me proporcionou respirar pela primeira vez os ares de um ambiente educacional. Lá passei a compreender sobre organização do espaço escolar, papel de gestores, docentes e demais funcionários, bem como estudo de currículo, PPP (Projeto Político Pedagógico) e Planejamento através de observação, cursos e formações pedagógicas.

Após dois anos desde meu primeiro contato com uma escola, me senti confiante e ingressei em 2014 na prefeitura de Mauá como professora contratada de História, na escola EMEJA Clarice Lispector. A escola atendia um público de EJA diversificado, desde alfabetização até o ensino Médio, a única escola municipal do grande ABCDMR que atende a modalidade no Ensino Médio. Atendimento este mantido através de muita luta do grupo escolar



e comunidade, pois foram vários os momentos em que as administrações da prefeitura tentaram transferir os alunos do Ensino Médio para as escolas estaduais do entorno.

Foi um primeiro ano difícil, afinal, era a primeira vez que eu pisava em uma escola e sala de aula como professora. Um ano de inseguranças e inexperiência, porém, uma vontade falava alto: a de me conectar aos alunos, só assim compreendia ser possível estabelecer uma relação de parceria em sala de aula, e consequentemente, um reflexo no desempenho pedagógico.

Deste modo, as influências que eu carregava até então, acadêmicas e de vida, também entraram comigo em sala. Passei a observar o que mais chamava a atenção dos alunos e os conectava com o mundo. Uma questão chamou a minha atenção: a maioria dos alunos, principalmente os que estavam na faixa dos 20 a 30 anos possuíam fones de ouvido, talvez a única distração e momento de lazer do dia.

Ficavam algumas perguntas no ar: O que ouviam? Quais suas influências? Seria possível utilizar essa cultura externa que os influenciava em suporte pedagógico em sala de aula? Não sabia ali que tais questionamentos me levariam ao mestrado profissional em ensino de História.

À fim de me estabelecer na educação e também abrir leques de possibilidades de atuação, fiz minha segunda licenciatura, em Pedagogia. A pedagogia também vinha como uma possibilidade de trabalhar com crianças, afinal, o contato com elas na época de auxiliar em educação me despertou um olhar mais criterioso para as inúmeras potencialidades da primeira infância.

Dessa forma, prestei em 2014 o concurso para professora de Educação Básica I na prefeitura de São Bernardo do Campo, passei e ingressei em 2015, estando no mesmo cargo até o momento.

Em São Bernardo, tive a oportunidade de trabalhar com crianças da mais tenra idade, a minha primeira turma com dois anos, e a segunda com quatro. Um grande desafio para quem estava vindo da formação específica na área das ciências Humanas.

Com eles aprendi a complexidade e importância da primeira infância, era possível observar suas referências sociais já aos dois anos de idade, ficando ainda mais específicas aos quatro anos. Questões familiares, relações entre os pares, racial e de gênero, já se faziam presentes no trabalho com os pequenos, e minha formação em História, que no começo não sabia como me ajudaria, acabou sendo um grande fio condutor na relação com as crianças e no diálogo com as famílias.

Foi durante o ano de 2016, em meio ao trabalho infantil, mergulhada em uma pesquisa sobre Arte Contemporânea para crianças muito pequenas que passei e ingressei no mestrado profissional em ensino de História.

O mestrado representou um sonho que me acompanhava, mas que não sabia ainda o caminho que desejava seguir. Eu, que estava em volta das crianças pequenas e repensando seriamente meu lugar na educação, precisei parar e repensar novamente, uma grande oportunidade batia à minha porta e eu não estava disposta a desperdiçar.

Ocupar um local onde eu não fui criada para estar, me sentir segura e à vontade no meio acadêmico e seus eventos foi um processo gradual. A relação com a universidade, meus pares, professores, circulação de conhecimento, eventos (Um deles fora do país, no Uruguai) tornaram-se novas construções no meu processo de autoconhecimento e pertencimento.

A busca pela identidade perpassa todos os seres humanos — negros, brancos, índios, mulheres, homens, enfim todos nós passamos boa parte de nossa vida, e talvez ela toda, buscando nos encontrar como pessoas. Todavia há de se salientar que, para os negros, o descobrir essa identidade é algo difícil, principalmente no que tange a sua identidade racial. Sem a identificação com sua origem étnica, o negro foi se construindo a partir de um referencial que não é o seu, ou seja, ele foi forjando sua identidade na perspectiva do branco, grupo cultural, social e economicamente valorizado. Para tentar ver-se como ser incluído e reconhecido numa sociedade racista, o negro adquire valores da cultura branca e tenta escamotear o preconceito e a discriminação negando, muitas vezes, a cor de sua pele e, assim, negando a si mesmo. (MORAES, 2006, p.46-47)

Acima de qualquer título acadêmico, o mestrado me fez ir de encontro com a minha negritude, e em seguida compreender qual o lugar de fala que ocupo nos diversos espaços que frequento: família, universidade, escolas e círculos de amizades.

Não só compreender e refletir, mas também estar atenta e questionar a quase ausência de pessoas negras em alguns desses espaços, principalmente a mulher negra. Vivemos em um mundo onde nos é naturalizado a ausência, portanto, não sentimos falta, então, estar atenta às ausências bem como práticas racistas exige uma atenção e observação constante.

Também no mestrado fui me revestindo de um melhor arcabouço teórico para conseguir não só assumir e ocupar alguns espaços, principalmente o acadêmico, mas também saber me posicionar e combater falas de senso comum e piadas racistas, ao que antes eu preferia me calar e somente carregar o que ouvia, hoje já percebo uma profunda mudança em minha postura, mais segura, firme e combativa.

No mestrado, creio que a palavra que o define em relação às minhas práticas pedagógicas, é a reflexão. A relação entre professora/pesquisadora e escola me faz repensar

minha prática docente a todo instante, a pesquisa me traz observações que até então não acontecia, ou estava em um processo inicial, como por exemplo, o caminho que as meninas e meninos trilham para o futuro, seus sonhos, suas oportunidades ou não.

No mês de Abril de 2017 ingressei como professora de História na rede estadual de São Paulo, exonerei em Outubro do mesmo ano, ficando na rede apenas por seis meses. Apesar do pouco tempo como funcionária do governo do Estado, foi possível observar mudanças em minha postura e diálogo com os alunos. No período já estava cursando o mestrado, e diagnostiquei uma alteração na minha relação em sala de aula, propostas e conteúdos.

Em 2018, ingressei na prefeitura de São Paulo como professora de História em uma escola de Ensino Fundamental II, EMEF Dirce Genésio dos Santos. Entrar na prefeitura de São Paulo era um sonho antigo, e que agora se concretizara. Alguns percalços aconteceram no caminho, até chegar ao atual cargo, como: Em 2012 não entrei no concurso de Fundamental II por apenas 0,09 na nota de corte; em 2014 passei no concurso para professor de Educação Infantil e Fundamental I, ainda durante a complementação em Pedagogia, porém, fui convocada na primeira chamada e não houve tempo o suficiente para emitir o diploma e tomar posse, por fim, somente em 2018 finalmente consegui assumir o cargo que vinha almejando desde 2012.

Seria essa a escola em que eu aplicaria minha pesquisa de campo referente a pesquisa do mestrado, porém, não sabia o que encontraria pela frente, alunos, grupo de gestão, e colegas de trabalho. Para a minha sorte encontrei uma escola situada na periferia da zona Leste, no Jardim Iguatemi, uma escola que demonstra ter preocupação com a formação humana de seus alunos.

Este foi um ano intenso de reconhecimento espacial, estabelecimento de vínculos e estruturação de trabalho, alguns dos primeiros resultados, veremos a seguir, nos próximos subcapítulos, onde versarei mais especificamente sobre a escola e trabalho desenvolvido na mesma.

Portanto, meu caminho até aqui está sendo construído através de lutas, algumas derrotas, muitas vitórias, perdas e autoconhecimento. Não sei o que o futuro ainda me reserva, a dez anos atrás não imaginava estar sentada na frente de um computador escrevendo uma dissertação de mestrado para uma Universidade Federal, portanto, enquanto não sabemos, vamos ocupando, falando e compartilhando.

## 1.2 – Alunos: Quem são? De onde vieram? Como vivem?

Quando falamos sobre jovens e juventude, quais são os sujeitos a quem nos referimos? Aqueles que não querem saber de nada, que não se interessam pelos estudos formais e política, que não respeitam o ambiente escolar e a família? Seria mesmo essa a definição de juventude, ou melhor, juventudes?

Ou quando falamos sobre jovens estamos nos referindo àqueles que pegaram em armas contra as diversas ditaduras militares que se espalharam pelo mundo durante a segunda metade do século XX, inclusive no Brasil, à partir de 1964? São esses os sujeitos que estiveram envolta do surgimento do movimento HIP HOP e todo o contexto político de guerra e segregação racial, sim, eles eram sujeitos políticos, lutavam e ainda lutam contra as injustiças sociais.

Segundo Augusto César Rios Leiro, ao eleger o tema juventude, é necessário que leve em consideração suas distintas dimensões, como trabalho, educação e demais relações sociais que o constituem. (LEIRO, 2007, p.285)

Uma geração marcada pelas simultaneidades e multiplicidades das experiências de vida. E é justo, nessa perspectiva, que a ação juvenil e a cultura venham se configurando em temas emergentes de estudo com ênfase sociológica. (LEIRO, 2007, p.288)

Foi essa juventude que ocupou por volta de 200 escolas no ano de 2015 no estado de SP, contra uma reorganização escolar proposta pelo governador Geraldo Alckmin<sup>4</sup>. Mostraram um profundo descontentamento com a política do governador, demonstrando capacidade de articulação e organização, ganhando legitimidade e credibilidade em seus discursos.

Ainda são esses jovens que incomodaram uma grande parcela da classe média entre 2013 e 2014 ao ocupar espaços públicos marcando encontros coletivos, principalmente nos shoppings da cidade, esses encontros foram denominados “rolezinhos”<sup>5</sup>. Os jovens, que na época eram acusados de arrastões e perturbação da ordem pública deixavam um recado: queremos espaços de socialização, se eles não existem, vamos criá-los. Por fim, é ainda essa mesma juventude que se levanta atualmente nos EUA contra o porte das armas de fogo, posição que vai a descompasso com a atual política do presidente Donald Trump, conhecido por sua política conservadora, anti-imigrante e apoio a liberação do porte de armas no país<sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup> [https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/27/politica/1448630770\\_932542.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/27/politica/1448630770_932542.html) Acesso em 05/05/2018 às 14:13.

<sup>5</sup> Ibidem.

<sup>6</sup> [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/23/internacional/1521841230\\_139215.html?rel=mas](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/23/internacional/1521841230_139215.html?rel=mas) Acesso em 06/05/2018 às 15:12.

Esses exemplos foram somente para marcar que a juventude está em volta de importantes debates e construções de fatos históricos, apesar do discurso reducionista sobre sua falta de responsabilidade e consciência social. São eles que me fazem refletir quem são os jovens que encontro todos os dias em sala de aula. Essas reflexões são o eixo norteador para traçar o perfil dos alunos dos oitavos anos A, B e C da EMEF Dirce Genésio dos Santos.

Se a escola foi a principal responsável pelo surgimento das categorias de infância e juventude como se configuram atualmente, pode-se dizer que ela ainda continuaria a inventar e reinventar essas noções, porém, também ocorreria hoje um processo inverso em que os jovens e as crianças, que foram isolados desde o início dos tempos modernos para passarem por um período de formação moral e intelectual separado da sociedade dos adultos, recriariam tal espaço com suas novas demandas e práticas. Isto porque o isolamento de crianças e jovens permitiu a esses um contato maior entre si e o estabelecimento de redes de sociabilidade juvenis e infantis específicas que passaram a ter a escola como referência. (PEREIRA, 2010, p.11)

Ao traçar o perfil das turmas, utilizaremos aqui o conceito de estudos do tipo etnográfico, baseada no trabalho *Etnografia da Prática Escolar*, de Marli Eliza André. Neste trabalho a autora define os diferentes tipos de pesquisa qualitativa: pesquisa etnográfica, estudo de caso, pesquisa participante e pesquisa ação<sup>7</sup>. A autora conclui que em todas as correntes existe um plano de ação, baseado em objetivos, processo de acompanhamento, controle da ação desejada e concomitante relato do processo. (ANDRÉ, 2012, p.33).

A etnografia, um esquema de pesquisa ligada a Antropologia para estudar a cultura e sociedade, possui dois sentidos para os antropólogos: o primeiro seria um conjunto de técnicas para a coleta de dados referentes a valores, hábitos, crenças, práticas e comportamentos de um determinado grupo social, o segundo sentido é o relato transcrito advindo das técnicas empregadas. (ANDRÉ, 2012, p.27)

Porém, se o foco dos antropólogos é a descrição de práticas culturais de um determinado grupo, o conceito empregado à educação terá como preocupação o processo educativo. Portanto, conclui a autora, existe uma adaptação da etnografia à realidade educacional, fazendo não uma etnografia em seu sentido mais estrito, mas sim uma pesquisa do tipo etnográfico. (ANDRÉ, 2012, p.28)

É o conceito de pesquisa do tipo etnográfico que será empregado para traçar o perfil dos alunos dos oitavos anos.

As três turmas totalizam 96 alunos, com 32 em cada sala, divididos da seguinte maneira:

---

<sup>7</sup> Pesquisa ação: termo utilizado para definir a análise, coleta de dados e conceituação de problemas; planejamento da ação, execução e nova coleta de dados para avaliá-la; repetição desse ciclo de atividades.

8ºA 17 meninas e 15 meninos; 8ºB 16 meninos e 16 meninas e 8ºC 17 meninas e 15 meninos, existe uma preocupação por parte da escola no equilíbrio de gênero na composição da turma.

Os alunos e alunas, todos nascidos entre 2004 e 2005 possuem entre 13 e 14 anos, moram nos arredores da escola, portanto, possuem uma relação com o território onde a mesma está localizada e estão matriculados em sua maioria desde 1º ou 2º ano do Ensino Fundamental I no mesmo local.

Nas fichas cadastrais, estão registrados no campo raça/cor em sua maioria como brancos/brancas, seguido por pardos/pardas e nenhuma autodeclaração negro/negra.

Quando cheguei à escola, em Fevereiro de 2018, alguns comentários do corpo docente me chamaram a atenção, em suas diversas falas definiam a turma do 8ºA como excelentes, muito estudiosos, esforçados, inteligentes e focados, o 8ºB como uma turma mediana, porém, também ótima para se trabalhar, e por fim o 8ºC a sala mais difícil em termos de comportamento, com alunos mais agitados, falantes e com dificuldades.

Ao entrar em cada turma, elaborei um pequeno questionário para uma sondagem qualitativa, à fim de quebrar o gelo do primeiro contato, fazer um levantamento sobre seus gostos, relações com a escola e perspectiva de futuro.

No questionário constavam as seguintes perguntas:

1. – Você mora perto da escola?
2. – Desde quando estuda no Dirce?
3. – Caso tenha estudado nesta escola em 2017, escreva quais as atividades culturais promovidas pela Unidade Escolar mais gostou.
4. – Qual a profissão deseja seguir no futuro?
5. – Quais são os familiares que residem em sua casa?
6. – Em seus momentos de lazer, quais os grupos musicais, cantores e cantoras que mais gosta de ouvir?
7. – Já ouviu falar sobre o movimento HIP HOP? Explique onde surgiu, sua história e os principais representantes do movimento no Brasil, caso saiba.

Uma grande parte dos alunos e alunas são moradores dos arredores da escola, alguns moram na mesma rua e uma pequena parte em bairros vizinhos.

Entre 70 a 80% estudam na escola desde o 1º ano do ensino Fundamental I, sendo uma pequena parcela nas três turmas que vieram transferidos de outras escolas por motivos diversos. Essa informação pode mostrar a relação construída dos alunos com o espaço escolar. A maioria deles/as conhecem professores e funcionários da escola desde quando ingressaram,

estabelecendo assim uma rede de relações sociais.

Também é possível pensar que apesar das rupturas características das diversas mudanças que o aluno enfrenta ao mudar do ensino Fundamental I para o II, como por exemplo a alteração da referência de 1 professora em sala de aula na maior parte do tempo, a um total de 10 professores de disciplinas, como: Português, Inglês, Ciências, Matemática, História, Geografia, Educação Física, Arte, Informática e Sala de Leitura ainda conseguem manter uma certa continuidade acerca de relações humanas, sociais e institucionais. Afinal, estão no mesmo ambiente físico, mantiveram relações de amizade que já duram por volta de oito anos e muitos professores que hoje são seus especialistas, já era uma referência na escola, mesmo que visual, pelos corredores ou até mesmo através dos diversos projetos que a escola desenvolve, como docência compartilhada, Grêmio, times de *handball*, monitoria de informática e jogos de futebol e *handball* entre professores e alunos (Jogo este que a professora que escreve estas páginas participou durante todo o ano de 2018).

Todas essas ações colaboram para um estabelecimento de relações e pertencimento do grupo discente ao espaço escolar, sobre os projetos iremos tratar mais especificamente no próximo subcapítulo.

O ano de 2017 foi marcado por uma série de eventos e passeios, entre eles: Festival Literário, Aterro sanitário, visita do poeta Márcio Ricardo, as festas Besta 1 e Besta 2, Mostra Cultural e gincana. Os eventos que se destacaram pela popularidade entre os adolescentes são: mostra cultural, as festas Besta<sup>8</sup> 1 e 2 e por fim a visita do poeta Márcio Ricardo. Márcio é um poeta marginal com origem no Grajaú, e a empatia pela visita dele foi praticamente unânime em todas as turmas. Observar a empolgação dos alunos ao falar sobre o poeta me deixou atenta para o campo aberto para o trabalho desta pesquisa.

Sobre perspectivas de futuro, as três turmas desejam as mais variadas profissões. Algumas aparecem com uma maior frequência nas opções dos alunos, como: medicina, engenharia, jogador de futebol, policial, veterinária, jornalismo e enfermagem. Outras profissões de forma mais pontual, como: cientista, atriz, nutricionista, feirante, caminhoneiro, apresentadora, psicóloga, chef de cozinha, bióloga, mecânico, pedagoga e professora de Português. E por fim ainda aparecem algumas opções bem específicas, como: espião, jogador de vídeo-game, design de jogos, corredor de Fórmula 1, piloto de avião, astronomia e astrofísica. Seus gostos e curiosidades sobre o futuro profissional pode ser um termômetro sobre a realidade individual referente a construção social e familiar de cada um.

---

<sup>8</sup> Besta: Baile + festa.

A composição familiar é heterogênea, a grande maioria são oriundos de um núcleo mais tradicional composto por pai, mãe e irmã/irmão, ou padrasto, mas também houve o registro de uma composição mais diversa de família, com a presença de familiares como avós, avôs, tios, tias, primos, padrastos e madrastas vivendo em um mesmo ambiente.

Sobre seus gostos e influências musicais, essa seria uma pergunta importante e norteadora para o trabalho que seria desenvolvido. A relação dos alunos e alunas com a música mostrou-se complexa. Em um primeiro momento, ao serem perguntados se gostam de Rap, disseram que sim, porém, ao registrar, os ritmos que apareceram com uma maior frequência foram: funk (O mais citado); Pop, pagode e sertanejo. Em uma quantidade menor o rock seguido do Rap.

O Rap aqui em questão muitas vezes representado por grupos novos como Haikaiss e 1 kilo, mas também houve algumas poucas citações a Racionais, Dexter e Facção Central.

Os gostos musicais dos alunos mostraram um complexo emaranhado de influências que os mesmos estão expostos cotidianamente. Apesar do Rap, objeto de pesquisa desta dissertação não aparecer como o ritmo preferido, ao dialogar em sala de aula demonstram empatia e interesse pelo gênero musical, conhecem os grupos com uma maior circulação midiática atual, como os casos já citados de Haikaiss e 1 kilo, mas também conhecem de forma quase unânime figuras como Racionais MC's e Emicida.

A relação de complexidade se dá por diversos motivos, como por exemplo, a influência sofrida através dos conteúdos musicais reproduzidos nas rádios, e que se tornam seus gêneros musicais preferidos. Observo que os gostos musicais e acessos a bens culturais são profundamente recortados por influências de marketing e distribuição da indústria fonográfica, produzindo e formando gostos e opiniões de massa.

Uma das grandes características dos grupos de Rap que surgem nas periferias e continuam cantando para elas é a veiculação autônoma e independente do próprio trabalho, por questões como: falta de recursos para investimento e a negação em se permitir veicular em circuitos abertos de TV. Algumas exceções acerca desta veiculação hoje são os rappers Emicida, Criolo e mais recente Rincón Sapiência, que estão conseguindo inserção em diversos meios de comunicação.

Por fim, sobre o movimento HIP HOP praticamente todos disseram já ter ouvido falar, não sabiam dizer ao certo do que se tratava, alguns entendem que Rap e HIP HOP são sinônimos. Apenas um aluno entende o grupo Racionais MC's como um dos representantes do movimento no Brasil. Apesar do desconhecimento inicial, demonstraram interesse em



conhecer, aprender e usar as influências do movimento no processo de ensino de História.

As incoerências nesta última questão nos leva a refletir que estes alunos estão influenciados pelo movimento HIP HOP cotidianamente de diversas formas, como: grafite nos muros da cidade, pichação, músicas que ouvem ou grupos que conhecem, vestuário, porém, não compreendem e assimilam que todas essas influências possuem uma origem, e essa origem é o movimento HIP HOP.

Na sala de aula, a construção de vínculo é o primeiro e principal recurso a ser desenvolvido, sem vínculo, dificilmente será possível trazer novas propostas. Na construção deste vínculo, a figura da professora Josélia foi fundamental no processo. Professora da escola por volta de oito anos e da prefeitura de SP por vinte e três, possui um grande arcabouço teórico e de vivências em sala de aula, e que em nenhum momento se negou a compartilhar com uma professora ingressante. Ela me introduziu no universo da escola, me apresentou para os alunos e nos colocou em pé de igualdade em todos os sentidos: profissionais, humanos e acadêmicos.

A partir da relação que começou a ser construída, muitos diálogos foram estabelecidos possibilitando aproveitar esses momentos para compor a pesquisa qualitativa.

Em sala de aula, alguns temas foram alvo de debates, como: gordofobia<sup>9</sup>, homofobia<sup>10</sup>, racismo<sup>11</sup>, machismo<sup>12</sup> e direitos sociais.

Os alunos costumavam ainda no início do ano fazer piadas de cunho racista, a justificativa era sempre a brincadeira. Através de muitos diálogos tais brincadeiras já não são recorrentes, ao contrário, quando algum aluno ainda reproduz algumas falas e piadas é comum a correção partir dos próprios colegas, sem a necessidade da intervenção imediata da professora.

Foi possível observar que adolescentes reproduzem o que ouvem em seus círculos sociais sem ao menos saber o real significado do que falam, como por exemplo, quando fazem referência a outro colega de cabelo ruim ou cabelo duro. É possível perceber que ao terem contato com uma nova perspectiva de visão de sociedade, se mostram abertos a repensar suas práticas a ponto de já ter acontecido diálogos como: “sou branco e tenho orgulho de saber que meu avô era negro e que hoje o sangue dele corre em minhas veias” L. 13 anos; “Vi na internet o absurdo de uma criança negra sendo rejeitada em um parquinho por crianças brancas na Espanha”, R.13anos; ‘Vivemos em uma sociedade injusta e racista professora’,G. 13 anos; “Me reconheço como negro de pele clara, por causa dos meus traços, gosto do meu cabelo e não

---

<sup>9</sup> Gordofobia: Preconceito em relação às pessoas gordas.

<sup>10</sup> Homofobia: Preconceito em relação a orientação sexual de um determinado indivíduo.

<sup>11</sup> Racismo: Discriminação social baseada na cor da pele ou fenótipo, baseado em uma suposta diferença entre raças humanas, e na superioridade de uma delas às demais.

<sup>12</sup> Machismo: Comportamento que tende a negar à mulher os direitos concedidos aos homens.

suporto ninguém colocando a mão”, V.13 anos.

O mesmo ainda não é possível dizer de forma tão satisfatória sobre questões de gordofobia, machismo e homofobia. Ainda reproduzem muitas piadas que fazem referência à uma determinada orientação sexual.

Quanto a gordofobia, fazem piadas ou apelidos com alunos e alunas acima do peso, apelidos como “gordinho” e risadas logo em seguida são recorrentes. A retomada do tema precisa ser constante para que não se perca ou entre no esquecimento.

Por fim, o machismo está presente na fala de muitos meninos, quando perguntam ao colega se “catou” uma determinada menina, ou que uma determinada colega se enquadra ou não no padrão de “gostosa”.

Por outro lado, é possível perceber um posicionamento das meninas quanto às possíveis atitudes dos meninos. Elas reclamam, brigam, pedem apoio das professoras, discordam e se mostram ofendidas quando assediadas ou tratadas de forma pejorativa.

Isso mostra um novo olhar e construção do feminino, que não aceita passivamente nem normaliza ações de cunho machista. É importante observar que a escola pode ser um grande ambiente propagador de práticas machistas ao repreender uma determinada aluna por causa do tamanho de sua blusa ou rasgo na calça mas não vê como problema a ser combatido um menino que assedia uma colega no horário do intervalo.

Portanto, pensar juventude é pensar sociedade, estruturas políticas e humanas, é compreender que são o reflexo do mundo adulto que os rodeia, e nós como sociedade responsável por sua formação ética e cidadã devemos antes de rotulá-los como bagunceiros, aborrecidos, desinteressados e desrespeitosos repensar nossas próprias práticas humanas.

### 1.3– Alguns muros e paredes também conhecidos como Escola.

O dicionário Houaiss (2009) define a palavra “território” como uma grande extensão de terra; área de um distrito, cidade, país. (FRANCO, 2009, p.724) E é dentro deste território que as relações sociais e de poder se constituem.

Segundo Henrique Cunha Júnior:

Na cidade cada bairro tem fisionomia própria, tem cultura própria e desenvolve relações particulares como o conjunto da sociedade. As populações afrodescendentes foram, ao longo da história, compelidas a áreas segregadas dentro da cidade. Segregação imposta por políticas públicas, por reformas urbanas, ou pelo descaso e abandono das políticas públicas. (JUNIOR, 2007, p.169)

Ainda segundo Henrique, um mapa étnico define os grandes espaços urbanos das cidades brasileiras. As relações sociais são particulares, pois estão estabelecidas e moldadas por uma história étnico-racial. (JUNIOR, 2007, p.169)

Dentro deste caldeirão étnico a sociedade brasileira apresenta profundas desigualdades, advindas do período escravista, que durou quase quatro séculos, e que permanece nos dias atuais de diversas maneiras, como por exemplo, as grandes periferias brasileiras ainda serem formadas majoritariamente pela população negra. (JUNIOR, 2011, p.1)

Nas periferias as relações e organização do espaço são estabelecidas aos poucos, essa cultura que circula entre os sujeitos torna-se evidente através da construção de casas, comércios, igrejas, postos de saúde, festas regionais e prédios escolares, por vezes construídas de forma improvisada e sem planejamento.

O espaço escolar acaba por ser um lugar onde todas essas construções de poder, racismo, desigualdade, violência, mas também cultura, debate e resistências aparecem. Neste local convivem indivíduos representantes de todas as classes sociais, etnias e credos. Portanto, ela deveria valorizar e respeitar os valores provenientes desses diferentes segmentos sociais. Porém, enquanto instituição igualitária, reflete os valores sociais que foram historicamente impostos por uma classe dominante. (MORAES, 2006.p.28)

O Jardim Iguatemi não foge à regra, sua origem remete à construção histórica de um bairro periférico formado por uma população invisibilizada pelo poder público.

A palavra “Iguatemi” vem do Tupi e significa rio ondulante ou rio sinuoso<sup>13</sup>. É essa palavra indígena que dá o nome do bairro onde está localizada a escola EMEF Dirce Genésio

---

<sup>13</sup> <https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/iguatemi/> Acesso em 03/05/2018 às 17:24.

dos Santos.

Abaixo o mapa mostra a atual formação da zona leste de São Paulo, formada pelas subprefeituras de Itaquera, Guaianases, São Matheus, Itaim Paulista, Mooca, Aricanduva, Vila Prudente, Penha, Ermelino Matarazzo, São Miguel e Cidade Tiradentes.

**IMAGEM 1 – Mapa da Zona Leste de São Paulo**



Fonte: <http://www.zonalestedesp.com.br/mapa-da-zona-leste-de-sao-paulo/> Acesso em 21/01/2019 às 21:43.

Para pensar a formação do bairro do Iguatemi é necessário um recuo no tempo e espaço e ir até a formação do bairro de Guaianases.

O bairro de Guaianases nasceu de um aldeamento indígena, com a presença dos jesuítas cumprindo a missão de apoio aos portugueses em dominar os territórios e catequizando os indígenas que habitavam a região. No início do século XX houve a extinção total dos indígenas, acabando com o aldeamento em 1920<sup>14</sup>.

As terras foram transferidas a brancos particulares e tornou-se parada e pousada de viajantes. Uma Igreja foi erguida em homenagem a Santa Cruz do Lajeado, nome pelo qual ficou conhecida a região. O crescimento ocorreu de forma lenta e gradual, instalaram-se olarias nas imediações e receberam os trilhos da Estrada de Ferro Norte<sup>15</sup>.

A partir da década de 1940 o bairro tornou-se cada vez mais populoso, sem oferecer condições de trabalho para a população, ganhando a fama de bairro – dormitório. Em 1948 oficialmente ganhou o nome de Guaianases, homenagem aos indígenas que ali habitavam e foram dizimados<sup>16</sup>.

Assim nasce o Jd. Iguatemi, do loteamento e divisão do antigo bairro de Guaianases.

<sup>14</sup> <http://www.spbairros.com.br/iguatemi/> Acesso em 03/05/2018 às 17:36.

<sup>15</sup> Ibidem.

<sup>16</sup> Ibidem.

Um bairro não planejado e que se tornou o refúgio de migrantes e imigrantes que não tinham condição de viver no centro da cidade.

Hoje o Jardim Iguatemi está localizado na zona leste da cidade de São Paulo, é um distrito que pertence à subprefeitura de São Matheus. Segundo último recenseamento de 2010, a área de 19,60 km abriga uma população de 127.662 habitantes<sup>17</sup>.

No site da prefeitura, a formação da população da região é definida por moradores migrados da região Nordeste do país, Minas Gerais, Paraná e interior de São Paulo, e ainda alguns descendentes de japoneses e libaneses<sup>18</sup>.

Podemos observar através do mapa abaixo os bairros que fazem atualmente divisa com o Jd Iguatemi: Jd Augusto, Jd São João, Jd. da Laranjeira, Jd Nova Vitória, Jd Alto Alegre e arredores: Pq Boa Esperança e Jd da Conquista.

**IMAGEM 2 – Mapa do Jardim Iguatemi e bairros vizinhos**



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=logcaliza%C3%A7%C3%A3o+jardim+iguatemi&oq=logcaliza%C3%A7%C3%A3o+jardim+iguatemi&aqs=chrome..69i57.5501j1j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8> Acesso em 21/01/2019 às 22:05.

É neste contexto de loteamentos não planejados, migrantes e imigrantes de diversas regiões que a EMEF Dirce Genésio dos Santos iniciou seu exercício em 15 de Maio de 2000. A escola nasceu dentro de dois contextos: uma demanda populacional cada vez maior na região, que a escola mais próxima EMEF Professor Felício Pagliuso não conseguia mais atender e

<sup>17</sup> [http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/regionais/subprefeituras/dados\\_demograficos/index.php?p=12758](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/regionais/subprefeituras/dados_demograficos/index.php?p=12758) Acesso em 03/05/2018 às 21:40.

<sup>18</sup> [http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/regionais/sao\\_mateus/noticias/?p=3912](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/regionais/sao_mateus/noticias/?p=3912) Acesso em 03/05/2018 às 17:20.

também a política de eliminação das turmas de segundo turno, que cumpriam o horário de 11:00 às 15:00, portanto, para a eliminação destas turmas surge a necessidade de ampliação da rede física, nos horários matutino e vespertino<sup>19</sup>

A construção da escola ocorreu em caráter emergencial, com material galvanizado modular, com a promessa de uma construção definitiva em alvenaria no futuro próximo.

Em Junho de 1999 chegaram os primeiros funcionários da nova Unidade Escolar, à fim de organizar sua abertura e acolhida à comunidade: Diretora, Coordenadora, Auxiliar de Ação Educativa, Auxiliar de direção e Agentes Escolares, e no mês seguinte as primeiras quatro professoras e dois professores<sup>20</sup>.

Após a inauguração, no primeiro ano letivo no ano de 2000 a escola propôs uma série de ações educativas que envolviam toda a comunidade: docentes, discentes, pais e mães, Coordenação Pedagógica, Auxiliares de Direção, Agentes Escolares e Direção. Estas ações visavam o contínuo aperfeiçoamento do grupo docente; o Recreio Dirigido, um momento de integração e brincadeiras entre as crianças; Iniciação à Arte Educativa e momentos de formação para os demais funcionários da Unidade Escolar<sup>21</sup>.

Com o aumento da demanda dos anos seguintes, a escola não conseguiu manter todas essas ações, porém, o Recreio Dirigido ainda é uma prática na UE. Para que a proposta seja mantida existe o apoio dos agentes escolares e alguns recursos com materiais diversos como: mesas de ping-pong, cestas de basquete, jogos e brinquedos.

Somente no ano de 2006 a escola foi transferida para o prédio definitivo, construído no terreno ao lado da instalação provisória. As novas dependências passaram a contar com um maior número de salas de aulas e também novos espaços como Sala de Leitura, Informática, Quadra Poliesportiva e salas apropriadas para a acomodação do grupo docente, gestor e secretaria<sup>22</sup>.

No novo prédio os serviços de atendimento à comunidade também foram ampliados, e desde 2007 iniciou-se as salas de Fundamental II, formadas pelos próprios alunos da escola que migram do Fundamental I<sup>23</sup>.

A partir de 2011 a escola passou a fazer parte do Programa Ampliar da rede municipal

---

<sup>19</sup> PPP – Projeto Político Pedagógico - Educando para a valorização e respeito às diferenças. EMEF Dirce Genésio dos Santos. p.7.

<sup>20</sup> PPP – Projeto Político Pedagógico - Educando para a valorização e respeito às diferenças. EMEF Dirce Genésio dos Santos. p.8.

<sup>21</sup> Ibidem.

<sup>22</sup> Ibidem.

<sup>23</sup> PPP – Projeto Político Pedagógico - Educando para a valorização e respeito às diferenças. EMEF Dirce Genésio dos Santos. p.9.

de SP. O projeto tem como objetivo ampliar o tempo de permanência do aluno na escola com atividades diversificadas no contraturno. Desde então a escola já contou com diversos projetos: Recuperação Paralela de Português e Matemática, Iniciação Esportiva, Grêmio, Xadrez, Imprensa Jovem, Aluno monitor – informática educativa, Robótica, Aluno mediador, Youtuber da Leitura, Cinema na Escola, Formação Cidadã e Dança do Ventre<sup>24</sup>.

Atualmente o Programa Ampliar recebeu um novo nome: Mais Educação em São Paulo, e em 2018 a escola desenvolveu os projetos de Recuperação Paralela de Matemática, Aluno mediador de leitura, Clube de Leitura, Youtuber da Leitura, Aluno monitor de informática, Robótica, *handboll*, Teatro e Desenho Básico<sup>25</sup>.

Durante os dezoito anos de vida, a escola criou uma relação de confiança com a comunidade do entorno, a ponto de contar com salas superlotadas, acima da capacidade estabelecida pela portaria, devido à grande demanda por vagas. Os discentes da escola em sua grande maioria iniciam e terminam seus estudos na unidade, havendo poucas saídas e transferências durante o percurso escolar e quando ocorrem, geralmente por motivos de mudança de bairro, cidade ou estado<sup>26</sup>.

A EMEF Dirce Genésio convive diariamente com os desafios impostos às escolas públicas como superlotação, desigualdade e violência, porém, há um compromisso visível que move os diversos sujeitos ali presentes com o bem estar social e comprometimento com o futuro dos educandos, o que garante suas boas ações pedagógicas diárias.

---

<sup>24</sup> PPP – Projeto Político Pedagógico - Educando para a valorização e respeito às diferenças. EMEF Dirce Genésio dos Santos. p.9.

<sup>25</sup> Ibidem.

<sup>26</sup> Ibidem.

## CAPÍTULO II - CONTEXTO HISTÓRICO E MOVIMENTOS SOCIAIS

### 2.1 O movimento Hip Hop: Jamaica, Estados Unidos e Brasil.

*Eu sou o primeiro ritmo a formar pretos ricos.  
O primeiro ritmo que tornou pretos livres.  
Anel no dedo em cada um dos cinco.  
Vento na minha cara eu me sinto vivo  
A partir de agora considero tudo blues  
O samba é blues, o rock é blues,  
o jazz é blues,  
o funk é blues, o soul é blues.  
Eu sou Exu do Blues.  
Tudo que quando era preto era do demônio  
E depois virou branco e foi aceito eu vou chamar de Blues  
É isso, entenda  
Jesus é blues  
Falei mermo.  
Bluesman - Baco Exu do Blues*

Baco, ao narrar que tudo é blues, o samba, rock, jazz, funk e soul busca suas origens, para que através da ancestralidade possa construir e reconstruir sua identidade, que canalizará em sua musicalidade e no próprio “ser”. Neste subcapítulo olharemos para o passado histórico do movimento HIP HOP, e assim compreender os recortes históricos e sociais em que inicia-se o movimento.

Quando pensamos ou falamos em cultura de periferia, ou, cultura produzida na e para a periferia, é indissociável a relação entre esta e o movimento HIP HOP, mesmo quando algumas definições não estejam óbvias para a sociedade, como: Qual a diferença entre HIP HOP<sup>27</sup> e Rap<sup>28</sup>? Ou, qual a relação entre HIP HOP/ Rap e *graffiti*?

No decorrer da presente pesquisa, essa deficiência de informação e conhecimento mostrou-se recorrente em diversos momentos, seja em conversas nas salas dos professores, na aplicação da pesquisa de campo ou oficinas com alunos de escola pública. Fato é, que essa cultura HIP HOP, que muitos não conseguem definir, incoerentemente está presente no cotidiano da maioria dos jovens, seja através de suas roupas, no melhor estilo *street*<sup>29</sup>, na linguagem coloquial<sup>30</sup>, nas referências musicais, no estilo de dança e movimentos corporais, nos espaços públicos que circulam onde é possível observar ao redor e encontrar muitos *graffittis* ou pichações.

<sup>27</sup> HIP HOP: Balançar os quadris.

<sup>28</sup> RAP: Do inglês *rythm and poetry*, que traduzido para o português significa ritmo e poesia.

<sup>29</sup> Estilo de roupas e acessórios que jovens de diversas faixas etárias usam para demarcar um estilo ou território.

<sup>30</sup> Linguagem informal fora dos padrões formais da língua portuguesa.



As populações deixadas à margem da sociedade, além das dificuldades sociais que lhes são impostas diariamente, também demonstram possuir no tempo e espaço poder de se transformar, reinventar e produzir cultura.

Guardada as devidas proporções, econômicas e culturais, há semelhanças entre Brasil, Jamaica e EUA no que tange a territorialização de regiões periféricas. Esses países possuem marcado em suas histórias o sangue de pessoas escravizadas, arrancadas do seio de sua terra natal, o continente africano. Nos três contextos o processo abolicionista ocorreu através de revoltas, rebeliões e resistências.

Inicialmente é necessário voltar os olhos para a Jamaica e sua realidade social e cultural do início do século XX:

Há que se observar que na Jamaica a partir dos anos 20/30 do século XX, ao mesmo tempo em que emerge o novo homem urbano – trabalhador “bauxite”, trabalhador dos portos, operário fabril – emergem também os jovens talentos musicais que transitam pelo fenômeno dos *rude boys*– rapazes com idade entre 14 e 30 anos que migravam para a capital, sem prática de trabalho especializado de qualquer espécie e que, sendo o nível de desemprego de 35%, passavam à vida de rua, com suas navalhas mortais, em meio a muito rum, insolência e ganja. (FILHO, 2004, p.6)

É na urbanização, falta de oportunidade e especialização para o mercado de trabalho, desemprego e violência entre gangues que esses jovens passam a criar canções que falavam sobre a própria realidade social. A música apresentava-se como uma das poucas opções ou distrações para a exposição a diversos riscos, como miséria, violência e estimativa de vida curta em que estavam expostos. O reggae jamaicano transmite através de suas letras mensagens de reflexões políticas, possui em Bob Marley sua principal referência, e se torna um canal de manifestação do descontentamento dos negros que viviam em guetos urbanos, bem como também para a sua afirmação cultural e política.

Para a divulgação dessa música produzida por jovens, são utilizados os *sound-systems*, caminhonetes equipadas com caixas de som e amplificadores. Ali o DJ animava os eventos, selecionava as músicas a serem tocadas e fazia o papel do mestre de cerimônias. (FILHO, 2004, p.9)

Nos toca-discos os animadores de festas criavam ou recriavam linhas rítmicas, e por cima delas entoavam discursos de improviso. O que era apenas uma animação e chamada para a diversão tornava-se palco para reflexão social, política e histórica, e que será transportado além mar.

A imigração do DJ jamaicano Kool Herc para os Estados Unidos no início da década de 1970 marca o que seria posteriormente o pontapé do movimento HIP HOP. O DJ leva a técnica

dos *sounds-systems* jamaicanos, que se encontra e ganha espaço em meio à cultura negra estadunidense, marcada pelo blues, jazz, funk e soul. (FELIX, 2005,p.66)

Os anos da década de 1960 foi um período de tensão e luta para as pessoas negras nos EUA. A segregação racial marcava a sociedade, bem como perseguições e mortes em nome de uma superioridade racial branca.

Além da segregação racial, a história do país também está marcada pela longa guerra do Vietnã, que ocorreu entre 1965 e 1975 e a Guerra Fria, a corrida pelo poder entre EUA e a então URSS. Sob a justificativa do medo da expansão do comunismo, a intenção do governo era derrotar o Vietnã do Norte e fazer a manutenção do capitalismo no Vietnã do Sul. Não só perdeu a guerra como acabou enviando milhares de jovens para a morte, produzindo mutilados e traumatizados de guerra e viciados em drogas ilícitas. Em razão do fracasso da guerra, protestos de pessoas contrárias ao conflito ocorreram por todo o país, como é o caso do boxeador negro Mohammed Ali, que foi preso ao se recusar lutar na guerra. (FELIX, 2005, p.65-66)

Além dos problemas que a guerra do Vietnã trouxe para o país, a comunidade negra e sua luta sofreu com a perda de dois grandes líderes, Malcolm X, morto em 1965 e Martin Luther King Jr, morto em 1968. A luta pacífica torna-se uma realidade cada vez mais distante para a resistência negra, afinal, como reagir com pacividade a impunidade de milhares de pessoas negras mortas?

Neste contexto, é criado o Partido dos Panteras Negras em Oakland, Califórnia. Os Panteras chegaram a fundar escritórios em todos os estados americanos, alcançando abrangência nacional. Eles atuavam fazendo patrulha armada para monitorar as ações dos oficiais do Departamento de Polícia e desafiavam a brutalidade policial. (FERNANDES, 2014, p.89)

Os Panteras Negras fazem parte de uma proposta que ganha força entre a população negra, o chamado movimento *Black Power* (Poder Negro). A reivindicação era de que os negros pudessem decidir os rumos de sua própria comunidade, sem determinações, validações ou influência branca. Os *Black Panthers* sofreram com grande repressão, mas influenciaram e marcaram o movimento HIP HOP.

Nos guetos estadunidenses, o espaço musical pré movimento HIP HOP não era ocupado pelas lendas do rock, como Elvis Presley, quem reinava entre a população negra era James Brown. No Brasil, o movimento *Black Power* já começa a influenciar os bailes *blacks* de São Paulo e Rio de Janeiro. Os bailes, que reuniam pessoas de diversas regiões ofereciam a oportunidade de distração, diversão e acima de tudo, construção de identidade negra. Nomes e

movimentos importantes como Jorge Ben Jor, Simonal e o bloco Ilê Ayê na Bahia, contribuem para a exaltação da beleza e identidade negra.

Em razão do sucesso de ritmos afro-americanos, como o funk e soul, Kool Herc, que trás em sua bagagem jamaicana o reggae, precisou adaptar seu estilo para a realidade local. Nas festas de rua que promovia no Bronx, passou a cantar seus versos sobre partes instrumentais das músicas mais populares na região.

Além da música, as gangues de *break dance*<sup>31</sup> já estão presentes nos guetos na década de 1960, elas batalhavam para definir quem exibia a melhor dança. Em sintonia com a música e dança, surge o *graffiti*, inicialmente com a *tag* (assinatura), consistia na arte do desenho e escrita em qualquer espaço público, como muros, paredes e até meios de transporte, como os trens. Os jovens passam a pichar as paredes com seus nomes em Nova York. O precursor foi um jovem chamado Demetrius, que pichava “Taki 183”. O significado: Taki era um pseudônimo de Demetrius e 183 o número da casa em que morava. (FELIX, 2005,p.64)

Logo as *tags* transformaram-se em códigos que as gangues jovens usavam para demarcar território. São introduzidos desenhos às pichações, as letras passam a ser mais elaboradas, coloridas, quebradas e grandes, uma das intenções seria dificultar a leitura de quem não faz parte do meio. Até hoje torna-se um exercício interessante tentar decifrar as letras grafitadas ou pichadas pelas ruas das metrópoles.

Os jovens que se identificavam com o movimento que oferece não somente música, mas cultura e debate político, passam a se organizar em nações. As nações eram associações que tinham por finalidade estruturar e divulgar o movimento HIP HOP. A Zulu Nation, fundada por Afrika Bambaata, existe desde a década de 1970, e tornou-se a maior organização de HIP HOP do mundo. (FERNANDES, 2014,p.90)

Nos EUA, mais especificamente Nova York, os guetos são formados por pessoas negras e imigrantes latinos, de países como México e Porto Rico. No Brasil, as periferias da região Sudeste são formadas principalmente por famílias nordestinas que migram em busca de sobrevivência e melhores condições de vida, como é o caso por exemplo do Jardim Iguatemi onde leciono e local em que a pesquisa de campo da presente dissertação foi realizada.

Portanto, apesar das diferenças geográficas, econômicas, sociais e culturais, percebemos um mesmo perfil nas regiões periféricas: pessoas migrantes e imigrantes, em busca de melhores condições de vida, mas que sofrem preconceito em razão de sua etnia ou cor de pele, e por isso são deixadas à margem de uma determinada sociedade.

---

<sup>31</sup> *Break Dance*: estilo de dança de rua.

No Brasil, a música parece fazer parte do DNA do povo brasileiro, e provavelmente, o faz. Desde a invasão portuguesa, a música é elemento cultural que pessoas negras escravizadas e trazidas forçadamente ao país de diversas partes da África não deixaram para trás. Nosso ritmo e dança são marcados pelos cantos negros, batuques e ritmo africanos. Foram nos terreiros e senzalas que nossa herança musical foi construída. Mesmo quando proibidas as manifestações, a resistência manteve-se firme, o resultado é a presença negra desde o lundu, jongo e maxixe até o maracatu, baião, choro, samba, axé e pagode.

Porém, a música e tradições culturais africanas presentes nas periferias brasileiras incomodavam, e ainda incomodam as elites brasileiras. Segundo Amailton Magno e Salloma Salomão:

Se havia uma certa tolerância com os cultos de traço nitidamente católico, as práticas religiosas identificadas como fetichismo ou feitiçaria, a exemplo dos cultos de Umbanda ou do Candomblé, eram abertamente perseguidas ou viviam sob o olhar vigilante dos órgãos policiais. (AZEVEDO; SILVA:1999,p.69)

Porém, mesmo com as ações de proibição e vigilância constante do estado às manifestações culturais e religiosas de matriz africana, essas pessoas já haviam aprendido anteriormente o significado de resistir e reexistir, através da perpetuação cultural, transmitida entre gerações, através de quilombos e rebeliões. É neste contexto de resistência, ocupação de espaços e grandes periferias que o movimento HIP HOP chega ao Brasil à partir da década de 1980, inicialmente em São Paulo.

Ana Lúcia Silva Souza aponta o contexto sociopolítico brasileiro que data da chegada do movimento HIP HOP no Brasil. O país passava por um processo de redemocratização após um período de vinte anos de ditadura militar. Crescia as ações grevistas ligadas aos movimentos populares em razão da hiperinflação, desemprego e baixa condição de vida e as ações dos sindicatos, principalmente na região do grande ABCDMR, principal polo da metalurgia (SOUZA, 2009, p.70). Além disso, intensifica-se as ações do movimento negro em diversas vertentes como encontros para debates e reflexões, produção de materiais impressos e atuação em partidos políticos.

Além disso, para o movimento social negro, a primeira metade de 1980 foi marcada pela intensificação das críticas contra o racismo, por meio de atos que denunciavam, reivindicavam e propunham ações em favor da população negra. Ocorria uma série de encontros nas sedes de sindicatos, salões de igrejas e nos centros acadêmicos de algumas faculdades, geralmente à noite ou em finais de semana, invariavelmente acompanhados de leituras e discussões que pudessem servir como subsídios para entender a condição de classe e de raça no Brasil. Nas reuniões, começaram a

proliferar materiais escritos, muitos ainda mimeografados, que circulavam de mão em mão: boletins, informativos, resenhas de livros, poesias de autores/as negros/as. Havia o engajamento de parte dos ativistas não apenas no MNU, mas também nos partidos, principalmente no Partido dos Trabalhadores – PT, algo novo e promissor no meio político de então.(SOUZA, 2009, p.76)

É em meio a uma nova realidade política, mas ainda de futuro incerto e de ações de combate ao racismo e articulação do movimento negro com outras frentes como parcerias acadêmicas e políticas que o movimento HIP HOP ganha espaço no centro urbano de São Paulo, em meio às rodas de *break* da Rua 24 de Maio e praça São Bento no centro de São Paulo, ponto de encontro de jovens moradores de diversos bairros da cidade.

Nomes como DJ Hum, Thaíde e Nelson Triunfo marcaram a primeira geração do Rap e movimento HIP HOP no país, seguidos pela geração da década de 1990 representados por grupos como Os Racionais Mc's, Realidade Cruel e Face da Morte dentre outros.

No Brasil, como nos Estados Unidos, esses jovens começaram a se organizar no que chamamos de posses ou *crews*. Porém, essas organizações vão além da música e divulgação do movimento HIP HOP, articulam atividades políticas e comunitárias.

O Rap e o movimento HIP HOP passam a ocupar espaço nos debates curriculares no Brasil, e trabalhos relacionando a escola e o movimento HIP HOP são produzidos, como por exemplo o livro *Rap e educação Rap é educação* organizado por Elaine Nunes de Andrade e a pesquisa de Ana Lúcia Souza “*Letramentos de Reexistência: Culturas e Identidades no Movimento Hip Hop*”.

Portanto, o Rap e o movimento HIP HOP firmaram-se para além dos meios musicais ou de produção cultural, também ganharam espaço no debate curricular educacional, na busca da identidade e afirmação da negritude brasileira, colaborando para a construção de novos saberes produzidos nos espaços escolares e dando visibilidade também a novos rostos, reverberando em saberes históricos produzidos nesses espaços.

## 2.2 - Ensino de História: Escola, Currículo e Movimentos Sociais

Em 24 de Maio de 2018 foi publicado pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp a obrigatoriedade do álbum completo “Sobrevivendo no Inferno” dos Racionais Mc’s como leitura obrigatória para o vestibular de 2020 da referida universidade, na categoria poesia, ao lado de Luís de Camões e Ana Cristina Cesar<sup>32</sup>. É a primeira vez que um álbum musical torna-se obrigatório no vestibular. Em razão disso, poucos meses após a notícia é lançado em 31 de Outubro de 2018 pela Companhia das Letras o livro de 160 páginas, com as letras do álbum na íntegra e fotos inéditas do grupo.

Este acontecimento torna-se um momento histórico para esta pesquisadora, afinal, ocorre no ano em que se completa 130 anos de abolição, 15 anos da promulgação da lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e durante a escrita de uma dissertação que propõe discutir a relação entre Rap e sala de aula. Mas o momento único vai além, é um marco histórico para a Universidade, que se abre e reconhece a legitimidade deste trabalho, para o grupo Racionais Mc’s, que dificilmente imaginou ocupar tais espaços quando iniciou a carreira na década de 1990, e por fim para o Movimento Negro.

Todas as vezes que a cultura negra e periférica ocupa novos espaços, é uma vitória para as várias frentes do Movimento Negro, que age como educador nos parâmetros de Nilma Lino Gomes, como veremos a seguir.

A presença dos Racionais no vestibular da Unicamp tornou-se um exemplo de ocupação dos movimentos sociais. Neste subcapítulo olharemos para a relação entre escola, currículo e movimentos sociais.

Os currículos escolares tornaram-se espaço de disputa de poder e representatividade, e é neste local onde os movimentos sociais passam a tensionar e também exigir seu lugar de fala, por isso, não é possível dissociar a relação currículo/política/sociedade.

Em “Ações Coletivas e conhecimento: Outras pedagogias?”, Arroyo reflete sobre as fronteiras entre ações coletivas e conhecimento. Segundo o autor, há um padrão do “poder-saber” na lógica política de “dominação-subordinação”. Esta lógica, que inferioriza coletivos populares, impulsiona-os a elaborar novas formas de “pensar-se” e “con-formar-se”, à fim de produzir novos pensamentos e outras pedagogias, formadoras e emancipadoras. O autor destaca o papel transformador dos coletivos sociais em uma reconfiguração dos sistemas sociais, que

---

<sup>32</sup> <https://www.unicamp.br/unicamp/clipping/2018/05/24/racionais-no-vestibular> Acesso em 13/01/2019 às 19:15.

em sua estrutura optam pela seleção e exclusão, os coletivos não só rompem com essa lógica como trazem novos debates nos campos de produção de conhecimento. (ARROYO, 2009, p.1-2)

Pensamento legitimado pelas teorias pedagógicas e a educação escolar como o percurso do polo negativo da incultura, para a cultura, da ignorância para o saber, da irracionalidade para a racionalidade. Conformer na criança educada o adulto civilizado. Esse pensamento sobre os Outros como objetos naturais e as dicotomias inferiorizadoras entre primitivos e civilizados persiste nas formas de pensar as crianças e adolescentes e seus coletivos sociais, étnicos, raciais, de gênero, das periferias e dos campos. Persiste como o pensamento que os configura. (ARROYO, 2009, p.3. )

As pedagogias, mesmo as progressistas tendem a lidar com os movimentos populares de forma salvacionista, almejam tirá-los da ignorância e levá-los ao conhecimento, arrancá-los da inferioridade e condição primitiva e alçá-los à verdade e conhecimento. Ainda lidam segundo o autor com os movimentos populares como “Os outros”, e o “Nós” deverão salvá-los da escuridão.

Por aí suas presenças afirmativas colocam desafios no campo do conhecimento. Sua presença organizada, coletiva em nossas sociedades se tornou tão incômoda por ser presença afirmativa, logo reação a um pensamento que produziu e legitimou seu ocultamento e sua negação como sujeitos, como humanos. Obrigam a conformar outras formas de pensá-los. Os significados de suas afirmações inauguram outro pensamento, que trazem para o debate político-epistemológico. Como tornar visível esse outro pensamento, esse auto-conhecimento e essa desconstrução das formas legítimas de pensá-los? Com que pedagogias? Poderão ser as mesmas com que foram ocultados, inferiorizados? (ARROYO, 2009, p.4.)

Os movimentos populares, ao contrário do que se espera, mostram-se organizados, sua presença gera conflito e incômodo no corpo social. Suas ações pressionam para a visibilidade e participação social, questionam as ações pedagógicas tradicionais e reivindicam ações pedagógicas específicas, afinal, não irão corroborar com iniciativas que os subestimem ou inferiorizem.

Uma contribuição de extrema relevância trazida pelas ações e presenças afirmativas dos coletivos: para repensar-se as teorias e pedagogias sócio-educativas dos Outros terão que repensar as formas como tem sido pensados os Outros, os diversos e os diferentes em classe, raça, etnia, gênero, campo, periferia. (ARROYO, 2009, p.5).

Além de repensar a forma como enxerga os Outros, é necessário que representantes dos Outros ocupem espaços até então negados a eles, assim, poderá de fato haver novas ressignificações nas concepções pedagógicas, um exemplo é o Movimento Negro e sua

ocupação de diversos espaços, culturais e acadêmicos.

O autor aponta as categorias em que os setores populares são geralmente vistos e pensados: marginalizados, excluídos, desiguais e inconscientes. (ARROYO, 2009, p.5)

Dando sequência aos seus estudos, Miguel Arroyo, em “Pedagogias em Movimento: o que temos a aprender com os Movimentos Sociais?” busca as relações entre educação e movimentos sociais. Segundo o autor, é através das pressões dos movimentos sociais que ocorre a democratização da educação básica e o direito à escola pública dos setores populares. A exclusão destes setores de direitos sociais básicos levam-os à partir da década de 1950 a mobilizações e reivindicações pelo acesso e direito a cidade e serviços públicos, entre esses direitos o autor destaca a educação e escola pública. Neste contexto de reeducação, o autor chama atenção para o papel fundamental dos movimentos sociais em toda América Latina, que passa a exigir a educação como direito, e não como privilégio.

Para Arroyo:

Essa reeducação da cultura política que vai pondo a educação e a escola popular na fronteira do conjunto dos direitos humanos se contrapõe ao discurso oficial e por vezes pedagógico que reduz a escolarização a mercadoria, a investimento, a capital humano, a nova habilitação para concorrer no mercado cada vez mais seletivo. (ARROYO, 2003, p.30)

Segundo ele, os movimentos sociais reeducam todo um pensamento educacional, teoria pedagógica e reconstrói a história da educação básica. Eles reivindicam uma educação alinhada à emancipação social em contraponto da educação voltada ao mercado e capital. A expansão da escola porém, não ocorre em razão de uma exigência maior de mercado por escolarização, nem tampouco pela humanidade dos setores de elite, mas sim pela consciência social adquirida através das pressões e lutas populares. (ARROYO, 2003, p.30.)

Para que não se perca o vínculo construído entre movimentos sociais e educação, Arroyo destaca que as escolas públicas lidam com a demanda de crianças e jovens expostos a exclusão e precarização:

Retomar esses vínculos nestes tempos não perdeu atualidade inclusive para o pensar e o fazer pedagógicos escolares, quando sabemos que a infância e a adolescência que frequentam as escolas públicas, estão entre aquelas que sofrem de maneira brutal a exclusão e as formas precaríssimas de viver. Como pensar currículos, conteúdos e metodologias, como formular políticas e planejar programas educativos sem incorporar os estreitos vínculos entre as condições em que os educandos reproduzem suas existências e seus aprendizados humanos? (ARROYO, 2003, p.33.)

É necessário articular currículos, metodologias e propostas educacionais com as condições de existência desses educandos. A escola não está alheia à sociedade, portanto, é



fundamental a articulação entre realidade social e saberes escolares.

O autor apóia-se em Paulo Freire para exemplificar o que define como “educação como um processo de humanização de sujeitos coletivos diversos” (ARROYO, 2003, p.34). Freire constrói sua reflexão e prática referenciando-se nos movimentos de jovens e trabalhadores da década de 1970, não trás uma nova metodologia educacional, mas reeduca a sensibilidade pedagógica colocando os oprimidos e excluídos como sujeitos da educação. Freire, atento aos movimentos sociais e culturais, não propõe a priori uma metodologia, mas analisa e busca como esses sujeitos se educam, aprendem, socializam e se formam (ARROYO, 2003, p.34- 35).

O autor ainda provoca em como esses sujeitos devem ser enxergados nos espaços escolares: Empregáveis? Analfabetos? É necessário cuidado para que não se desenvolva olhar estreito e superficial. Eles precisam ser vistos em sua totalidade e capacitação humana.

Recuperar essa concepção mais alargada de educação como formação e humanização plena pode ser uma das contribuições mais relevantes da pedagogia dos movimentos para a educação formal e não-formal. Para o repensar e agir pedagógicos. Alargar esse foco supõe ver os educandos para além de sua condição de aluno, de alfabetizando, de escolarizando, para vê-los como sujeitos de processos sociais, culturais, educativos mais totalizantes, onde todos estão imersos seja na tensa reprodução de suas existências tão precárias, seja na tensa inserção em lutas tão arriscadas onde tudo está em jogo. (ARROYO, 2003, p.37.)

É necessário compreender que os sujeitos em questão não se resumem a alunos que necessitam ser alfabetizados e ensinados, eles fazem parte de processos sociais e culturais onde lutam de forma literal por seu espaço, visibilidade e sobrevivência.

Dentro deste campo de pesquisa, onde relaciona-se movimentos sociais e educação, Nilma Lino Gomes publicou o livro resultante de sua pesquisa de pós-doutorado, supervisionado por Boaventura de Souza Santos, o “*O Movimento Negro educador*”. Nele, ela levanta questões acerca da relação entre pedagogias e Movimento Negro, questionamentos sobre o que a pedagogia e práticas pedagógicas poderiam aprender com o movimento, as discussões acerca do assunto no campo das Humanidades e pós-graduação, e as sabedorias ancestrais que o Movimento Negro pode nos ensinar. (GOMES, 2017,p.13)

A principal intenção do livro é refletir o Movimento Negro como educador, produtor de saberes que emancipam e sistematizador de conhecimentos acerca de questões raciais no Brasil. Para Nilma, O Movimento Negro ressignifica o conceito de raça no Brasil, essencial para a construção emancipatória da comunidade negra.

Ao politizar a raça, o Movimento Negro desvela a sua construção no contexto das relações de poder, rompendo com visões distorcidas, negativas e naturalizadas sobre os negros, sua história, cultura, práticas e conhecimentos; retira a população negra do lugar da suposta inferioridade racial, pregada pelo racismo e interpreta afirmativamente a raça como construção social; coloca em xeque o mito da democracia racial. (GOMES, 2017,p.22.)

Nilma define o Movimento Negro como diversas formas de organização e articulação da população negra brasileira na luta e superação do racismo. Dentro dos diversos segmentos de atuação do movimento, a autora escolhe a educação como campo de análise, em razão da educação ser um direito social básico, porém, somente com as pressões dos movimentos populares, como já apontado por Arroyo que se alcança a universalização da educação básica. Educação essa que por muito tempo foi negada e ainda é às pessoas negras.

Ela aponta que são em espaços de tensão entre dinamismo contemporâneo e conservadorismo que o movimento negro irá disputar lugar de fala, e ao ocupar espaços e agir social e politicamente, provoca, questiona, ressignifica e politiza o espaço onde se faz presente. A autora define o movimento como sujeito de conhecimento, pois ele produz e é produtor de experiências sociais que contribuirão para a ressignificação das questões étnico-raciais, portanto, criando novas epistemologias. (GOMES, 2017, p.28)

Sem a intenção de criar uma extensa história do Movimento Negro no Brasil, ela traça rapidamente as principais ações do mesmo durante o século XX e início do XXI, articulado com a realidade política de cada época, compreendendo que as ações diversas do movimento irá colaborar no campo educacional da população negra.

Nilma destaca o papel importante da imprensa negra, que até meados da década de 1960 fez circular jornais como O Xauter (1916), O Alfinete (1918-1921), Tribuna Negra (1935) e Cruzada Cultural (1950-1966). A criação em São Paulo da Frente Negra Brasileira em 1931, uma associação que tinha como objetivo ações voltadas à educação, entretenimento, cursos, alfabetização de crianças e adultos, inserção da população negra na vida social, política e cultural. O Teatro Experimental do Negro (TEN) (1944-1968), que possuía como princípio a contestação do racismo, o resgate da herança africana e a formação de atores, atrizes e dramaturgos negros e negras. Porém ela também aponta que o Movimento Negro perde espaço na elaboração da LDB (Leis de Diretrizes e Bases Nacionais) de 1968 e 1971, período de ditadura militar, retornando ao debate na elaboração da Lei 9.394 de 1996 com a inclusão dos artigos 26-A, que trata sobre a obrigatoriedade do ensino de cultura afro-brasileira e 79-B que define o dia da Consciência Negra em 20 de Novembro através da lei 10.639/2003. (GOMES, 2017, p.29-30;32.)

É no final da década de 1970 durante a ditadura militar que é fundado o MNU (Movimento Negro Unificado). O MNU possuía abrangência nacional e estabeleceu a educação e trabalho como os pilares de luta contra o racismo. A autora ressalta que provavelmente o MNU ao organizar-se formou toda uma geração de intelectuais negras e negros, que se tornariam referências acadêmicas sobre relações étnicas no Brasil. (GOMES, 2017, p.32)

É ressaltada pela autora a importância da participação do Brasil na III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação racial, a Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância promovida pela ONU (Organização das Nações Unidas) em Durban, África do Sul entre 31 de Agosto a 08 de Setembro de 2001. Nesta conferência o Brasil passa a ser signatário do Plano de Ação de Durban, reconhecendo internacionalmente a existência do racismo institucional no país, portanto, comprometeu-se a criar medidas e ações para o seu combate (GOMES, 2017, p.34). Em 2000 é fundada a ABPN ( Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as), responsável pelo COPENE (Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as). A criação em 2003 da secretaria de Políticas de promoção da Igualdade Racial e no mesmo ano é sancionada a lei 10.639/03, onde se torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas públicas e privadas de Ensino Fundamental e Médio. Em 2004 ainda é criada a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade dentro do Ministério da Educação. (GOMES, 2017, p.35.)

Ao levantar todas essas importantes ações do Movimento Negro a autora chama a atenção em como ele atuou e atua no país como ator político e educador.

Nilma situa o Movimento Negro dentro da sociologia das ausências e emergências:

Partimos do pressuposto de que o Movimento Negro, enquanto forma de organização política e de pressão social-não sem conflitos e contradições- tem se constituído como um dos principais mediadores entre a comunidade negra, o Estado, sociedade, escola básica e a universidade. Ele organiza e sistematiza saberes específicos construídos pela população negra ao longo da sua experiência social, cultural, histórica, política e coletiva.(GOMES, 2017, p.42.)

Para ela, o Movimento Negro enquanto sujeito político assume uma série de ações como produção de novos discursos e reordenação de enunciados, possibilitando um autorenhecimento dos sujeitos partícipes.

No combate ao mito da democracia racial no Brasil e da invisibilidade da população negra, é que a partir do início dos anos 2000 o Movimento Negro assume um novo posicionamento e relação social, passa da realidade de um movimento social que denuncia, para

um movimento que irá cobrar o aparelho de Estado, atuando em diversas esferas: jurídicas, política, social e econômica para assegurar oportunidades e direito à educação de forma igualitária, como grande exemplo é possível citar a implementação federal das cotas raciais (GOMES, 2017, p.49-50).

Portanto, o movimento HIP HOP torna-se um exemplo de atuação do Movimento Negro como movimento social, colaborando para a ressignificação de saberes, representatividade, produção de conhecimento e identidade, que irá reverberar nos espaços escolares por uma educação antiracista através de reformulação de currículos, formação continuada e novos/múltiplos materiais didáticos.

## CAPÍTULO III - NOVAS EPISTEMOLOGIAS E ECOLOGIA DOS SABERES

### 3.1 - Construção de saberes e Movimento HIP HOP.

*A vida é bala do lado de lá  
a vida é bala  
os muros estão fartos de cabeças  
há problemas no paraíso  
os supremos feiticeiros não têm dinheiro  
pra fazer dinheiro e os cocktails de sangue  
inventam sabores sangue-baunilha  
sangue-limão  
sangue-açafrão  
sangue-suave<sup>33</sup>  
Rap Global(2010)*

Neste item procuraremos apresentar o arcabouço teórico-metodológico que circunscreve as letras de Rap como manifestação de uma forma específica de conhecimento. A chave interpretativa mobiliza conceitos como o de Epistemologias do Sul e pensamento abissal nos termos conferidos por Boaventura de Sousa Santos. Este deslocamento na forma de pensar e apresentar questões sobre a experiência humana em linguagem distinta do plano cartesiano que marca as ciências humanas no mundo ocidental foi experimentado pelo próprio autor quando das publicações de Rap Global, onde ele se metamorfoseia em um rapper que vive nas periferias de Lisboa.

Em 2010 Boaventura lança no Rio de Janeiro o livro *Rap Global*. O autor escreve em formas de versos e denomina a escrita como um Rap. A obra trata questões contemporâneas de uma população que vive à margem da sociedade, no caso do livro, na periferia de Portugal, mas que poderia ser qualquer periferia do mundo, ou seja, “global”.

Queni, cujo nome é inspirado no rapper americano Kanye West, é um jovem rapper nascido e crescido no Barreiro, periferia de Lisboa em Portugal. Filho de um angolano que chega ao país em 1975 fugindo da turbulência do país durante o processo de independência, ali ele é recebido com racismo e aversão. Queni, portanto, é um jovem que transforma em arte as dificuldades da família e fantasmas do pai. (QUENI, 2010. p.5-6)

Às vésperas do lançamento do livro, Boaventura concedeu uma entrevista ao jornal *O Globo* onde versa sobre as inspirações para escrever a obra. O autor define três formas de racionalidade ocidental em voga a partir do século XVIII: a moral-prática, a estético- expressiva e a instrumental-cognitiva. A última passou a dominar como ciência moderna.

---

<sup>33</sup> QUENI, N, S, L, Oeste. Rap Global. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2010.p.28.

Segundo ele cada racionalidade desenvolveu as suas formas de expressão e assim procura manter sua identidade face às demais. Desde então surgiram discursos jurídicos e políticos, as expressões estéticas das artes e da literatura e a escrita científica, essa última muito diversificada internamente.

Segundo o autor:

Todos estes discursos, expressões estéticas e escritas têm limites que lhes são impostos pelos seus códigos genéticos. Todas elas admitem transgressões e contaminações cruzadas mas são ciosas da sua identidade e punem quem as desrespeite. Tenho escrito cientificamente muito sobre a modernidade ocidental e tenho criticado sistematicamente os modos como ela, supostamente auto-legitimada por uma promessa exaltante de emancipação, se transformou numa matriz de regulação e dominação social que assumiu três formas principais: o capitalismo, o colonialismo e o socialismo burocrático. Ora isto, que pretende dizer muito, deixa muito por dizer. Onde estão as pessoas e os seus dramas íntimos; as lutas de resistência e as resistências na luta; a criatividade moderna entre a loucura, a violência e o fanatismo; a ruptura com o ancien régime e todos os novos silêncios do universo a que chamamos deus e com quem julgamos falar na farmácia, no ponto de droga, na meditação, nas massagens, no jogging; a poesia, sempre à beira de não existir; a brutalidade sedutora da ordem e do progresso; e sobretudo tanta coisa que nem imaginamos que existe porque existe sobre a forma de ausência e que no pior (melhor) dos casos nos cria mal-estar, provoca insônias e nos faz mudar de namorada ou namorado. Ora, nada disto pode ser dito academicamente (mesmo que o queira descrever em prosa) se o meu único objeto experimental for eu mesmo. É deste limite e do inconformismo perante ele que nasce o “Rap” como nasceram os meus livros anteriores de poesia, dois deles editados no Brasil.<sup>34</sup>

No trecho destacado acima o autor parece fazer uma reflexão baseada em seu próprio trabalho, *Para além do pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes*, onde desenvolve a teoria do pensamento pós-abissal com um pensamento ecológico. Segundo ele, o pensamento pós-abissal reconhece que a exclusão social possui diferentes formas e é definida por uma linha abissal e não-abissal, e “enquanto a exclusão abissalmente definida persistir, não será possível qualquer alternativa pós-capitalista progressista”. (SANTOS, 2009.p.43.)

A definição de Epistemologias do Sul segundo o autor:

Trata-se do conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam a supressão dos saberes levada a cabo, ao longo dos últimos séculos, pela norma epistemológica dominante, valorizam os saberes que resistiram com êxito e as reflexões que estes têm produzido e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos. (SANTOS, 2009, p.7.)

---

<sup>34</sup> Entrevista completa em: <http://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/boaventura-de-sousa-santos-fala-sobre-rap-global-310530.html> Acesso em 15/11/2017 às 21:26.

O diálogo horizontal que trata-se na citação acima é o que ele denomina de ecologia dos saberes. A ecologia baseia-se na pluralidade de conhecimentos, sendo um deles a ciência moderna, o conhecimento é na realidade um interconhecimento. (SANTOS, 2009.p.44.)

As letras de Rap então representariam um certo segmento dos saberes pós-abissais? Elas incidem ou podem incidir no ensino de história na perspectiva da descolonização do currículo? Estas questões orientam as reflexões deste capítulo na medida em que ele evidencia temas e ideias, fatos e linguagens, narrativas e temporalidades exploradas nas letras de Rap no sentido de contar e recontar, escrever e reescrever a história do Brasil.

Enquanto fenômeno cultural e político atado a juventude negra e periférica contemporânea, o Rap tem mobilizado estudiosos de diferentes matizes do pensamento educacional a fim de diluir o conteúdo das lutas e letras em conteúdo de ensino e aprendizagem. Neste caso, inclui-se o Rap na sala de aula por diferentes abordagens: para caracterizar a complexidade da sociedade contemporânea na multiplicidade de grupos juvenis e seus valores; discorrer sobre aspectos formais e não formais da língua e também dar suporte na compreensão de fatos históricos.

É na perspectiva de Ecologia dos saberes, ao integrar letras de Rap, escola pública e ciência acadêmica que analisaremos as letras de Rap do Grupo Face da Morte no subcapítulo a seguir.

### **3.2- Letras como fontes históricas**

As letras a serem analisadas no trabalho foram escritas por Aliado G, vocalista do grupo de Rap Face da Morte. A origem do grupo é o interior de São Paulo, Hortolândia. Foi formado em 1995 por Aliado G, Mano ED e Viola (DJ). Durante mais de vinte anos de formação lançaram sete álbuns: Meu Respeito Eu Não Enrolo Numa Seda (1995); Quadrilha de Morte (1998); O crime do raciocínio (1999); Manifesto Popular Brasileiro (2001); De quem é a Culpa (2001); Face da Morte Ao Vivo (2002); Feito no Brasil (2004) e Face da Morte 12 anos (2007).

Com um trabalho marcado por um tom crítico político e social, alcançaram projeção nacional, chegando a ser o álbum de Rap mais vendido no Brasil no começo do ano 2000. Estabeleceram parcerias importantes como por exemplo GOG, Realidade Cruel e Edi Rock, deixando evidente a importância da parceria entre os grupos para um fortalecimento do Rap e movimento HIP HOP<sup>35</sup>.

Em entrevista concedida por e-mail, Aliado G contribuiu com detalhes sobre sua trajetória

---

<sup>35</sup> [https://www.facebook.com/pg/facedamortehiphop/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/facedamortehiphop/about/?ref=page_internal) Acesso em 17/11/2017 às 08:00.

individual, do grupo e o papel que o Rap exerce na sociedade, como fonte de crítica e denúncia social e o processo de produção do álbum MPB (Manifesto Popular Brasileiro).

Aliado inicialmente faz referência entre a ligação de sua família a diversas expressões artísticas. Explica as influências sofridas por seu bisavô, que foi mestre de Folia de Reis, e do avô, que o “forçava” a declamar poesias desde pequeno. O menino futuramente compreenderia a importância destas duas figuras em sua vida e a responsabilidade dos mesmos em suas escolhas<sup>36</sup>. Foi pelas mãos de um tio DJ que ainda na pré-adolescência conheceu a primeira balada, segundo ele, logo se identificou e compreendeu que era ali que gostaria de estar e trabalhar. Aliado participou de um grupo de passinho de funk/soul e já aos 14 anos tornou-se sócio de uma balada. Ele, que já trabalhava como DJ por influência do tio, recebeu o convite para ser DJ de um grupo de Rap. No grupo, Aliado passa a compor, porém, suas composições não foram bem recebidas pelos demais e decidiu seguir outros caminhos, formando junto com o irmão e Viola o grupo Face da Morte na década de 1990.

O cenário do Rap nos anos 90 marca as influências na construção da identidade do grupo. Apesar de um forte padrão do estilo Racionais Mc's (Que por sua vez foram influenciados pelo estilo NWA e Public Enemy), o grupo buscou novos elementos no trabalho, como é possível verificar na sampleagem de “Carruagem de Fogo”<sup>37</sup> na música “Carruagem da Morte”<sup>38</sup>. Posteriormente ainda intercambiam influências com a capoeira e a MPB (Música Popular Brasileira).

Sobre o processo de produção do álbum MPB (Manifesto Popular Brasileiro):

A pauta nacional era essa “Brasil 500 anos”, alguns defendiam a tese dos 500 anos de resistência e luta enquanto outros queriam apenas comemorar. Nesse contexto consideramos importante um posicionamento claro, eu fui pra UNICAMP e iniciei uma pesquisa sobre a história de luta do povo brasileiro, entendi a necessidade de contar através do Rap uma versão histórica com o nosso olhar. Inicialmente seria um trabalho com o GOG e o Flagrante do Realidade Cruel, mas acabou sendo um solo do Face da Morte com participação do GOG<sup>39</sup>.

Aliado não só estava voltado para os debates sobre luta e resistência acerca dos 500 anos como mergulhou em uma longa e minuciosa pesquisa de fatos históricos da história do Brasil onde estivesse presente o protagonismo da população pobre, negra e periférica. É possível concluir que Aliado buscar colocar essa população como os reais protagonistas do processo

<sup>36</sup> MELO, Roberto Erlei de. “Entrevista com Aliado G”. PEREIRA, Alves Grazielly. São Paulo, 2019.

<sup>37</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=8RruXUtMoCw&t=25s> Acesso em 14/02/2019 às 18:32.

<sup>38</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=jcin3o1Wnr8> Acesso em 14/02/2019 às 18:35.

<sup>39</sup> MELO, Roberto Erlei de. “Entrevista com Aliado G”. PEREIRA, Alves Grazielly. São Paulo, 2019.



histórico brasileiro.

A pesquisa e produção das letras mostrou-se lenta e complexa, afinal, foram um ano de pesquisa e mais seis meses para a escrita e produção do álbum. Um trabalho longo e de grande contribuição sociohistórica não foi compreendido por muitos. Segundo Aliado G:

Nos trabalhos anteriores já aconteceram diversas entrevistas para trabalhos acadêmicos, então eu já pensava em criar uma obra com esse foco. Essa contribuição a época custou caro do ponto de vista da carreira do grupo. Foi alvo de duras críticas, muitos não entenderam porque desse disco. Mas eu sempre respondi “a História nos julgará” E aí está a história e o legado que tanto me orgulho<sup>40</sup>.

Ainda sobre o papel do Rap na sociedade, Aliado diz:

O Rap é uma forma de expressão do gueto, naturalmente o Rap já tem esse olhar do preto, pobre do marginalizado, do excluído. Ele é a voz desses “invisíveis” do ponto de vista midiático e histórico, afinal quem escreve a história são os “vencedores/dominadores”. Nossa vocação natural bem como nosso papel histórico é ser o porta voz dessa resistência negra, indígena e mestiça. Quando fomos pro estúdio já tínhamos um plano de usar o máximo possível samplers da MPB e foi esse o conceito. Porém o álbum estava pronto e tínhamos muito a dizer ainda, foi quando surgiu a ideia do calendário cantado transformando cada faixa em um trimestre, foi assim que registramos tantas datas fundamentais para a memória do nosso povo. Isso é um contraponto à ideia de povo “acomodado” muito ao contrário, o povo brasileiro é verdadeiro herdeiro das lutas, nosso país foi e vem sendo construído a base de muita luta e resistência do povo ao longo do tempo<sup>41</sup>.

O rapper deixa um exemplo do que discutimos anteriormente sobre a importância da atuação dos movimentos sociais, mais especificamente do Movimento Negro. O Rap torna-se o canal de comunicação de uma população invisibilizada dentro da sociedade, mas que mostra poder de resistência e ocupação de espaços ao reexistir e produzir cultura e conhecimento em seus espaços periféricos. Isso desconstrói o mito, conforme o rapper diz de uma população pobre explorada pacificamente, sem reivindicação e luta, o autor demonstra querer trazer nas letras exatamente esse histórico de insurreição, insatisfação e necessidade de mudança da população marginalizada.

Metodologicamente, surge a ideia para finalizar o álbum do calendário trimestral cantado, narrando datas julgadas importantes dentro do contexto de resistência. Sobre a escolha do tempo não linear, o mesmo justifica que as letras de Rap são acima de tudo poesias, portanto, não sente a necessidade da submissão ao tempo histórico e lógico, ele considera que a poesia

<sup>40</sup> MELO, Roberto Erlei de. “Entrevista com Aliado G”. PEREIRA, Alves Grazielly. São Paulo, 2019.

<sup>41</sup> Ibidem.

não é de quem a produz, mas de quem a recebe, portanto, de interpretação individualizada.

O álbum MPB (Manifesto Popular Brasileiro), foi lançado em 2001 em meio às efemérides dos 500 anos do Brasil. Fazem parte as seguintes faixas:

- 01 - Fazendo Escola
- 02 - Julgamento
- 03 - Anos de Chumbo
- 04 - Churrasco
- 05 -Caravana
- 06 - Mudar o Mundo
- 07 - Eu Sou Lavrador
- 08 - Caipira
- 09 - Janeiro / Fevereiro / Março
- 10 - Abril / Maio / Junho
- 11 - Julho / Agosto /Setembro
- 12 - Outubro / Novembro /Dezembro

Iremos discutir a construção das letras, narrativa escolhida pelo autor, os contextos históricos, recorte de principais assuntos, tempo e sujeitos.

Para a introdução da análise, pensaremos o Rap à partir do conceito de canção, nos parâmetros de Luiz Tatit. A canção é uma combinação entre letra, melodia e harmonia. A fala, segundo Tatit, estudioso e cancionista, é o que torna uma música canção, ela está por trás da melodia, ambas devem passar a mesma mensagem, para o estudioso, o gênero musical que melhor faz essa relação é o Rap<sup>42</sup>.

Por muito tempo, o Rap esteve restrito a um gênero musical de segunda ordem, não digno dos padrões de música erudita, por diversos motivos: música preta, produzida na periferia e para a população que ali habita. Muito mais falado que cantado, letras longas, difíceis de acompanhar e decorar, que denunciam e falam das mazelas vividas pelos mais pobres.

Porém, Luiz Tatit considera o Rap canção em sua mais pura origem: "É como se a canção chegasse em sua raiz, pois é alguém falando, com algumas organizações de métrica. O

---

<sup>42</sup> ALMEIDA, Daniel; ELUARD, Max; SAMPAIO, Dafne; TACIOLI, Ricardo; TAVARES, Rune. Entrevista de música brasileira: Luiz Tatit. Gafieiras, São Paulo, 09 de Maio 2009. Disponível em: <http://gafieiras.com.br/entrevistas/luiz-tatit-3/9/> Acesso em 23/05/2018 às 20:35.

Rap quer passar mensagens e, para isso, é necessário aproximar ao máximo da fala" <sup>43</sup>. São essas letras de Rap, hora faladas, hora cantadas, que iremos analisar à seguir.

O objetivo será analisar as letras Janeiro/Fevereiro/Março, Abril/Maio/Junho, Julho/Agosto/Setembro e Outubro/Novembro/Dezembro que compõem o álbum MPB (Manifesto Popular Brasileiro).

Para uma análise detalhada, as quatro letras foram organizadas em quadros para que assim seja possível uma observação detalhada, levantando hipóteses e comparações. Os critérios para a elaboração dos quadros foram: Sujeito, Fato e Tempo. Da mesma forma que a letra está organizada nos fatos de um mesmo mês, para uma melhor análise, as tabelas também foram organizadas desta maneira.

#### QUADRO 1 - Janeiro

	Janeiro	
Sujeitos	Fatos	Tempo
	Fundação do MST	21/01/1984
Manuel Calafate; Pacífico Licutã	Revolta dos Malês	1835
Belchior		
GG Marrir		
Luis Salin		
Pedro Ivo	Revolução Praieira	1849
	Revolta Quebra-Quilo	1874
Beato Severino	Fundação da comunidade Colher de Pau	1937
Manoel Fiel Filho	Prisão no local de trabalho	17/01/1976

Fonte: MORTE, Face da. MPB (Manifesto Popular Brasileiro). São Paulo: Sky Blue Music, 2001. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P8lnGAmu9c8> Acesso em 02 Mar. 2017. Letra: Janeiro/Fevereiro/Março.

#### QUADRO 2 - Fevereiro

	Fevereiro	
Sujeitos	Fatos	Tempo
Tupinikim; Tupinambá; Karijó; Goianá	Formação da Confederação dos Tamoios	
Líderes: Emberé e Curambebé		
	Guerra das Missões	1756
	Rebelião: levante negro em Salvador	1814
	Expansão do levante para Santo Amaro, Nazaré, Itaparica, Cachoeirinha, Ilhéus.	1807-1830
	Fundação do Movimento	1975

<sup>43</sup> ALMEIDA, Daniel; ELUARD, Max; SAMPAIO, Dafne; TACIOLI, Ricardo; TAVARES, Rune. Entrevista de música brasileira: Luiz Tatit. Gafieiras, São Paulo, 09 de Maio 2009. Disponível em: <http://gafieiras.com.br/entrevistas/luiz-tatit-3/9/> Acesso em 23/05/2018 às 20:35.

	Feminino pela Anistia	
	Fundação do PT	1980

Fonte: MORTE, Face da. MPB (Manifesto Popular Brasileiro) . São Paulo: Sky Blue Music, 2001. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P8lnGAmu9c8> Acesso em 02 Mar. 2017. Letra: Janeiro/Fevereiro/Março.

### QUADRO 3 -Março

	Março	
Sujeitos	Fatos	Tempo
	Greve da PM	1981
	Fundação do Partido Comunista do Brasil	1922
	Nascimento da Aliança Nacional Libertadora	1935
	Greve dos 300.000	1953
	Greve de 180.000 operários em SBC	1979
	Revolta de Porecatú no Norte do Paraná	1951
	Morte de Edson Luís pela polícia do RJ e passeata dos 100.000	
	Greve dos bancários: 750.000 mobilizados	1987

Fonte: MORTE, Face da. MPB (Manifesto Popular Brasileiro) . São Paulo: Sky Blue Music, 2001. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P8lnGAmu9c8> Acesso em 02 Mar. 2017. Letras: Janeiro/Fevereiro/Março.

### QUADRO 4 – Abril

	Abril	
Sujeitos	Fatos	Datas
	Invasão no acampamento do MST em Eldorado dos Carajás	1996
	Guerrilha do Araguaia, Pará	1972 – 1974
	Trombas e Formoso: Luta de camponeses contra latifundiários/polícia em Goiás	1954
José Porfírio	Caçado, preso e torturado.	1964
Lamarca	Ex-capitão do exército*	

Fonte: MORTE, Face da. MPB (Manifesto Popular Brasileiro) . São Paulo: Sky Blue Music, 2001. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P8lnGAmu9c8> Acesso em 02 Mar. 2017. Letra: Abril/Maio/Junho

\*O trecho faz um resumo de sua trajetória

### QUADRO 5 – Maio

	Maio	
Sujeitos	Fatos	Datas
	Revolta da Cantareira	1959
	Mata-Maroto	1823 – 1831
	Assinatura da Lei Áurea	1888
Lula, Devanir Ribeiro e Djalma Bom	Mais de 100.000 pessoas em manifestação no 1º de Maio no ABC	1978

Cacique Xucuru (Francisco de Assis Araújo)	Morto em Pesqueira, Pernambuco.	1998
--	---------------------------------	------

Fonte: MORTE, Face da. MPB (Manifesto Popular Brasileiro) . São Paulo: Sky Blue Music, 2001. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P8lnGAmu9c8> Acesso em 02 Mar. 2017.

Letra : Abril/Maio/Junho.

#### QUADRO 6 - Junho

	Junho	
Sujeitos	Fatos	Datas
	Fundação de Canudos	1893
	Aproveitam o mês para citar a imprensa negra brasileira: Clarim da Alvorada; Chibata; O Exemplo; Quilombo; A Liberdade; O Alfinete; Medelique; A Raça; Alvorada e a Voz da Raça	

Fonte: MORTE, Face da. MPB (Manifesto Popular Brasileiro) . São Paulo: Sky Blue Music, 2001. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P8lnGAmu9c8> Acesso em 02 Mar. 2017. Letra: Abril/Maio/Junho.

#### QUADRO 7 – Julho

	Julho	
Sujeitos	Fatos	Datas
Padre Cícero	Morte do padre	1934
José Bezerra	Morte de Lampião	28/07/1938
Virgulino Ferreira		
Governador Ademar e amante Ana Gimol Benchimol Capriglione.	Roubo de cofre com 2 milhões e meio de dólares	1969

Fonte: MORTE, Face da. MPB (Manifesto Popular Brasileiro) . São Paulo: Sky Blue Music, 2001. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P8lnGAmu9c8> Acesso em 02 Mar. 2017. Letra: Julho/Agosto/Setembro

#### QUADRO 8 – Agosto

	Agosto	
Sujeitos	Fatos	Tempo
	Criação do Quilombo da Capula na Bahia	1826
	Criação da UNE (União Nacional dos Estudantes)	07/08/1937
	Fundação da CUT	1983

Fonte: MORTE, Face da. MPB (Manifesto Popular Brasileiro) . São Paulo: Sky Blue Music, 2001. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P8lnGAmu9c8> Acesso em 02 Mar. 2017. Letra: Julho/Agosto/Setembro.

#### QUADRO 9 – Setembro

	Setembro	
Sujeitos	Fatos	Tempo
	Morte de Conselheiro	22/09/1897
	Fundação da Frente Negra Brasileira	1931
	Morte de Lamarca	1971

	Greve dos estudantes promovida pela UNE	1980
	Marcha dos 100.000 em Brasília	1999

Fonte: MORTE, Face da. MPB (Manifesto Popular Brasileiro) . São Paulo: Sky Blue Music, 2001. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P8lnGAmu9c8> Acesso em 02 Mar. 2017. Letra: Julho/Agosto/Setembro.

#### QUADRO 10 – Outubro

	<b>Outubro</b>	
<b>Sujeitos</b>	<b>Fatos</b>	<b>Tempo</b>
	Proibição da extração de sal no Brasil colonial	1665
Luis Carlos Prestes	Coluna Prestes	29/10/1925
José Dirceu; Vladimir	Congresso da UNE em Ibiúna e prisão de estudantes no evento	

Fonte: MORTE, Face da. MPB (Manifesto Popular Brasileiro) . São Paulo: Sky Blue Music, 2001. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P8lnGAmu9c8> Acesso em 02 Mar. 2017. Letra: Outubro/Novembro/Dezembro.

#### QUADRO 11 – Novembro

	<b>Novembro</b>	
<b>Sujeitos</b>	<b>Fatos</b>	<b>Tempo</b>
	Sabinada	07/11/1837
	Revolta da Chibata	1910
Monge João Maria	Contestado em Santa Catarina	1912
Marighella	Morte de Marighella	1969
José Lourenço	Ataque a comunidade de Caldeirão de Santa Cruz	1937
	Reunião das entidades negras no ENEN fundando o CONEN (Coordenação Nacional das Entidades Negras)	1937

Fonte: MORTE, Face da. MPB (Manifesto Popular Brasileiro) . São Paulo: Sky Blue Music, 2001. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P8lnGAmu9c8> Acesso em 02 Mar. 2017. Face da Morte. Letra: Outubro/Novembro/Dezembro.

#### QUADRO 12 - Dezembro

	<b>Dezembro</b>	
<b>Sujeitos</b>	<b>Fatos</b>	<b>Tempo</b>
	Revolta de Ajuricaba	
Duque de Caxias	Balaçada	1838
Anjo Pomar e Anjo Arroio	Morte de ambos	1976
	Massacre da Lapa	16/12/1976
Chico Mendes	Morte	1988

Fonte: MORTE, Face da. MPB (Manifesto Popular Brasileiro) . São Paulo: Sky Blue Music, 2001. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P8lnGAmu9c8> Acesso em 02 Mar. 2017. Letra: Outubro/Novembro/Dezembro.

Inicialmente, é possível verificar que há uma construção temporal não linear nas letras. Aliado G, ao escrevê-las escolhe narrar os fatos históricos ligados aos meses do ano, sem um critério inicialmente de respeitar o que aconteceu antes, depois ou concomitante, um olhar singular na construção de temporalidade.

Ao analisar os quadros verificamos que todas as letras abordam somente fatos históricos ocorridos no Brasil, mesmo que algum especificamente fosse possível articular com questões internacionais. O autor escolheu 60 fatos históricos para compor, subdivididos em 14 eixos temáticos, com uma maior concentração de temporalidade nos séculos XIX e XX. Houve também menções menores aos séculos XVI, XVII e XVIII. Com esses dados foi possível a elaboração de uma tabela, dividida por eixos temáticos e a quantidade de vezes que os mesmos aparecem nas letras:

**TABELA 1 – QUANTIDADE DE FATOS**

Fatos	Quantidade
Ditadura	9
Morte de lideranças públicas ligadas às causas sociais	8
Greves	5
Assuntos relacionados ao MST	2
Movimento Negro no século XX*	3
Rebeliões no século XIX	7
Fundações de partidos políticos	2
UNE	3
Lei Abolicionista	1
Revoltas no início do século XX	2
Massacre	1
Fundação de Comunidades	2
Passeatas e marchas	3
Fundação de Quilombo no século XIX	1
Lutas indígenas, séculos XVI, XVII e XVIII	3
Organização de frentes de Esquerda na primeira metade do século XX	2
Revoltas no início da segunda metade do século XX	2
Ataque a comunidade messiânica, primeira metade do século XX	1
Luta entre camponeses e latifundiários	1
Fundação da Central Única de Trabalhadores:	1
Proibição econômica no Brasil Colônia no século XVII	1

Fonte:

\* Aqui está incluso a menção à imprensa negra

Escolho analisar as estrofes organizadas por eixos pois foi o melhor caminho que encontrei para enxergar as potencialidades da letra. Por se tratar de meses do ano e fatos não lineares, foi necessário ir e voltar inúmeras vezes até separar todas as estrofes. Ao me perceber neste movimento, compreendi a importância da ruptura temporal feita pelo autor, afinal eu já estava relacionando diversos fatos históricos entre si ou com momentos políticos de uma determinada época sem estar atrelada somente às datas.

A parte propositiva exigida pelo programa Profhistória será o capítulo III transformado em um manual impresso junto com a entrevista de Aliado G na íntegra para circulação nas escolas, a intenção é que a discussão teórica acerca da obra de Boaventura e o processo de análise e aplicação das letras com os educandos possa ser instrumento de novas leituras, análises, apropriações e ressignificações do referido trabalho.

Clique no seu rádio Bum, volume máximo Acesso  
ilimitado a internet da favela Face da  
Morte.com você que faz parte dela. Minha missão é  
a informação, então se liga sangue bom Que eu cheguei pra  
resgatar algumas datas importantes da memória popular o  
povo que não foi herdeiro.

Ao iniciar a primeira canção, Janeiro/ Fevereiro/ Março, o rapper coloca-se em uma posição de quem têm uma missão, que seria levar a informação para os ouvintes da favela através da música. A escolha feita pelo o autor é a partir de datas importantes, que fazem parte da memória popular brasileira.

Ao colocar-se como aquele que têm uma missão, o rapper assume o papel de um griô contemporâneo, aquele que preserva e promove a história de seu povo.

A resistência negra é abordada oito vezes nas quatro letras, como veremos a seguir:  
Janeiro / fevereiro / Março:

### **Janeiro**

Aproveito pra citar Manuel Calafate/ Pacífico Licutan/ isso  
sim é que é que é bambambam/ Ainda tem Belchior/ diz que  
lutar é bem melhor/Enfim não esqueci/ GG Marrir/ Luis  
Salin, me lembro de vocês/ na revolta do Malês/ tenho  
respeito pelos cinco/ de 1835/ pelos lados da Bahia, na terra  
do meu avô/ lutaram pela honra e a liberdade dos Nargô.

### **Fevereiro**

Não sei se você sabia/ 1814, em Salvador, Bahia/ outra  
rebelião explodiu famoso levante negro/fruto do desespero/  
ansiedade/ sede de liberdade/ justiça, de 1807 a 1830,



período de luta e dor/ além de Salvador/ Santo Amaro, Nazaré, Itaparica, Cachoeirinha, Ilhéus/ porque a liberdade não cai do céu/ se conquista no dia a dia.

Abril/ Maio/ Junho:

### **Maio**

1888 abriram as portas das senzalas/ forçosamente assinada a conhecida Lei Áurea/ que não veio de graça, mas do primeiro movimento político de massa que se viu/ na nossa amada pátria amada Brasil.

### **Junho**

Aproveito esse mês/ pra citar a vocês/ algumas das proezas de nossa imprensa negra que trazia conteúdo realidade brasileira, Clarim da Alvorada, Chibata, O Exemplo, Quilombo, A Liberdade, O Alfinete, Menelick, A Raça, Alvorada e a Voz da Raça, levando informação de lar em lar.

Em Julho / Agosto/ Setembro:

### **Agosto**

Em 1826, no mês de Agosto/ segue a luta do povo/ vamos de novo pra Bahia/ pois lá se constituía/ o Quilombo do Cabula, lugar de muita luta onde os negros sequestravam filhos dos senhores brancos pra vendê-los aos ciganos, revidar o que aconteceu antes da morte dos irmãos do Quilombo de Abrantes.

### **Setembro**

1931, Frente Negra Brasileira

Outubro/ Novembro/ Dezembro:

### **Novembro**

Em 1910, no Rio acontecia a Revolta da chibata maior da nossa marinha.

É muito triste, mas eu lembro e continuo dizendo que em 14 de novembro, 1991, aconteceu mais um ato em favor do bem/ as entidades negras se reúnem no ENEN/ fundando o CONEN/ pra quem não sabe Coordenação Nacional das Entidades Negras/ firmeza.

Dos oito fatos históricos ligados a resistência e identidade negra, a letra concentra-se

nos séculos XIX e XX para tratar as questões acerca de escravização, luta, rebelião, identidade e militância. Quatro dos fatos estão no século XIX, fica evidenciado o papel importante das rebeliões negras durante o século em questão, desmistificando o senso comum de pacividade negra na escravização. Provavelmente por isso, o autor critica a assinatura da Lei Áurea, ao destacar que a mesma não veio gratuitamente, mas através de movimento político de massa, portanto, movimento social e popular.

Para ratificar a resistência negra e sua continuidade no processo social e político, o autor aborda as organizações negras no começo do século XX, através da formação da Frente Negra em 1931. Ele também chama atenção para o papel importante da imprensa negra, ao levar informação à comunidade negra através de diversos jornais, e por fim a formação do ENEN e CONEN, entidades à nível nacional que fortalecem a luta do Movimento Negro e ocupação dos espaços de poder.

São dez fatos históricos abordando a Ditadura Militar:

Janeiro/ Fevereiro/ Março:

#### **Janeiro**

Manuel Fiel Filho/ funcionário da Metal Arte de São Paulo/ é preso em seu local de trabalho/ Em 7/01/1976/ vejam vocês/ encontrado três dias depois, torturado e morto/ num dos muitos calabouços/ onde calavam a voz do povo brasileiro/ e por aqui encerro janeiro.

#### **Fevereiro**

1975, foi fundado o movimento feminino pela anistia formado por mães e filhas de presos políticos.

Abril/ Maio/ Junho

#### **Abril**

Guerrilha do Araguaia, no Pará, começou em 72, terminou em 74, com a morte dos guerrilheiros muitos deles degolados, na luta contra a Ditadura, um grande movimento armado, 69 guerrilheiros contra 20 mil das Forças Armadas da pátria amada Brasil, ouviu?

Já ouviu falar em Lamarca?/ Mais um que deixou marcas/ ex-capitão do exército, abandonou a patente/ pra lutar por nossa gente/ revolução ele queria/ fugiu do 4º Regimento de Infantaria/ com um caminhão cheio de armas, enquanto o país cantava Pra Frente Brasil, Lamarca metia bala, lutava nas trincheiras/ do Vale da Ribeira.

## Julho/Agosto/Setembro

### Julho

1969, o ano que levaram o cofre com 2 milhões e meio de dólares da casa de uma amante do governador Ademar, 13 homens da Var-Palmares realizaram a empreitada/ o dinheiro fortalece ainda mais a luta armada.

### Setembro

1971, a morte de Lamarca, mais que um homem uma bandeira/ que nunca mais se apaga da memória brasileira.

A Ditadura fechou o acesso aos estandes/ 1980, a greve dos estudantes/ promovida pela UNE, durante três dias mobilizou um milhão na luta contra a covardia.

## Outubro/ Novembro/ Dezembro

### Outubro

Ainda esse mês/ eu lembro a vocês/ o Congresso da UNE em Ibiúna, olha só o que aconteceu/ prenderam mais de 1000 estudantes, entre eles Zé Dirceu/ Vladimir (o extravaso), um tremendo arregação.

### Novembro

1969, me lembra Marighella figura lendária na luta pela causa/ um grande militante pensador da luta armada.

### Dezembro

Não poupou e fuzilou, e nem teve tempo de rezar/ pobre Pedro Pomar/ 1976, quando tinha 63 e Ângelo Arroyo que tinha 48 - em reunião do Comitê do PCdoB.

Dos dez fatos históricos ligados a ditadura militar, quatro estão relacionados a mortes de diferentes sujeitos, todas elas ocorridas entre 1969 e 1976, período do auge da ditadura, conhecido também como “anos de chumbo” e do seu suposto “milagre econômico”, é também o período onde se intensificam as perseguições aos militantes.

O autor faz uma escolha por narrar a morte de três militantes que causaram grande repercussão, mas também destaca as ações da ditadura militar em condenar, torturar e matar cidadãos que não demonstravam ou tinham sinais de envolvimento com a militância de esquerda, como é o caso de Manuel Fiel Filho, um funcionário da empresa Metal Arte de São Paulo, que é levado de seu local de trabalho em 1976 e aparece morto três dias depois. O autor,

ao narrar “torturado e morto/ num dos muitos calabouços/ onde calavam a voz do povo brasileiro” reflete as ações ditatoriais para a manutenção da suposta ordem, mas que na realidade está cerceando a liberdade e voz da população brasileira.

. Sobre Lamarca, são destinados dois trechos para o revolucionário, inicialmente no mês de Abril, apesar de não haver nenhuma data específica, o autor escolhe o determinado mês para destacar a atuação de Lamarca como ex-capitão do exército, que rompe com os militares e passa a lutar em forma de guerrilha contra a ditadura imposta, como destacado pelo autor “abandonou a patente/ pra lutar por nossa gente”. E novamente ele volta a citar o guerrilheiro em Setembro, mês que data de sua morte.

O mês de Dezembro é finalizado com referência a morte de dois militantes do PC do B em 1976, Pedro Pomar e Ângelo Arroyo, mortos enquanto estavam em reunião do partido.

Marighella é citado de forma breve no mês de Novembro, lembrando de forma implícita sua morte em 1969. Aliado, ao adjetivá-lo como “figura lendária” e “pensador da luta armada” destaca o papel de liderança de esquerda exercida no país por Marighella, em razão de sua resistência e combate à ditadura militar.

A UNE (União Nacional dos Estudantes), está presente em dois trechos dos meses de Setembro e Outubro em contextos diferentes. Ele destaca o papel da UNE no combate à ditadura ao citar a greve organizada pelos estudantes em 1980, que apesar das ações militares consegue mobilizar um milhão de jovens estudantes. Em seguida, no mês de Outubro ele narra o congresso organizado pela UNE em Ibiúna, que ocorre em pleno período de chumbo da ditadura, reunindo cerca de 1000 estudantes que foram presos pela polícia que invadiu o local. Entre eles, como destacado na letra, Zé Dirceu, que concorria a presidência nacional da organização e Vladimir, seu apoiador. Zé Dirceu posteriormente tornou-se deputado estadual e federal por São Paulo e ainda ministro-chefe da casa civil no governo Lula.

No trecho de Fevereiro, é destacado o papel feminino ao ser fundado em 1975 o movimento feminino pela anistia. Um grupo de mulheres formado por mães e filhas de presos políticos que se reúnem para lutar pela liberdade e anistia de seus parentes.

Sobre as diversas guerrilhas ocorridas durante a ditadura, Aliado destaca a Guerrilha do Araguaia, ocorrida no Pará entre 1972 e 1974, onde guerrilheiros foram mortos em confronto com as forças armadas. O autor chama a atenção para o discrepante número de combatentes, 69 guerrilheiros contra 20 mil soldados.

Por fim, é destacado o roubo de 2 milhões e meio de dólares, da casa da amante do ex governador de São Paulo, Adhemar de Barros. O roubo é organizado e efetivado pelos

integrantes da VAR-Palmares, a intenção é financiar as organizações de esquerda que lutavam contra a ditadura militar.

Cinco mortes de lideranças de diversas frentes aparecem nas letras:

Abril/ maio/ Junho

### **Maio**

1998, o cacique Xucuru, Francisco de Assis Araújo, foi morto em Pesqueira, Pernambuco, lutando pelas terras ancestrais de seu povo.

Julho/ Agosto/ Setembro

### **Julho**

Em Julho de 1934, eu relato a morte do lendário Padre Cícero que continua vivo nas orações, nas preces, no coração dos irmãos lá do Nordeste.

Em 1938, 28/07, acontece a emboscada comandada por José Bezerra matando o capitão Virgulino Ferreira, o Lampião/ que foi o rei do Cangaço no Sertão.

### **Setembro**

1897, 22 de Setembro/ eu me lembro/ da morte do velho guerreiro/ Antônio Conselheiro.

Outubro/ Novembro/ Dezembro

### **Dezembro**

Sem esquecer de outro cara que foi muito valioso, 1988, foi morto outro líder de minha gente/ meu registro é em memória deste homem competente/ que Jesus guarde sua alma, glorioso Chico Mendes.

São escolhidos representantes de diferentes segmentos dos movimentos sociais, um ligado ao Norte e quatro ao Nordeste. Quatro desses líderes são assassinados em razão de suas lutas ou atuações sociais e políticas. O Cacique Xucuru Francisco de Assis Araújo, assassinado em 1998 em razão de luta pela preservação de terras indígenas. É destacada a morte de Virgulino Ferreira, o Lampião, em uma emboscada em 1938, personagem que suscita debates, suas histórias tornaram-se grandes lendas contadas pelos mais antigos, Lampião sem dúvida tornou-se um dos sujeitos nordestinos mais emblemáticos do início do século XX. Antônio Conselheiro, morto no ataque à comunidade de Canudos, no sertão baiano e por fim, é narrada a morte de Chico Mendes em 1988, assassinado em razão de sua luta pela preservação da

floresta amazônica.

Dos escolhidos, somente padre Cícero teve morte por causas naturais, em 1934. No trecho ele é destacado como uma figura lendária, que segue viva na memória do povo nordestino. De fato, como Lampião, Pe. Cícero tornou-se uma figura emblemática e controversa na história do povo cearense, apesar de sua atuação junto à população pobre também esteve próximo a políticos e coronéis.

#### Quatro referências a greves no século XX:

Janeiro/ Fevereiro/ Março

#### **Março**

1981, a Greve da PM/ no governo ACM/ o próprio órgão repressor padecia com a repressão, convocados então os fuzileiros navais/ a fim de estabelecer a paz/ da elite, atiraram no piquete matando um tenente grevista.

A greve dos 300 mil, em 1953, contou com os metalúrgicos, marceneiros, vidreiros e os gráficos.

Em 1979, 180 mil operários entraram em greve em São Bernardo do Campo.

1987 a maior greve dos bancários do Brasil, 750 mil mobilizados, por aqui encerrou março.

Os quatro fatos históricos relacionados a greve estão localizados no mês de Março, três dos quatro fatos ocorreram na década de 1980, período de redemocratização política. O autor escolhe por trazer apenas uma greve que data do início da segunda metade do século XX, que mobiliza 300 mil trabalhadores entre metalúrgicos, marceneiros, vidreiros e gráficos. Destaca-se a greve da PM (Polícia Militar) em 1981, a incoerência entre a PM como um órgão repressor e a mesma manifestando-se contra o próprio governo através de greve, esse mesmo governo que reprime o movimento com o apoio dos fuzileiros navais.

Recebe atenção o movimento grevista que conta com a participação de 180 mil operários na cidade de São Bernardo do Campo no ABC paulista, região que fica marcada pelo movimento sindicalista, criando lideranças regionais e nacionais. É dali que surge a figura de Luiz Inácio Lula da Silva, que anos mais tarde torna-se o primeiro presidente operário do país em 2002.

Ele ainda destaca a greve dos bancários em 1987, que conta com uma grande adesão de trabalhadores, 750 mil. O que chama atenção nas escolhas do compositor é o recorte por movimentos grevistas que mobilizaram grandes números de trabalhadores de diversas áreas, de 180 a 750 mil, é possível verificar o que Aliado G explica na entrevista sobre o mito do povo brasileiro aceitar as mazelas sociais de forma pacífica e sem resistência. Os movimentos grevistas e seus altos números de adesão desconstroem esse discurso.

#### Cinco revoltas e rebeliões no século XIX:

Janeiro/ Fevereiro/ Março

##### **Janeiro**

Pedro Ivo, inesquecível, quebrou correntes/ lutou por nossa gente/ não respeitou barreiras/ o importante líder da Revolução Praieira/ 1849, que a esperança se renova, em Pernambuco, no Recife/ maluco acredite/ que na terra do sol, um manifesto exigia voto livre universal.

Mais uma vez nosso povo/ lutando com arrocho/ em busca de dignidade/ invadiram as cidades/ enfrentando a repressão/ na luta por trabalho e liberdade de expressão/ 1874, revolução feito peste/ se espalhou pelo Nordeste/ Rio Grande do Norte, Alagoas, Paraíba, Pernambuco e Ceará, aumentaram os impostos, mudaram as medidas, não concordando com aquilo/ surgiu então a Revolta chamada de Quebra-Quilo.

Abril/ Maio/ Junho

##### **Maio**

1823 a 1831, o sentimento comum anti-colonial/ levou ao choque mortal/ Mata-Maroto explodia/ no Estado da Bahia/ depois das surras, das prisões/ das famosas rebeliões.

Outubro/ Novembro/ Dezembro

##### **Novembro**

Caminhando contra o vento/ começo Novembro/ dia 07/11/1837, se liga no que acontece, a Sabinada declarava a independência da Bahia.

### Dezembro

Não posso ir embora sem passar no Maranhão, mandar um salve pros meninos sangue B, nordestino e muitos outros camaradas dessa terra abençoada/ onde ocorreu a tão famosa inesquecível Balaiada/ em 1838, muita luta muito esforço acabaram derrotados pelo duque puxa-saco, conhecido por Caxias, quem diria/ que hoje em dia/ viraria nome de pracinha. Cagueta traidor, metido a esperto/ pior que hoje em dia ele é patrono do exército.

No eixo rebeliões no século XIX, todas ocorrem no Nordeste brasileiro, Pernambuco, Paraíba, Bahia e Maranhão, marcando um período de turbulência social, que se acentua durante o período regencial da história do Brasil.

Escolho analisá-las aqui de forma linear, em razão do contexto histórico da época e como elas podem estar relacionadas e se autoinfluenciando. O autor destaca o conflito de interesses entre a população brasileira e a coroa portuguesa, culminando nas revoltas Mata-Maroto no início do século XIX, entre 1823 e 1831 na Bahia, o que ele chama de “sentimento comum anti-colonial” quando a população entra em conflito com a coroa, apesar das prisões, mortes e agressões, desconstruindo mais uma vez o mito de uma população explorada de forma passiva e não rebelada.

Na mesma década, é chamada a atenção no mês de Novembro para a Sabinada em 1837, que luta pela independência do estado baiano. É possível fazer uma relação de luta e legado entre as revoltas Mata-Maroto e a Sabinada, afinal, além de ocorrerem na mesma década, estão inseridas no mesmo estado e período regencial, portanto, uma continuidade de luta, resistência, rebelião e reivindicações.

Ainda em 1838, mesma década de Mata-Maroto e Sabinada, é narrada a revolta da Balaiada, que ocorre no estado do Maranhão. No trecho, além de saudar o povo maranhense, Aliado critica a atuação de Duque de Caxias na derrota dos revoltosos, e a incoerência que há na construção dos heróis brasileiros, quando o mesmo é alçado a herói e patrono do exército “cagueta traidor, metido a esperto/ pior que hoje em dia ele é patrono do exército”.

A Revolução Praieira, em 1849, que ocorre já durante o reinado de D. Pedro II é narrada à partir do destaque da figura do líder Pedro Ivo. É evidenciado através de palavras e trechos como “inesquecível”, “quebrou correntes” e “não respeitou barreiras”, sua ação efetiva e destemida frente a revolução. O mesmo destaca a pauta do voto livre e universal, que o Brasil ainda demorará mais de um século para alcançar, somente na constituição de 1988, quando é assegurado o direito ao voto também às pessoas analfabetas.



Por fim, já caminhando para o fim do século XIX, é narrada a revolta de Quebra-Quilo, ocorrida em 1874, que têm início na Paraíba, mas como aponta o autor, se espalha por várias regiões do Nordeste como Rio Grande do Norte, Alagoas, Pernambuco e Ceará quando a população mais uma vez se revolta contra os aumentos de impostos. Com essa revolta é possível desconstruir a ideia de um reinado integrado, sem levantes e revoltas da população durante a administração de D. Pedro II. Por fim, à partir dos versos podemos refletir acerca do protagonismo de diferentes regiões do Nordeste brasileiro, no que se refere a resistências e rebeliões, evidenciando a importância da região na compreensão das lutas e resistências brasileiras.

Três passeatas e marchas:

Janeiro/ Fevereiro/Março

#### **Março**

1968, Edson Luis foi morto pela polícia do Rio, sua morte gerou a passeata dos 100 mil.

Abril/ Maio/ Junho

#### **Maio**

1978, no ABC Paulista/ outra página era escrita/ mais de 100 mil operários no dia 1º de Maio, na manifestação/ contra a prisão/ do Lula sangue bom, Devanir Ribeiro, Djalma Bom, entre outros, líderes do povo.

Julho/ Agosto/ Setembro

#### **Setembro**

Em 1999, não se viu/ mas em Brasília aconteceu a Marcha dos 100 mil.

São escolhidas três grandes marchas ocorridas na segunda metade do século XX no Brasil, em décadas, contextos históricos diferentes e com pautas diversas. Duas delas acontecem durante o período de Ditadura Militar, o que marca a resistência mesmo durante anos de repressão. No Rio de Janeiro, a população denuncia através da marcha ocorrida em 1968 que conta com a participação de 100 mil pessoas as ações criminosas da polícia militar,

ao assassinar Edson Luís. Em São Paulo ganha destaque a luta dos operários das montadoras na região do ABCDMR, quando em 1978 paralisam 100 mil trabalhadores no dia 1º de Maio em protesto contra a primeira prisão do ex-presidente Lula, Devanir Ribeiro, Djalma Bom dentre outros líderes sindicais. Em 1999 ele destaca a marcha dos 100 mil ocorrida em Brasília já no período democrático durante o governo do ex- presidente Fernando Henrique Cardoso.

Sobre a UNE (União Nacional dos Estudantes):

Julho/ Agosto/ Setembro

### **Agosto**

União Nacional dos Estudantes nasceu no dia 7/08/1937 e até hoje segue na luta popular.

### **Setembro**

A Ditadura fechou o acesso aos estandes, 1980, a greve dos estudantes promovida pela UNE, durante três dias mobilizou um milhão na luta contra a covardia.

Outubro/ Novembro/ Dezembro

### **Outubro**

Ainda esse mês/ eu lembro a vocês/ o Congresso da UNE em Ibiúna, olha só o que aconteceu/ prenderam mais de 1000 estudantes, entre eles Zé Dirceu/ Vladimir (o extravaso), um tremendo arregação.

A UNE, desde sua fundação atuou em diversas frentes políticas e sociais, aqui são destacados três importantes momentos de luta da organização. Sua fundação, em 1937, em pleno governo de Getúlio Vargas, e outros dois fatos que irão dialogar também com o eixo De ditadura militar, são eles: a greve de 1980 (Essa em específico irá dialogar com três eixos: Ditadura, UNE e Greve), que mesmo com a ação de repressão consegue mobilizar cerca de um milhão de estudantes, que lutam pelo retorno da democracia e o Congresso em Ibiúna, que será marcado pela prisão de 1000 estudantes, entre eles Zé Dirceu.

Duas fundações de partidos políticos:

Janeiro/ fevereiro/ Março

**Fevereiro**

Aflitos/ atritos/ greves no ABC, o sindicalismo moderno, a esquerda do MDB/ em 1980, fizeram nascer o PT.

**Março**

Em 1922 é fundado o Partido Comunista do Brasil/ quem te vê quem te viu/ fruto da elevação do grau de organização e consciência da classe operária à beira da falência.

Aqui é feita a escolha de anunciar a fundação de dois partidos políticos de esquerda no Brasil. Primeiro o PC do B (Partido Comunista do Brasil), em 1922 antecedendo a coluna Prestes, o autor justifica sua fundação quando narra um novo olhar da população acerca das questões sociais “fruto da elevação do grau de organização e consciência da classe operária à beira da falência”. E posteriormente, já na década de 1980, pós-ditadura militar, nasce o PT (Partido dos Trabalhadores), com origem nos movimentos sindicalistas, tendo como seu principal líder Luiz Inácio Lula da Silva, já citado no eixo sobre ditadura em razão de sua prisão como líder sindical.

Duas revoltas que ocorreram no início do século XX:

Outubro/ Novembro/ Dezembro

**Novembro**

Em 1910, no Rio acontecia a Revolta da Chibata maior da nossa marinha.

Em 1912, o Contestado liderado pelo monge João Maria, em Santa Catarina, também já passei por lá.

As revoltas que datam do início do século XX selecionadas para compor o referido eixo assemelham-se por se tratar de uma população pobre e marginalizada e ocorrem no eixo Sul-Sudeste. Uma delas, conhecida como um dos movimentos messiânicos no Brasil ocorreu em 1912, colocou de um lado forças governamentais e do outro camponeses em Santa Catarina, liderados pelo líder religioso João Maria, que se assemelha ao líder de Canudos Antônio

Conselheiro no que se refere à sua figura e representatividade de líder social e espiritual para um determinado grupo. João Maria e Conselheiro circulam como os principais representantes de líderes messiânicos entre o final do século XIX e início do XX.

A Chibata, em contrapartida, marca a resistência de uma população negra trabalhadora no pós-abolição na cidade do Rio de Janeiro que não está disposta, como nunca esteve, a aceitar o tratamento desumano à base de chibatadas por parte dos oficiais navais brancos. A revolta da Chibata também está presente no eixo sobre resistência negra no século XX.

Dois fatos ligados ao MST (Movimento de Sem Terra):

Janeiro/ Fevereiro/ Março

#### **Janeiro**

Em 21 de Janeiro, 1984/ realizaram o ato/ fundando o MST/ pode crer/ fruto da luta popular pela reforma agrária, hoje está organizado em 24 Estados, empunhando suas bandeiras, levando seu estandarte.

Abril/ Maio/ Junho

#### **Abril**

1996, Eldorado de Carajás, 200 policiais espalharam o medo, causaram tormento/ invadiram o acampamento/ do MST, prontos pra bater e pra matar/ 19 trabalhadores morreram por lá.

O movimento MST, atualmente sob o risco de ser enquadrado como movimento terrorista e alvo de ataques do atual governo federal, enfrenta perseguições e críticas em diferentes momentos políticos da sociedade, em razão do desconhecimento de sua importância na atuação como movimento social, no que se refere à luta pela reforma agrária, redistribuição de terras não cultivadas, educação no campo e produção de alimentos sem agrotóxicos.

Provavelmente por isso, o autor julga importante citar dois fatos marcantes e opostos do movimento. O momento da fundação, em 1984, período de redemocratização do país, evidenciando a luta popular em pleno período de repressão, no mesmo trecho ele chama a atenção para a força do MST ao se estender para 24 estados da federação. O outro momento marcante escolhido é o ataque sofrido ao acampamento de Eldorado de Carajás, no Pará, em 1996, quando 200 policiais assassinaram 19 integrantes do movimento. O ataque aqui citado só

confirma o histórico de luta, resistências e perseguição ao movimento MST, que ao reivindicar seus direitos à terra, incomoda e provoca uma elite que não está disposta a dialogar ou reconhecer seus privilégios.

Dois fatos ligados à organização de frentes de esquerda na primeira metade do século XX:

Janeiro/ Fevereiro/ Março

#### **Março**

Por ela que eu trabalho, sofro, choro e sinto, mas sinto que 1935, Aliança Nacional Libertadora nasceu pra lutar contra a classe opressora.

Outubro/ Novembro/ Dezembro

#### **Outubro**

29/10/1925, então seja bendito o invicto Luis Carlos Prestes/ o líder vitorioso da nossa Coluna Prestes/ que percorreu a pé ou a cavalo 25 mil Km em mais de 12 Estados, enfrentando oligarquias locais/ as forças federais/ tornando presos livres/ pregando o voto livre/ distribuindo terras, agindo contra a miséria, sacudiram a estrutura, onde passavam destruíam instrumento de tortura, por 24 meses/ ainda queimaram documentos anulando as dívidas dos camponeses.

A formação dos movimentos de esquerda estão representados no eixo sobre formação de partidos políticos aqui já citados, PT e PC do B, e também no eixo sobre a formação das frentes de esquerda no início do século XX, que já contam com a formação do PC do B em 1922. Poucos anos depois, em 1925, é narrado o início do que conhecemos como “Coluna Prestes”, liderada por Luis Carlos Prestes. É destacada a importância da Coluna Prestes ao percorrer o país por 25 mil km assumindo o enfrentamento às oligarquias e forças federais, em um período ainda conhecido como “República Velha”. No trecho “distribuindo terras, agindo contra a miséria, sacudiram a estrutura, onde passavam destruíam instrumento de tortura, por 24 meses/ ainda queimaram documentos anulando as dívidas dos camponeses” é possível compreender como os movimentos sociais, populares e de esquerda assumem um posicionamento de combate e confronto com forças de elite durante todo o século XX, em diferentes contextos e mandatos. E por fim ele cita a formação da Aliança Nacional Libertadora,

já no governo Vargas e sua relevância no que diz respeito a luta pelos direitos sociais e contra a opressão.

Duas fundações de comunidades:

Janeiro/ Fevereiro/ Março

#### **Janeiro**

Beato Severino, discípulo de Padre Cícero/ em 1937, pros lado de São Francisco/ na Bahia, bateu de frente com a oligarquia dos Viana, em pleno natal/ fundou a comunidade chamada Colher de Pau/ ou Pau de Colher, chamem como quiser o importante é o brilho.

Abril/ Maio/ Junho

#### **Junho**

Eu juro/ que em Junho/ 1893/ mais uma vez/ o sonho de liberdade/ se tornou realidade/ Velho Antônio Conselheiro/ guerreiro/ fez da fé o seu escudo/ fundou o Belo Monte, conhecido por Canudos.

Mais uma vez a relação entre religiosidade e formação comunitária surge nas fundações de comunidades em um mesmo estado, a Bahia. Em 1893, quando Conselheiro funda Canudos no interior baiano, agregando a população pobre e desprovida de direitos básicos e já no século XX, quando Beato Severino, discípulo de Padre Cícero, que figura neste trabalho no eixo sobre morte de lideranças funda a comunidade Colher de Pau, enfrentando as famosas oligarquias que dominam o poder político no período no país, e que também são citadas no eixo sobre as frentes de esquerda.

Duas revoltas no início da segunda metade do século XX:

Janeiro/ Fevereiro/ Março

#### **Março**

Revolta de Porecatú, em 1951, latifúndios pra lá/ posseiros pra cá/ lutando pela terra no Norte do Paraná.

Abril/ Maio/ Junho

#### **Maio**

1959, saindo das trincheiras/ já estamos em Maio, Revolta da Cantareira/ os grevistas enfrentavam a marinha

brasileira.

A segunda metade do século XX é marcada pelo pós II Guerra Mundial, porém, como mostra a letra analisada, o Brasil apesar de passar a articular com questões políticas e econômicas internacionais, como por exemplo, o alinhamento político aos EUA e a instalação de montadoras de carros no país, segue lidando com lutas e rebeliões em diversas regiões, como é o caso da Revolta de Porecatú em 1951, no Sul, conflito marcado pela disputa de terra entre pequenos agricultores e grandes latifundiários e a Revolta da Cantareira ou revolta das Barcas, ocorrida no Rio de Janeiro em 1959, em razão dos preços cobrados no transporte na Baía de Guanabara.

#### Lutas indígenas nos séculos XVI, XVII e XVIII:

Janeiro/ Fevereiro/ Março

##### **Fevereiro**

Na luta contra a escravidão e a matança, os povos indígenas formaram uma grande aliança – Confederação dos Tamoios/ contou com apoio/ Tupiniquim, Tupinambá, Karijó e Goianá, liderados por Emberé e Curambebé, a luta segue, em 1562 a 1567.

Na Guerra das Missões, 1756/ vejam vocês/ no Rio Grande do Sul/ uma matança tão terrível quanto à do Carandiru/ lutando contra as tropas Luso-Espanholas sob um saldo negativo 2500 índios mortos de uma só vez/ fora os que morreram de 1553 a 1556.

Outubro/ Novembro/ Dezembro

##### **Dezembro**

Já chegamos em Dezembro, daqui a pouco a letra acaba/ mas dá tempo de lembrar a Revolta de Ajuricaba/ no Amazonas, às margens do Rio Negro, onde morreram milhares de índios, verdadeiros brasileiros.

As escolhas de narrativas sobre lutas e resistência indígenas datam todas do período colonial, entre os séculos XVI e XVIII. A escolha pode ser importante para provocar o debate acerca da luta indígena contra a exploração, escravidão e catequização indígena durante a colônia.

Entre 1562 e 1567 é evidenciada a importância da aliança de povos indígenas contra os invasores e exploradores portugueses na Confederação dos Tamoios, que contará com quatro grupos indígenas sob as lideranças de Emberé e Curambebé. Tamoios é um exemplo da força e organização de luta dos povos originários.

Sobre a Guerra das Missões ocorrida em 1756, ele faz referência ao assassinato de 2500 indígenas no Rio Grande do Sul. O autor faz uma relação com outro momento onde povos indígenas também são mortos, no século XVI no trecho “fora os que morreram de 1553 a 1556”, à fim de exemplificar como eles estão sendo perseguidos, escravizados e mortos durante todo o período do Brasil colônia, e ainda faz referência aos presos mortos no presídio do Carandiru, demonstrando que a perseguição às minorias no país é atemporal.

Os quatro assuntos a seguir não se encaixaram em nenhum dos eixos temáticos organizados, o que não exime a importância e relevância de cada um na história de lutas e resistências no país. São eles:

#### Luta entre camponeses e latifundiários:

Abril/ Maio/ Junho

#### **Abril**

1954, camponeses contra latifundiários e polícia militar do Estado de Goiás, Trombas e Formoso/ eu sigo orgulhoso/ o líder José Porfírio, que em 1964 foi cassado, preso e torturado.

O trecho faz referência à luta no centro-oeste do país, em Goiás, através da Revolta de Trombas e Formoso, entre camponeses e latifundiários. É possível perceber a perpetuação da política dos grandes oligarcas, que remete ao período da primeira república, mas que se perpetua na história e política brasileira na segunda metade do século XX e relaciona-se com o período de ditadura militar no país, quando o líder do movimento, José Porfírio é preso e torturado em 1964, ditadura e políticas oligárquicas já foram citadas neste trabalho em outros eixos.



## Formação da Central Única dos Trabalhadores:

Julho/ Agosto/ Setembro

### **Agosto**

1983/ parabéns a vocês/ fundadores da CUT, felicidade/ aos trabalhadores do campo e também os da cidade.

A formação da CUT (Central Única dos Trabalhadores), que faz parte de um novo cenário na década de 1980, onde as forças dos movimentos sociais se organizaram no processo de redemocratização, é possível citar além da CUT a formação do MST e o Partido dos Trabalhadores PT, e uma relação de apoio entre esses movimentos.

## Proibição econômica no Brasil Colônia no século XVII:

Outubro/ Novembro/ Dezembro

### **Outubro**

Pesquisando, pesquisando olha só o que eu descobro/ em 1665, durante o mês de Outubro/ Portugal proibiu a extração de sal/ no Brasil-Colonial/ o povo se revoltou/ incendiou/ saqueou/ a casa dos contratadores/ os lusos exploradores.

O Brasil colônia aparece mais uma vez na letra ao ser tratada a questão da proibição da extração de sal e as revoltas advindas de tal proibição da coroa portuguesa.

## Ataque a comunidade messiânica, primeira metade do século XX:

Outubro/ Novembro/ Dezembro

### **Novembro**

1936/ vêm na memória outra vez/ Caldeirão da Santa Cruz/ louvado seja meu Jesus/ comunidade que crescia/ igualdade prevalecia/ incomodou oligarquias que aliadas ao governo apontaram seus canhões/ utilizaram aviões/ pra metralhar/ bombardear/ o povo de José Lourenço.

Por fim, apesar de Canudos e Contestado aparecerem em outros eixos, somente quando se trata sobre a comunidade de Santa Cruz é que se aborda a questão dos ataques às comunidades messiânicas, em outros momentos foram tratadas sobre suas fundações ou feitas referências aos seus líderes. Ela foi atacada em 1936, quando novamente o povo é enxergado

como inimigo do estado ao mostrar poder de organização comunitária, insatisfação social e luta contras os oligarcas.

Foram três dias pra escrever/ mas tenho orgulho de saber/  
que estou passando pro meu povo um pouco de  
informações, de conscientização/ auto-valorização/  
obrigado sangue bom/ pelo dom/ de me entender. Face da  
Morte sempre, sempre, ponto com você.

No trecho acima, o último da letra Outubro/ Novembro/ Dezembro é feita uma despedida, interligando as quatro últimas letras do álbum. No que diz respeito ao orgulho na elaboração do trabalho, ele também é mencionado na entrevista concedida por e-mail, o que só reafirma o compromisso do grupo em utilizar o Rap não só como gênero musical, mas como canal de informação, conscientização e autovalorização como é destacado no refrão, da população periférica e negra.

A análise das letras aqui sugerida colabora para evidenciar e compreender as potencialidades do objeto de pesquisa em questão, como fonte de produção de conhecimento histórico e aporte teórico/ metodológico no ensino de história.

### **3.3– Escola: espaço de produção de conhecimento**

Em Fevereiro de 2018 ingressei na prefeitura municipal de São Paulo, estar em um novo ambiente, abrangendo rede/escola/comunidade fez demorar mais que o previsto o início da pesquisa de campo. Julguei que ao pesquisar a escola e suas múltiplas relações, seria necessário conhecer o espaço e criar vínculos, tanto com o com grupo docente quanto com o discente. Além disso, o início do ano letivo de 2018 foi marcado pela greve dos professores contra a proposta do SAMPAPREV, o que resultou em uma reorganização do calendário escolar.

Retornamos às aulas em meados de Março, em um primeiro momento trabalhei para sentir as turmas e os perfis. Para isso, foi essencial a parceria estabelecida com a professora Josélia, de História. Na prefeitura de São Paulo quando um novo professor chega à escola e não possui aulas atribuídas deve-se acompanhar outro docente da mesma área, em aulas compartilhadas. A professora em questão mostrou-se generosa desde o início, me colocando como parceira e extensão dela em sala de aula, essa postura colaborou para uma criação de vínculo e respeito com as turmas.

Além das especificidades tratadas acima, eu, como professora sem turma, muitas vezes entrei para substituir faltas de outras disciplinas, além de um calendário específico que a escola

prepara para as organizações do Festival Literário, Mostra Cultural e Gincana. Todas essas ações incidiram na minha organização e aplicação de atividade, afinal, quando tratamos de escola, não é possível pensar de forma fragmentada, tudo o que ocorre nela, inclusive os imprevistos irá influenciar o andamento de pesquisas realizadas neste espaço.

Após algumas semanas de observação, conversas e construção dos primeiros vínculos através de substituições e aulas compartilhadas, passei a socializar o projeto de pesquisa com as turmas dos oitavos anos. No ano anterior, em 2017, a escola recebeu a visita do poeta Márcio Ricardo, do Grajaú, o momento ficou marcado na memória dos adolescentes, explicaram sobre o encontro com muito entusiasmo, observei que seria uma porta de entrada para o meu trabalho, introduzi à partir daí o debate sobre cultura HIP HOP e avaliei os conhecimentos prévios que possuíam.

À partir disso, dei início efetivamente a pesquisa de campo, que foi organizada em quatro partes:

### **1º Parte:**

Apropriação do espaço escolar e construção de vínculos com funcionários/as e alunos/as.

### **2º Parte**

As turmas foram divididas em grupos e apresentei a música “Capítulo 4 versículo 3”, dos Racionais Mc’s. Muitas alunas e alunos já conheciam a letra, e demonstraram empolgação com a atividade. A música foi ouvida duas vezes em cada turma, a pedido dos mesmos. Em seguida, para refletir o conceito de “efeito colateral” e a rebelião como um desses efeitos, refletimos sobre a construção da letra e a realidade social em que a escola está inserida. Solicitei que os grupos apresentassem as frases que mais chamaram a atenção:

“60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial”

“A cada 4 pessoas mortas pela polícia, 3 são negras”

“O preto aqui não tem dó, é 100% veneno”

“Minha palavra vale um tiro, eu tenho muita munição”

“Eu tenho uma missão e não vou parar”

“Eu sei, as ruas não são como a Disneylândia”

“Seu carro e sua grana já não me seduz”

Após o levantamento das frases fizemos uma reflexão sobre a representatividade social das frases escolhidas e como elas dialogam com a realidade social em que esses adolescentes são sujeitos, e como o Rap poderia representar um efeito colateral de rebelião no sistema.

### **3º Parte**

Em seguida foi apresentado o documentário “1000 Trutas, 1000 Tretas”, dirigido por Mano Brown e que faz parte do DVD do grupo Racionais Mc’s com o mesmo nome. O documentário conta a história dos bailes *Black’s* na periferia de São Paulo e como os bailes se constituem como resistência periférica na construção de identidade negra.

Após o documentário foi trabalhado o contexto histórico do movimento HIP HOP, sua origem na cultura e música Jamaicana e a relação com o Funk, Jazz e Blues estadunidense. Além disso, foi apresentado o contexto sócio-histórico do período, como: Guerra do Vietnã; Segregação racial e resistência negra nos Estados Unidos; Panteras Negras e sujeitos/as importantes na luta antiracista no país, como Malcolm X, Martin Luther King e Angela Davis.

Também contextualizamos à partir do documentário 1000 Trutas, 1000 Tretas o período histórico brasileiro que data da chegada do movimento HIP HOP no país, a relação com a cidade de São Paulo e as periferias, os encontros na Praça São Bento e os precursores do movimento como Thaíde, DJ Hum e mestre Triunfo.

### **4º Parte**

Por fim, foi organizado a apresentação, debate e reescrita das letras de Rap do grupo Face da Morte, Janeiro/Fevereiro/Março; Abril/Maio/Junho; Julho/Agosto/Setembro e Outubro/Novembro/Dezembro realizada pelas três turmas de oitavo ano, que será detalhada a seguir.

## **3.4– Novos saberes emergem**

Boaventura de Souza Santos (2018), em *Na Oficina do Sociólogo Artesão – aulas 2011-2016*, reúne aulas e palestras ministradas no período citado e reflete sobre as angústias que o acompanharam em sua profissão docente. Após finalizar seu doutorado na Universidade de Yale (EUA) retorna a Portugal em 1973 com um futuro profissional ainda incerto. Apesar de propostas para lecionar Direito nos EUA, Boaventura opta por regressar às suas origens, principalmente ao perceber que o regime de Salazar dava sinais de desgaste, e assim o fez, ao assumir a cadeira de professor de Introdução aos Estudos das Ciências Sociais e Metodologia geral das Ciências no ano letivo de 1973-1974. (SANTOS, 2018, p.346)

Tornar-se professor da Universidade de Coimbra, em um período de renovação e

contestação social, fez Boaventura repensar suas práticas pedagógicas. O autor talvez não soubesse que ao repensar suas próprias práticas, estava rompendo com pedagogias autoritárias e rígidas em que ele mesmo foi formado.

Suas primeiras experiências com pedagogias inovadoras voltadas ao diálogo e ressignificação da relação professor-aluno não foram bem sucedidas. Ele avalia que suas novas perspectivas haviam sido mal interpretadas ao perceber o baixo desempenho dos estudantes ao final do semestre. Isso causou em Boaventura um desconforto e necessidade de autoreflexão, algo que a maioria dos docentes, lecionando desde a educação básica até universitária passa ou já passou em algum momento da vida profissional. Sempre que finalizamos um ano letivo fazemos uma retrospectiva para avaliar as boas ações em sala de aula, o que precisa ser alterado/melhorado e mantido no ano seguinte, com o autor em questão não foi diferente.

Ele busca identificar os motivos que levam os alunos a compreender que sua postura em sala pode ser identificada como sinônimo de disciplina fácil e que depende de pouco comprometimento. O autor compreende que ao tornar a prática docente dinâmica e com novos elementos, rompendo com o discurso autoritário, pode ser produzida uma falsa mensagem aos alunos de sensação de facilidade. (SANTOS, 2018, p.347)

Porém, Boaventura não desiste de suas novas concepções, compreende que não é possível regressar às antigas práticas, o necessário será repensar as estratégias e redefini-las. Uma das estratégias é a relação que Boaventura estabelece com a cultura periférica, ele se aproxima do universo do movimento HIP HOP, pois compreende que o movimento é representante de novas epistemologias e produz novos saberes, na perspectiva de “ecologia dos saberes” do próprio autor. Neste caminho estabelece diversas parcerias de pesquisa e trabalho, como é o caso do rapper brasileiro Renan Inquérito e o lançamento do livro Rap Global (2010), onde o autor se metamorfoseia em um rapper (Queni) morador da periferia de Portugal, o Barreiro.

A partir destes trabalhos Boaventura irá relacionar os saberes acadêmicos com os saberes produzidos pelos “Outros”, aqueles que estariam atrás da linha abissal. Além das parcerias, ele ainda publica alguns trabalhos de doutorandos ligados ao Rap que transformam em rima suas aulas, demonstrando que não deixou para trás suas novas perspectivas pedagógicas, ao contrário, buscou novos caminhos e desafios.

São esses novos caminhos e desafios que busquei com meus alunos do Jardim Iguatemi, ao colocá-los como sujeitos históricos e produtores de conhecimento nas reescritas das letras do grupo Face da Morte.

As letras de Rap analisadas no subcapítulo 3.2 foram apresentadas às três turmas de oitavo ano da escola Dirce Genésio dos Santos. Foi explicado o motivo e intencionalidade da pesquisa, a relação academia/escola e meu papel como professora/pesquisadora.

Para aplicação de atividades que transponha a sala de aula a escola conta com uma sala de projeto, porém, houve problemas de ordem estrutural para o uso do espaço. A própria sala, apesar de ser destinada a aplicação de atividades pedagógicas com os alunos, não contava com estrutura de cadeiras para todos, foi necessário improvisar buscando outros assentos para que houvesse um ambiente minimamente confortável.

No uso de eletrônico, no caso o rádio com entrada USB, também houve problema de organização para utilizá-lo, como: local em que os rádios estão guardados, havendo necessidade de separação dos aparelhos em boas condições dos que necessitam de conserto. Creio que seja importante apontar os aspectos da organização do espaço físico escolar, apesar de contar com certa estrutura como sala de vídeo, TV, Data Show, rádio e caixas de som nem sempre estão facilmente disponíveis e organizados para o uso docente, dificultando e não otimizando o tempo em sala de aula.

Por fim, seguimos com a pesquisa de campo, os alunos foram divididos em grupos, quatro por sala, totalizando 12, com uma média de 7 alunos/as cada. Cada grupo foi retirado da sala de aula para apresentação e socialização do trabalho na sala de projetos.

A escolha em fazer a primeira parte na sala de projetos se deu ao analisar que seria difícil ouvir quatro músicas diferentes em uma mesma sala de aula e conseguir estabelecer um trabalho de reflexão e reescrita entre diferentes grupos.

Para a aplicação do trabalho contei com a colaboração de diversos colegas docentes, pois alguns grupos se ausentaram de aulas de outras disciplinas. Todos foram sensíveis a pesquisa e mostraram-se receptivos, não colocando qualquer objeção com a ausência dos mesmos.

Cada grupo emitiu diversas impressões acerca das letras apresentadas. Algumas frases podem elucidar melhor as reações:

“Me senti burra, não sabia nada de História”.

“Parece que vão relacionando algo, antigos e novos”.

“Mano do céu, esses cara é top”.

“O foco das letras é a luta”.

“Fiquei preocupada, quanto tempo levaram para pesquisar? Pesquisar, resumir e rimar”.

“Fizeram a gente entender em uma frase o que levamos às vezes um capítulo inteiro de um texto, e mesmo assim não compreendemos tão bem”.

“O ritmo lento é melhor para entender a letra”.

“Quando acha que está no mesmo assunto, mudou”.

“Diferença da batida, mais simples. Hoje tem mais grave, mais eletrônica”.

“Seria ótimo em sala de aula, pode despertar curiosidade para o aprofundamento de pesquisa”.

“Fica uma curiosidade para saber mais, apenas um trecho poderia se tornar um texto inteiro”.

“Por não fazer “obrigado” a pessoa trabalha com mais boa vontade e faz um trabalho melhor”.

“Daria até para elaborar uma prova”.

“A letra nos leva a entender que tudo o que conquistamos hoje, houve luta lá atrás, muita rebelião”

“Vamos criar o nome do nosso grupo?”

“Eu tive a impressão que eles colocaram muito a opinião deles aqui”.

Pergunta de um aluno: “Como vamos relacionar política e reforma agrária”?

Resposta da colega: Ué, mas estão interligados.

“Podemos falar da Marielle e o incêndio do museu”.

### **Algumas críticas foram emitidas:**

“Sem sentido”.

“Difícil cantar com a data”.

“O beach é estranho”.

“Rima estranha.”

### **Logo após ouvir as letras surgiram também dúvidas:**

“O que é MST”?

“Por que é feito o refrão assim”?

“Tenho que manter dentro dos meses”?

“Posso falar coisas de fora do país”?

“Temos que manter a mesma temática de música deles”?

“Podemos fazer pesquisa para elaborar os fatos da nossa letra”?

“Podemos atualizar a entrevista”? (Aqui a aluna faz referência a uma entrevista no final da letra Janeiro/ Fevereiro/ Março).

### **E também gerou reflexões de imediato:**

“O preço continua caro professora”.

“Sobre as moradias que ainda não é para todos”.

“Dá dó, pesadão alguns conteúdos”.

“História não é só coisa bonita, muita gente morreu para estarmos aqui”.

“Se não tivéssemos estudado isso com você, acharíamos que houve morte somente na década de 60, e não foi bem assim”.

Após a apresentação das letras, foi explicado aos/as alunos/as a necessidade da reescrita. O trabalho demorou uma média de 3 aulas cada turma para que terminassem de reescrever. Das doze reescritas, quatro foram selecionadas para análise neste subcapítulo, todas as letras poderão ser consultadas na íntegra nos anexos deste trabalho.

### **Face da Revolução**

Ligue a TV, Bum, influenciado/

Com apenas um botão, você já foi manipulado/ Face da Revolução faça parte dela  
Minha missão é informação/ então se liga meu irmão/ Agora vou resgatar algumas memórias  
que vão te interessar.

Em 2000 ocorreu o Bug do milênio/ o mundo não sabia o que estava acontecendo/  
De 1º de 2000 para 1900, uau, estávamos morrendo.

Agora de 2001 vamos citar/  
O ataque a Torres Gêmeas, vamos nos lamentar/ 3000 pessoas perderam suas vidas, suas  
memórias/ e só deixaram sua trajetória.

Depois de muitos anos aconteceu de novo/No show da Ariana Grande  
mataram nosso povo.

Voltando no passado Em 2009 aconteceu/  
O nosso rei do pop, Michael Jackson morreu.

Em 2014 finalmente aconteceu, depois de anos batalhando  
O casamento gay venceu.



**Também sou daqui, e não estou só/ Sou um ser humano, e não estou só /Tenho meus  
direitos, e não estou só /Não vou me calar e não estou só.**

Sobre a Marielle vamos falar/  
Com sua morte injustiçada, que ainda nos faz chorar/ Ela era política, ativista, feminista e  
gay/

Num mundo machista ela superava a lei.

2018 ano de eleição Candidatos homofóbicos e racistas/  
Estão conseguindo votos  
de homens que não ligam para as conquistas.

Em 2015 aconteceu/  
O impeachment da Dilma ocorreu/ O PT o povo não queria mais/  
O Lula foi preso, O Brasil se satisfaz.

**Também sou daqui, e não estou só/ Sou um ser humano, e não estou só/ Tenho meus  
direitos, e não estou só/ Não vou me calar e não estou só.**

Em 2017, o Trump venceu/  
Nas eleições dos EUA ele concorreu/ O muro ele quis colocar/  
Para barrar quem não tinha lar/O ministério não aceitou/  
E ele se ferrou.

Em 2016, a tragédia amanheceu/ O avião da Chapecoense caiu  
E isso nos entristeceu.

2015, em Mariana aconteceu o mal/ Foi um desastre industrial/  
Que causou um grande impacto ambiental.

2018 ano de tragédias, nossas histórias foram destruídas  
O fogo acabou com tudo/ Oh meu Deus  
O que aconteceu com o mundo?

“Vivemos em um mundo caótico onde é difícil entender as regras. Por que algumas  
pessoas são pobres e outras ricas? Por que alguns tem que fugir enquanto outros estão

seguros? Por que algumas pessoas são jogadas na rua? E por que às vezes que você tenta fazer algo bom ainda é visto com ódio? Não é estranho as pessoas desistirem, deixamos de acreditar no bom. Porque mesmo que algumas vezes pareça, nenhuma pessoa está sozinha. Todos e cada um de nós é uma peça importante no grande caos, e o que você faz hoje terá efeito amanhã. Pode ser difícil dizer exatamente qual tipo de efeito, e normalmente nem sempre podemos ver como tudo se conecta. Mas o efeito de suas ações permanecerá sempre em algum lugar no caos. Em 100 anos podemos ter máquinas que calculem o efeito de todas e cada ação. O medo se espalha. Mas... Com sorte o amor também”.

#Elenão #Elenunca

### **Respeito no geral**

Escola vai além de estudar/  
É aprender a socializar/ educar e replantar/ Ajudar a mostrar que o respeito pode mudar/ E o mundo melhor se tornar.

Muitos de nós falamos sobre respeito, mas não sabemos praticar/ Não usamos como devia para o mundo melhorar/  
Para melhores pessoas nos tornar.

O dinheiro mal distribuído, problemas podem causar/ Elegemos políticos que muitas vezes não sabem governar/ E pro conto de fadas acabar nós iremos os desmascarar/  
E a farsa irá acabar.

Muitos pacientes jogados em uma cama de hospital/ Morrem muitas vezes sem tratamento de um mal/

Muitas doenças podem ser curadas/ mas sempre são largadas/ Faltam remédios, exames e até leitos de hospital

Políticos por favor uma crítica ao senhor/ Melhore o atendimento do povo trabalhador.

### **A política e a desigualdade**

Esse país parece uma peça de teatro, deixando o povo fazer papel de palhaço.

Um dos problemas do século atual/ que é muito enfrentado é a desigualdade social.

A respeito da política do Brasil vamos dizer/ a injustiça da desigualdade de gêneros devemos interromper.

Falar que homens são melhores que as mulheres é ignorância/ ambos deveriam ter direito igual, essa é a real importância.

Sobre o governo agora iremos falar, três nomes da política vamos citar:

Em Maio de 2016 o presidente do Brasil, foi Temer, quando chegou toda nação destruiu.

Bolsonaro um ser machista e deplorável com uma filha rejeitada/ e o povo pobre por ele pode ser exterminado.

Lula o presidente de dois mandatos, construiu diversas faculdades públicas e os estudantes foram ocupando espaço.

## Anos 2000

A atual crise política no Brasil impacta na economia do país/ mas também na confiança e na esperança de um final feliz.

Os anos 2000 foram conturbados/  
deram até uma facada no Bolsonaro.

Teve o incêndio no museu nacional/ que nos fez perder muita história do local.

Invadiram o Paissandu pra sair do buraco, e aí veio o fogo e tudo foi por água abaixo.

E o Lula que foi preso cumpre 12 anos, e no lugar dele o Haddad está chegando.

Em 2014 primeira presidenta  
do mesmo partido no Brasil foi eleita.

Em 2016 o avião da Chapecoense caiu,  
em 2018 “o que é Chapecoense?”  
Ninguém sabe, ninguém viu.

Nas reescritas elaboradas pelas turmas é possível verificar uma mesma linha de pensamento utilizada pelo grupo Face da Morte ao escolherem temas que remetem a relações sociais, política e resistências periféricas. Porém, identificamos rupturas na perspectiva sociohistórica entre o grupo Face da Morte e os/as alunos/as. Questões invisíveis na letra do grupo de Hortolândia, como igualdade de gênero e combate a homofobia ganham posição de destaque no trabalho dos/as discentes, sendo possível diagnosticar novas perspectivas humanas e sociais onde os mesmos estão inseridos e dialogam em seu cotidiano.

O feminino ganha destaque, seja por reflexões feministas como no trecho:

Falar que homens são melhores que as mulheres é  
ignorância/ ambos deveriam ter direito igual, essa é a real  
importância.

Ou ao fazer referência a Marielle Franco:

Sobre a Marielle vamos falar/ Com sua morte injustiçada,  
que ainda nos faz chorar/ Ela era política, ativista, feminista  
e gay/ Num mundo machista ela superava a lei.

O assassinato da vereadora carioca no Rio de Janeiro em Março de 2018 gerou muitos debates entre os adolescentes durante o ano, demonstraram por diversas vezes indignação e curiosidade acerca dos motivos que levaram a sua morte, provavelmente por isso ela ganha espaço na reescrita.

Também chama a atenção pela escolha dos alunos tratarem de assuntos internacionais, demonstrando suas construções socioculturais influenciados pela cultura de globalização.

Em 2000 ocorreu o Bug do milênio/ o mundo não sabia o  
que estava acontecendo/ De 1° de 2000 para 1900, uau,  
estávamos morrendo.

Agora de 2001 vamos citar/ O ataque a Torres Gêmeas,  
vamos nos lamentar  
3000 pessoas perderam suas vidas, suas memórias/ e só  
deixaram sua trajetória.

Depois de muitos anos aconteceu de novo/ No show da  
Ariana Grande mataram nosso povo.

Voltando no passado Em 2009 aconteceu/ O nosso rei do  
pop, Michael Jackson morreu.

Eles também buscam acontecimentos que ocorreram antes de seu nascimento, como é o caso do Bug do Milênio ou que ocorreram quando ainda estavam na primeira infância, como a morte de Michael Jackson, que apesar de não ser contemporâneo dos adolescentes ainda se mantém vivo com o título de “rei do pop” entre os mesmos.

As turmas estiveram em volta do debate sobre valores humanos durante o ano letivo de 2018 na escola e demonstram isso ao escolherem tratar sobre as desigualdades sociais que atinge a população pobre e também a relação integral com a escola, que segundo eles vai além do estudar, pode ser um espaço de socialização e construção de respeito, que contribuiria para um mundo melhor.

Um dos problemas do século atual/ que é muito enfrentado  
é a desigualdade social.

Escola vai além de estudar/É aprender a socializar/ educar  
e replantar/ Ajudar a mostrar que o respeito pode mudar/ E  
o mundo melhor se tornar.

Sobre política, o contexto das eleições polarizadas do ano de 2018 aparece de forma  
recorrente nas letras, o que nos faz refletir sobre as dúvidas, reflexões e demandas acerca do  
tema advinda dos adolescentes.

2018 ano de eleição Candidatos homofóbicos e racistas/  
Estão conseguindo votos de homens que não ligam para as  
conquistas.

Em 2015 aconteceu/ O impeachment da Dilma ocorreu/ O  
PT o povo não queria mais/ O Lula foi preso O Brasil se  
satisfaz.

Em Maio de 2016 o presidente do Brasil, foi Temer, quando  
chegou toda nação destruiu.

Em 2014 primeira presidenta do mesmo partido no Brasil  
foi eleita.

Ao citar as eleições dos EUA, que elegeu o atual presidente do país, Donald Trump,  
os adolescentes demonstram estar conectados com o que acontece politicamente não somente  
no Brasil, mas também no mundo, e que tais acontecimentos internacionais podem influenciar  
em nossas relações políticas, democráticas e diplomáticas.

Em 2017, o Trump venceu/ Nas eleições dos EUA ele  
concorreu/ O muro ele quis colocar/ Para barrar quem não  
tinha lar/ O ministério não aceitou/ E ele se ferrou.

Eles ainda escolhem falar sobre tragédias que ganharam os boletins nacionais e  
internacionais, impactando a vida das famílias brasileiras, como é o caso do acidente com o  
time da Chapecoense, o incêndio do Museu Nacional e a queda da barragem em Mariana –  
Minas Gerais.

Em 2016, a tragédia amanheceu/ O avião da Chapecoense  
caiu e isso nos entristeceu.

2015, em Mariana aconteceu o mal/ Foi um desastre  
industrial/ Que causou um grande impacto ambiental.

2018 ano de tragédias Nossas histórias foram destruídas, o  
fogo acabou com tudo/ Oh meu Deus O que aconteceu com  
o mundo?

## Considerações Finais

As letras de música podem servir de fonte de pesquisa e compreensão de um determinado tempo e fatos históricos, em razão de sua relação intrínseca entre sujeitos e sociedade. Neste sentido, é possível afirmar que as letras de Rap representam uma importante fonte de debate sobre questões como juventude, periferia, negritude, desigualdade social e resistências.

Por se tratar de uma pesquisa vinculada a um mestrado profissional, além das diversas possibilidades de análise contida nas letras, ficou concluído que as mesmas são meios de instrumentos pedagógicos e fonte de conhecimento histórico. Foram analisadas quatro letras de Rap do grupo Face da Morte que narram fatos históricos em uma proposta de tempo não linear, organizadas por trimestre: Janeiro/ Fevereiro/ Março; Abril/ Maio/ Junho; Julho/ Agosto/ Setembro e Outubro/ Novembro/ Dezembro.

Além disso, relacionamos os saberes das letras com os saberes históricos dos alunos através de suas reescritas, onde confirmamos que adolescentes são sujeitos históricos que buscam compreender a realidade social em que estão inseridos ao relacioná-los com o passado através de dúvidas, ações, reações, indagações e posicionamentos.

Esta relação, entre letras de música e ensino de história é um processo metodológico presente nas escolas brasileiras, sejam elas públicas ou particulares, compondo o repertório de práticas de ensino, a proposta desta pesquisa foi legitimar a importância de tais práticas e articular com a teoria de Boaventura de Souza Santos. Para tanto, o trabalho contou com o aporte teórico fundamentado no conceito de Epistemologias do Sul de Boaventura, que concluímos ser as práticas docentes em ensino de história, e ao relacionar Rap, sociedade, juventude e escola produzimos uma ecologia dos saberes.

Ser uma professora/pesquisadora altera as nossas concepções pessoais e de ensino, nos leva a refletir e questionar a própria prática, nos tira da zona de conforto, porém, torna-se desafiador estar em sala de aula e desenvolver pesquisa *strictu sensu*. São planejamentos, reuniões pedagógicas, reunião com responsáveis, pesquisas para elaboração de aulas que não dialogam com a pesquisa acadêmica em curso, duplas jornadas, dificuldades de aprendizagem, conflitos, relações interpessoais com colegas de trabalho, prazos, seminários, simpósios, congressos, jornadas acadêmicas, leituras, revisões, escritas e reescritas. As pessoas lidam de forma singular com tais acúmulos, para alguns pesa mais, para outros menos, mas fato é que há uma corrida contra o tempo para que a realidade que tanto refletimos e tentamos melhorar



através de nossas práticas e pesquisas não se torne insalubre.

O Rap abriu diversas possibilidades de pesquisa e análise que não foram contemplados neste trabalho, como por exemplo a análise da relação entre rebeliões do século XIX e as novas formas de organização do Movimento Negro no século XX e XXI; investigação dos processos de territorialização das escolas públicas de diversas periferias do país; estudo acerca da construção de identidade afrobrasileira por parte de alunos periféricos nos últimos quinze anos, desde a promulgação da lei 10.639/2003.

Durante toda a escrita da presente dissertação, o trecho de uma música do saudoso Sabotage nunca saiu de minha cabeça: “O rap é compromisso, não é viagem”. O Rap nasce de um compromisso com a periferia, de transformar e denunciar realidades silenciadas e ocupar diversos espaços como a escola, articulando saberes sociais com os acadêmicos demonstrando que possui um infinito potencial de análise e conhecimento histórico. O compromisso com a educação não finda-se aqui, ao contrário, é o início de uma longa jornada de luta, pesquisa, reflexão e valorização dos saberes construídos pelos/as sujeitos/as de escola pública.

Espero que este trabalho circule pelas escolas, que outros/as profissionais que produzem conhecimento diariamente no contexto escolar sintam-se representados/as, e além disso, que façam uso como fonte de pesquisa histórica. Desejo que meus alunos, ao manusear a presente pesquisa se identifiquem de diversas formas: através das letras reescritas, em suas falas transcritas de forma literal, no perfil analisado dos oitavos anos, que sintam-se partícipes de um trabalho construído por diversas mãos. Enfim, que essa pesquisa circule, seja lida, reinterpretada, melhorada, que se torne viva nos ambientes onde ela foi inspirada e gerada, sem todas essas ações, nada disso terá sentido.

### Fontes

MORTE, Face da. MPB (Manifesto Popular Brasileiro) . São Paulo: Sky Blue Music, 2001. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P8lnGAmu9c8> Acesso em 02 Mar. 2017.  
Letras: Janeiro/Fevereiro/Março; Abril/Maio/Junho; Julho/Agosto/Setembro;  
Outubro/Novembro/Dezembro.

MELO, Erlei Roberto de. “Entrevista com Aliado G”. PEREIRA, Alves Grazielly. São Paulo, 2019.

### Referências

ABUD, Katia Maria. Registro e representação do cotidiano: a música popular na aula de história. Caderno Cedes, Campinas, v. 25, n. 67, p. 309-317, 2005.

ANDRADE, Elaine de Nunes. Rap e educação, rap é educação. São Paulo, Selo Negro. 1999.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo de Alfonso. Etnografia da prática escolar. 18º edição. Campinas, SP: Papirus, 2012.p.33.

ARROYO, Miguel G. Ações Coletivas e conhecimento: Outras perspectivas?. Universidade Popular dos Movimentos Sociais, 2009.

---

\_\_\_\_\_. Currículo sem Fronteira. Pedagogias em Movimento – o que temos a aprender dos Movimentos Sociais?.v.3,n.1,pp.28-49,Jan/Jun2003.

BARRY, Boubacar. Senegâmbia: O desafio da História Regional. SEPHIS/CEAA, Rio de Janeiro: 2000.

BRASIL. Ministério da Educação/Secad. Lei nº 10639 de 29 de janeiro de 2003. Disponível em [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm) Acesso em: 18 de Dezembro de 2018.

CAMARGOS, Roberto. Rap e Política. São Paulo, Boitempo, 2015.

CORDEIRO, Jaime. Etnia, diversidade e identidade cultural no Brasil: algumas histórias, propostas e alternativas no trabalho escolar. In: Cynthia Pereira de Sousa; Denice Barbara Catani.(Org.). Multiplicidades culturais: projetos de formação e trabalho escolar. 1ed. São Paulo: Escrituras, 2007, v. 1, p.17-40.

DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28,n.1,p.117-136,jan./jun.2002.

FELIX, João Batista de Jesus. Hip Hop: Cultura e política no contexto paulistano. USP, São Paulo. 2005.

FERNANDES, Diego Sávio da Costa. Representações do Hip Hop em livros didáticos. Unifesp, Guarulhos. 2013.

FERNANDES, Ana Cláudia Florindo. O RAP e o letramento: A construção da identidade e a constituição das subjetividades dos jovens na periferia de São Paulo. USP, São Paulo. 2014.

FERREIRA, Martins. Como usar a música na sala de aula. Editora Contexto, 2005.

FILHO, João Lindolfo. Hip Hop: das Periferias ao Mainstream. Hip Hopper: Tribus Urbanas, metrópoles e controle social. Coimbra, 2004.

FONTES, Paulo. Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-1966). Rio de Janeiro, Editora FGV,2008.

FRANCO, Francisco Manoel Mello; HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. Minidicionário Houaiss da língua portuguesa, Rio de Janeiro. Objetiva. 2009.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

FURTADO, João P. A Musica popular no ensino de História; potencialidades e limites. In: SILVA, Francisco Carlos T. (Org.). História e Imagem; cinema, cidades, música, iconografia e narrativa. 1 ed. Rio de Janeiro: UFRJ/PROIN-CAPES,1998,v. 1, p.179-190.

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro Educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação. Rio de Janeiro, Vozes, 2017.

\_\_\_\_\_. Relações Étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. Currículo sem Fronteiras, v.12,n.1,p.98-109,Jan/Abril.2012.

HOBBSAWM, Eric J. História Social do Jazz. São Paulo, Paz e Terra, 2012.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

JUNIOR, Henrique Cunha. (2007-2). **Educação, cidade e afrodescendência: As formas territoriais e políticas do racismo no Brasil.** In: PIZZI, Laura Cristina Vieira; FUMES, Neiza de Lourdes Fredericos. (Org.). Formação do pesquisador em educação: identidade, diversidade, inclusão e juventude. Maceio. Edufal, 2007.

JUNIOR, Henrique Cunha; RAMOS, Maria Estela Rocha. Territórios de maioria afrodescendente: Segregação Urbana, Cultura e Produção da Pobreza da População Negra nas Cidades Brasileiras

KEHL, Maria Rita. **Da lama ao caos: a invasão da privacidade na música do grupo Nação Zumbi.** In. CAVALCANTE, B; EISENBERG, J; STARLING, H. (Org.). Decantando a República: A cidade não mora mais em mim. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, Fundação Perseu Abramo, 2004.

LEIRO, Augusto César Rios. **Educação e cultura juvenil: Perspectiva histórica, políticas públicas e desafio acadêmico.** In: PIZZI, Laura Cristina Vieira Pizzi; FUMES, Neiza de Lourdes Frederico. (Org.). Formação do pesquisador em educação: identidade, diversidade, inclusão e juventude..Maceio: Edufal - Editora da Universidade Federal de Alagoas, 2007.

MORAES, Regina Helena. Nos meandros do processo de formação da identidade profissional de professoras e professores negros. 2006. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.

MORAES, Geraldo Vinci de. História e música: canção popular e conhecimento histórico. São Paulo, v.20, n 39, p.203-221. 2000.

NAPOLITANO, Marcos. História e música popular: um mapa de leituras e questões. Revista de História, v.157,p.153-171,2007.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. A maior zoeira nas escolas: experiências juvenis na periferia de São Paulo. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2010.

PIMENTEL, Spensy Kmitta. O livro vermelho do hip hop. São Paulo, USP, 1997. QUENI, N, S, L, Oeste. Rap Global. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2010.

SANTOS, Boaventura de Souza. Na Oficina do Sociólogo Artesão – aulas 2011- 2016. São Paulo, Cortez, 2018.

---

**Para além do pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes.** MENEZES, P, M; SANTOS, S, B (Org). Epistemologias do Sul. Coimbra, Almedina, 2009.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. Letramentos de Reexistência: Culturas e Identidades no Movimento Hip Hop. UNICAMP, Campinas,2009.

TATIT, Luiz. O século da canção. Ateliê Editorial, 2004.

### **Referências Complementares**

ADL, Choice, Djonga, Menor do Chapa, Negra Li. Favela Vive 3.Streaming:<https://VA.Ink.to/FavelaVive3>, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=avbOUVHr0QI>. Acesso em 15 de Fevereiro de 2019 às 02:30.

BLUES, Baco Exu do. Bluesman. Independente, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-xFz8zZo-Dw> Acesso em 03 de Janeiro de 2019 às 15:39.

CONDE, Miguel. Boaventura de Sousa Santos fala sobre “RAP Global”. O Globo, Rio de Janeiro, 24 de Outubro, 2010. Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/boaventura-de-sousa-santos-fala-sobre-rap-global-310530.html> Acesso em 15/11/2017 às 21:26.

Documentário Mil Trutas, Mil Tretas. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=slwalSi03g8&t=36s> Acesso em 23/03/2018 às 19:45.

FERRARI, Márcio. A forma exata da canção. Pesquisa Fapesp, São Paulo, Agosto, 2016.

LLANO, de Pablo. Alunos de Parkland querem fazer história em Washington em sua cruzada contra as armas. El País. Miami, 24 de Março de 2018 Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/23/internacional/1521841230\\_139215.html?rel=m](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/23/internacional/1521841230_139215.html?rel=m) as Acesso em 06/05/2018 às 15:12.

PINHO, Angela. Mulher negra avança no social, mas segue distante no trabalho e na política. Folha de São Paulo, São Paulo, 15 de Abril, 2018. Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/04/mulher-negra-avanca-no-social-mas-segue-distante-no-trabalho-e-na-politica.shtml?utm\\_source=whatsapp](https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/04/mulher-negra-avanca-no-social-mas-segue-distante-no-trabalho-e-na-politica.shtml?utm_source=whatsapp) Acesso em 15/04/2018 às 18:00.

PPP – Projeto Político Pedagógico - Educando para a valorização e respeito às diferenças. EMEF Dirce Genésio dos Santos.

PONCIANO, Levino. Iguatemi. São Paulo Bairros, São Paulo. Disponível em: <http://www.spbairros.com.br/iguatemi/> Acesso em 03/05/2018 às 17:36.

SAPIÊNCIA, Rincón. Afro RAP. Boia Fria Produções, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UBk5WSHgNF0>. Acesso em 13 de Janeiro de 2019 às 22:15.

ROSSI, Marina. Ocupação de 182 escolas em SP vira teste de resistência de Alckmin. El País. São Paulo, 28 de Novembro, 2015. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/27/politica/1448630770\\_932542.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/27/politica/1448630770_932542.html) Acesso em 05/05/2018 às 14:13.

Conheça a história dos “rolezinhos” em São Paulo. G1 Globo. São Paulo, 14 de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/01/conheca-historia-dos-rolezinhos-em-sao-paulo.html> Acesso em 05/05/2018 às 15:00.

Dados demográficos dos distritos pertencentes às prefeituras regionais. Prefeitura de São Paulo, São Paulo, 11 de Janeiro, 2017. Disponível em: [http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/regionais/subprefeituras/dados\\_demograficos/index.php?p=12758](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/regionais/subprefeituras/dados_demograficos/index.php?p=12758). Acesso em 03/05/2018 às 21:40.

Mapa Jardim Iguatemi, São Paulo. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=logcaliza%C3%A7%C3%A3o+jardim+iguatemi&q=logcaliza%C3%A7%C3%A3o+jardim+iguatemi&aqs=chrome..69i57.5501j1j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8> Acesso em 02/05/2018 às 21:33.

Dicionário Tupi Guarani. Disponível em: <https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/iguatemi/> Acesso em 03/05/2018 às 17:24.

Facebook: [https://www.facebook.com/pg/facedamortehiphop/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/facedamortehiphop/about/?ref=page_internal) Acesso em 17/11/2017 às 08:00.

Mapa da zona leste de São Paulo. Disponível em: <http://www.zonalestedesp.com.br/mapa-da-zona-leste-de-sao-paulo/> Acesso em 04/05/2018 às 20:55.

Racionais no vestibular. Campinas, 24 de Maio, 2018. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/clipping/2018/05/24/racionais-no-vestibular> Acesso

em 13/01/2019 às 19:15.

108º aniversário do Jardim Iguatemi. Prefeitura de São Paulo, 16 de Abril, 2008.

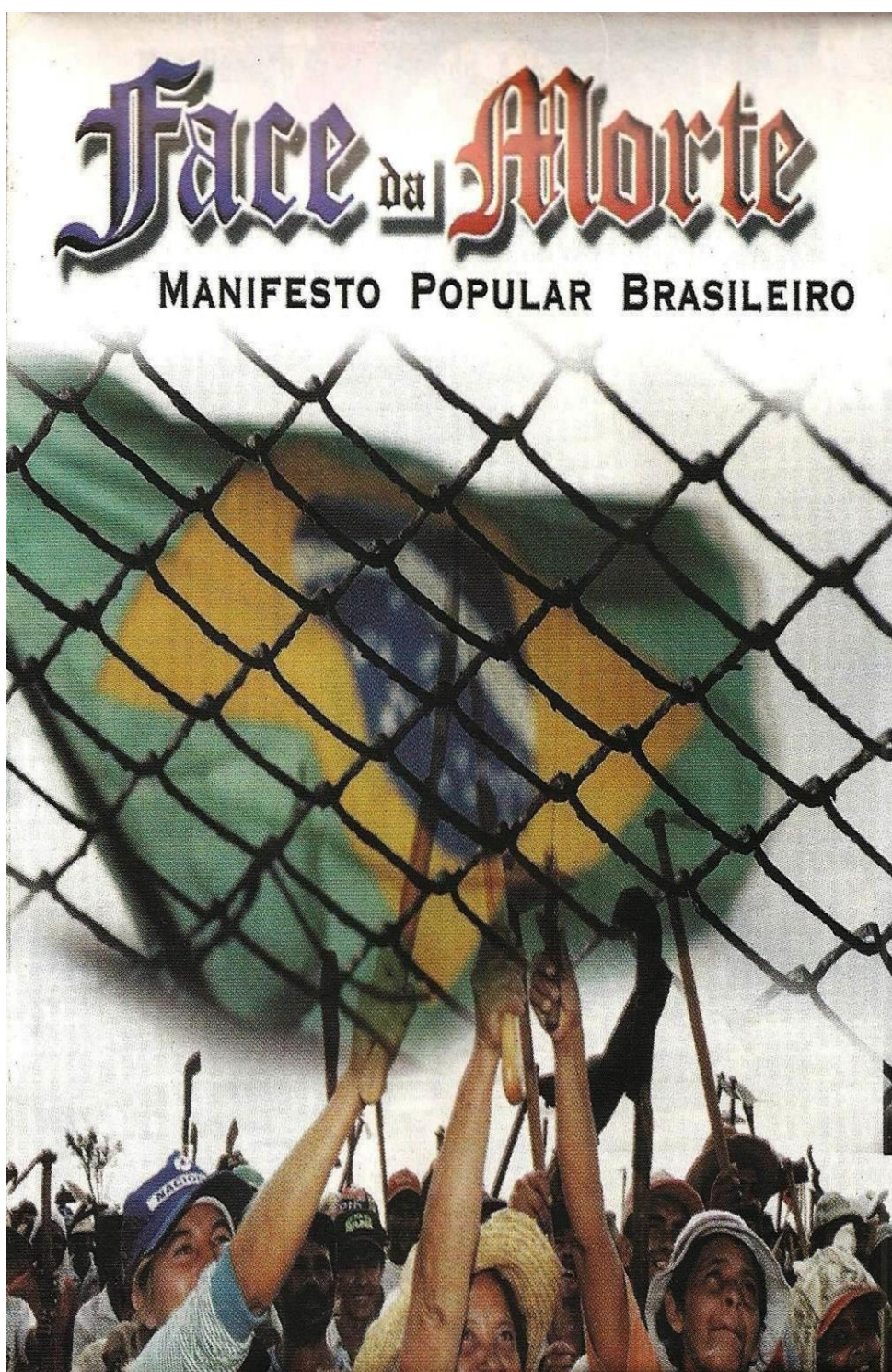
Disponível

em: [http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/regionais/sao\\_mateus/noticias/?p=3912](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/regionais/sao_mateus/noticias/?p=3912)

Acesso em 03/05/2018 às 17:20.



ANEXO I – CAPA DO CD MPB – MANIFESTO POPULAR BRASILEIRO – GRUPO  
FACE DA MORTE



**ANEXO II – LETRA: JANEIRO/ FEVEREIRO/ MARÇO – FACE DA MORTE**

Clique no seu rádio Bum, volume máximo

Acesso ilimitado a internet da favela

Face da Morte.com você que faz parte dela

Minha missão é a informação, então se liga sangue bom  
Que eu cheguei pra resgatar algumas datas importantes da memória popular

O povo que não foi herdeiro

Em 21 de Janeiro, 1984, realizaram o ato, fundando o MST/ pode crer/ fruto da luta popular

Pela reforma agrária, hoje está organizado em 24 Estados, empunhado suas bandeiras,

Levando seus estandartes.

Aproveito pra citar Manuel Calafates, Pacifico Licutan/ isso sim é que é que é bambambam/

Ainda tem Belchior/ diz que lutar é bem melhor.

Enfim não esqueci/ GG Marrir/ Luis Salin, me lembro de vocês/ na revolta do Malês.  
Tenho respeito pelos cinco/ de 1835/ pelos lados da Bahia, na terra do meu avô/ lutaram pela

Honra e a liberdade dos Nargô.

Pedro Ivo, inesquecível, quebrou correntes/ lutou por nossa gente/ não respeitou barreiras/ o  
Importante líder da Revolução Praieira/ 1849, que a esperança se renova, em Pernambuco, no

Recife/ maluco acredite/ que na terra do sol, um Manifesto exigia voto livre universal, mais

Uma vez nosso povo/ lutando com arrocho/ em busca de dignidade/ invadiram as cidades/

Enfrentando a repressão/ na luta por trabalho e liberdade de expressão.

1874, revolução feito peste/ se espalhou pelo Nordeste/ Rio Grande do Norte, Alagoas,

Paraíba, Pernambuco e Ceará, aumentaram os impostos, mudaram as medidas, não

Concordando com aquilo/ surgiu então a Revolta chamada de Quebra-Quilo.

Beato Severino, discípulo de Padre Cícero/ em 1937, pros lado de São Francisco/ na Bahia/

Bateu de frente com a oligarquia/ dos Vianas, em pleno natal/ fundou a comunidade chamada  
Colher de Pau/ ou Pau de Colher/ chamem como quiser/ o importante é o brilho.

Manuel Fiel Filho funcionário da Metal Arte de São Paulo/ é preso em seu local de trabalho/  
Em 17/01/1976/ vejam vocês/ encontrado três dias depois, torturado e morto num dos muitos  
Calabouços/ onde calavam a voz do povo brasileiro/ e por aqui encerro janeiro.

**Eu não sou daqui - Marinheiro só - Eu não tenho amor - Marinheiro só - Eu sou da  
Bahia - Marinheiro só - Em São Salvador - Marinheiro só**

Fevereiro muito abalo/ No eixo Rio - São Paulo/ Na luta contra a escravidão e a matança/ os  
Povos indígenas formaram uma grande aliança/ Confederação dos Tamoios –contou  
Tupiniquim, Tupinambá, Karijó e Goianá, liderados por Emberé e Curambebé, a luta  
Segue, em 1562 a 1567.

Na Guerra das Missões, 1756/ vejam vocês/ no Rio Grande do Sul/ uma matança tão terrível  
Quanto à do Carandiru/ lutando contra as tropas Luso-Espanholas sob um saldo negativo  
2500 índios mortos de uma só vez/ fora os que morreram de 1553 a 1556.

Não sei se você sabia/ 1814, em Salvador, Bahia/ outra rebelião explodiu famoso levante  
Negro/ fruto do desespero/ ansiedade/ sede de liberdade/ justiça, de 1807 a 1830, cheio de luta  
E dor/ além de Salvador/ Santo Amaro, Nazaré, Itaparica, Cachoeirinha, Ilhéus/ porque a  
Liberdade não cai do céu/ se conquista no dia a dia.

1975, foi fundado o movimento feminino pela anistia formado por mães e filhas de presos  
Políticos.

Aflitos/ atritos/ greves no ABC, o sindicalismo moderno, a esquerda do MDB/ em 1980,  
fizeram nascer o PT

**Eu não sou daqui - Marinheiro só - Eu não tenho amor - Marinheiro só - Eu sou da  
Bahia - Marinheiro só - Em São Salvador - Marinheiro só**

Começo março/ já citando arregação/ 1981, a Greve da PM/ no governo ACM/ o próprio órgão  
Repressor padecia com a repressão, convocados então os fuzileiros navais/ a fim de  
Estabelecer a paz/ da elite, atiraram no piquete matando um tenente grevista.

Em 1922 é fundado o Partido Comunista do Brasil/ quem te vê quem te viu/ fruto da  
Elevação/ do grau de organização/ e consciência da classe operária a beira da falência.

Por ela que eu trabalho, sofro, choro e sinto/ mas sinto/ que 1935/ Aliança Nacional  
Libertadora nasceu pra luta contra a classe opressora.

A greve dos 300 mil, em 1953, contou com, metalúrgicos, marceneiros, vidreiros e os  
Gráficos.

Em 1979, 180 mil operários entraram em greve em São Bernardo dos Campos.

Revolta de Porecatú, em 1951, latifúndios pra lá/ posseiros pra cá/ lutando pela terra no Norte  
do Paraná.

1968, Edson Luis foi morto pela polícia do Rio, sua morte gerou a passeata dos cem 100 mil.

1987 a maior greve dos bancários do Brasil, 750 mil mobilizados/ por aqui encerro março.

### ANEXO III – LETRA: ABRIL/ MAIO/ JUNHO – FACE DA MORTE

No mês de Abril a casa caiu, eu vou lembrar a vocês/

1996/ Eldorado de Carajás, 200 policiais espalharam o medo, causaram tormento, invadiram o Acampamento do MST, prontos pra bater e pra matar, 19 trabalhadores morreram por lá.

Guerrilha do Araguaia, no Pará, começou em 72, terminou em 1974, com a morte dos Guerrilheiros muitos deles degolados/ na luta contra a Ditadura, um grande movimento Armado/ 69 guerrilheiros contra 20 mil das Forças Armadas da pátria amada Brasil, ouviu?

1954, camponeses contra latifundiários e polícia militar do Estado de Goiás, Trombas e Formoso/ eu sigo orgulhoso/ o líder José Porfírio, de 1964 foi cassado, preso e torturado.

Já ouviu falar em Lamarca?/ mais um que deixou marcas/ ex-capitão do exército, abandonou a Patente/ pra lutar por nossa gente/ revolução ele queria/ fugiu do 4º Regimento de Infantaria/ Com um caminhão cheio de armas, enquanto o país cantava Pra Frente Brasil, Lamarca metia Bala, lutava nas trincheiras do Vale da Ribeira.

1959, saindo das trincheiras, já estamos em Maio, Revolta da Cantareira/ os grevistas Enfrentavam a marinha brasileira.

1823 a 1831, o sentimento comum anti-colonial/ levou ao choque mortal/ Mata-Maroto Explodia/ no Estado da Bahia/ depois das surras, das prisões/ das famosas rebeliões/ 1888 Abriam as portas das senzalas, forçosamente assinada a conhecida Lei Áurea que não veio de graça,  
Mas do primeiro movimento político de massa que se viu na nossa amada pátria amada Brasil.

1978, no ABC Paulista/ outra página era escrita/ mais de 100 mil operários no dia 1 de Maio, Na manifestação contra a prisão do Lula sangue bom, Devanir Ribeiro, (...), Djalma Bom, Entre outros, líderes do povo.

1998, o cacique Xucuru, Francisco de Assis Araujo, foi morto em Pesqueira, Pernambuco,  
Lutando pelas terras ancestrais de seu povo.

Eu juro que em junho, 1893/ mais uma vez/ o sonho de liberdade/ se tornou realidade/ Velho  
Antonio Conselheiro/ guerreiro/ fez da fé o seu escudo/ fundou o Belo Monte, conhecido por  
Canudos.

Aproveito este mês pra citar a vocês algumas das proezas de nossa imprensa negra que trazia  
Conteúdo da realidade brasileira, Clarim da Alvorada, Chibata, O Exemplo, Quilombo, A  
Liberdade, O Alfinete, O Menelick, A Raça, Alvorada e a Voz da Raça, levando informação  
Em lar em lar.

Face da Morte.com é só clicar, primeiro semestre na história da memória popular.

## ANEXO IV – LETRA: JULHO / AGOSTO/ SETEMBRO – FACE DA MORTE

Em Julho de 1934, eu relato a morte do lendário Padre Cícero que continua vivo

Nas orações, nas preces/ no coração dos irmãos lá do Nordeste.

Em 1938, 28/07, acontece a emboscada comandada por José Bezerra/ matando o

Capitão Virgulino Ferreira/ o Lampião/ que foi o rei do Cangaço no Sertão.

1969, o ano que levaram o cofre com 2 milhões e meio de dólares da casa de uma Amante do governador Ademar, 13 homens da Var-Palmares realizaram a empreitada, o Dinheiro fortalece ainda mais a luta armada. No ano seguinte, nas escadas do Teatro

Municipal/ é lançado em Minibú, em São Paulo, capital.

1826, no mês de Agosto/ segue a luta do povo/ vamos de novo pra Bahia, pois lá se

Constituiu o Quilombo do Capula lugar de muita luta onde os negros sequestravam Filhos dos senhores brancos/ pra vendê-los aos ciganos/ revidar o que aconteceu antes

Da morte dos irmãos do Quilombo de Abrantes.

União Nacional dos Estudantes nasceu no dia 7/08/1937 e até hoje segue na Luta popular/ coisa que me faz lembrar/ quebra-quebra dos ônibus da Bahia contra

Aumento de 61%

Das tarifas/ mais uma patifaria/ nunca se esqueça maluco sempre se lembre no mesmo

Ano apedrejaram ACM.

1983, parabéns a vocês fundadores da CUT, felicidade aos trabalhadores do campo e Também os da cidade.

1897, 22 de setembro, eu me lembro da morte do velho guerreiro Antônio Conselheiro

1931, Frente Negra Brasileira

1971, a morte de Lamarca, mais que um homem, uma bandeira que nunca mais se apaga Da memória brasileira

A Ditadura fechou o acesso aos estandes, 1980, a greve dos estudantes promovida pela UNE,

Durante três dias mobilizou um milhão na luta contra a covardia.

Em 1999, não se viu/ mas em Brasília aconteceu a Marcha dos 100 mil.

## ANEXO V – LETRA: OUTUBRO/ NOVEMBRO/ DEZEMBRO – FACE DA MORTE

### **Pisa nesse chão com força, ho sinhá - Pisa nesse chão com força (3x)**

Pesquisando, pesquisando olha só o que eu descubro/ em 1665 durante o mês de Outubro/ Portugal proibiu a extração de sal no Brasil-Colonial, o povo se revoltou, incendiou, Saqueou a casa dos contratadores, os lusos exploradores.

29/10/1925, então seja bendito o invicto Luis Carlos Prestes/ o líder vitorioso da nossa Coluna Prestes/ que percorreu a pé ou a cavalo 25 mil km em mais de 12 Estados, Enfrentando oligarquias locais/ as forças federais/ tornando presos livres/ pregando o voto Livre/ distribuindo terras, agindo contra a miséria, sacudiram a estrutura/ onde passavam Destruíam instrumento de tortura/ por 24 meses ainda queimaram documentos anulando as Dívidas dos camponeses.

Ainda esse mês/ eu lembro a vocês/ o Congresso da UNE em Ibiúna, olha só o que Aconteceu/ prenderam mais de 1000 estudantes, entre eles José Dirceu/ Vladimir (o extravaso), um tremendo arregação.

### **Pisa nesse chão com força, ho sinhá - Pisa nesse chão com força (2x)**

Caminhando contra o vento/ começo Novembro/ dia 07/11/1837, se liga no que acontece, a Sabinada declarava a independência da Bahia.

Em 1910, no Rio acontecia a Revolta da Chibata maior da nossa marinha

Em 1912, o Contestado liderado pelo monge João Maria, em Santa Catarina, também já Passei por lá.

1969, me lembra Mariguela figura lendária na luta pela causa/ um grande militante pensador Da luta armada.

1936, vêm na memória outra vez Caldeirão da Santa Cruz/ louvado seja meu Jesus/ Comunidade que crescia/ igualdade prevalecia/ incomodou oligarquias que aliadas ao governo Apontaram seus cachões/ utilizaram aviões/ pra metralhar bombardear o povo de José Lourenço.



É muito triste, mas eu lembro e continuo dizendo que em 14 de novembro, 1991, aconteceu  
 Mais um ato em favor do bem/ as entidades negras se reúnem no ENEN/ fundando o  
 CONEN/ pra quem não sabe Coordenação Nacional das Entidades Negras/ firmeza.

**Pisa nesse chão com força, ho sinhá - Pisa nesse chão com força (2x)**

Já chegamos em Dezembro, daqui a pouco a letra acaba/ mas dá tempo de lembrar a Revolta  
 De Juriacaba/ no Amazonas, as margens do Rio Negro/ onde morreram milhares de índios,  
 Verdadeiros brasileiros.

Não posso ir embora sem passar no Maranhão, mandar um salve pros meninos sangue B,  
 Nordeste e muitos outros camaradas/ dessa terra abençoada/ onde ocorreu a tão famosa  
 Inesquecível Balaiada, em 1838, muita luta muito esforço acabaram derrotados pelo duque  
 Puxa-saco, conhecido por Caxias, quem diria que hoje em dia vira nome de pracinha. Cagueta  
 Traidor, metido a esperto, pior que hoje em dia ele é patrono do exercito, não poupou e  
 Fuzilou, e nem teve tempo de rezar/

Pobre Ângelo Pomar, 1976, quando tinha 63 e Ângelo Arroio que tinha 48 - em reunião do  
 Comitê do PC do B.

É... Só pra lembrar a vocês, foi no dia 16 o massacre da Lapa,  
 Sem esquecer de outro cara que foi muito valioso, 1988, foi morto outro líder de minha  
 Gente, meu registro é em memória deste homem competente/ que Jesus guarde sua alma,  
 Glorioso Chico Mendes.

Foram três dias pra escrever mas tenho orgulho de saber que estou passando pro meu povo  
 Um pouco de informações, de conscientização, auto-valorização, obrigado sangue bom pelo  
 Dom de me entender.

Face da Morte sempre, sempre, ponto com você.

**Pisa nesse chão com força, ho sinhá - Pisa nesse chão com força (2x)**

**ANEXO VI – LETRA: CAPÍTULO 4 VERSÍCULO 3 – RACIONAIS MC's**

Sessenta por cento dos jovens de periferia sem antecedentes criminais

Já sofreram violência policial

A cada quatro pessoas mortas pela policia, três são negras

Nas universidades brasileiras

Apenas dois por cento dos alunos são negros

A cada quatro horas, um jovem negro morre violentamente

Em São Paulo

Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente

Minha intenção é ruim esvazia o lugar

Eu tô em cima, eu tô afim um dois pra atirar

Eu sou bem pior do que você tá vendo

O preto aqui não tem dó é 100 por cento veneno

A primeira faz bum, a segunda faz tá

Eu tenho uma missão e não vou falhar

Meu estilo é pesado e faz tremer o chão

Minha palavra vale um tiro eu tenho muita munição

Na queda ou na ascensão, minha atitude vai além

E tem disposição pro mal e pro bem

Talvez eu seja um sádico, um anjo, um mágico

Juiz ou réu, um bandido do céu

Malandro ou otário, quase sanguinário

Franco atirador se for necessário

Revolucionário, insano ou marginal

Antigo e moderno, imortal

Fronteira do céu com o inferno

Astral imprevisível, como um ataque cardíaco no verso

Violentamente pacífico, verídico

Vim pra sabotar seu raciocínio

Vim pra abalar seu sistema nervoso e sanguíneo

Pra mim ainda é pouco dá cachorro louco

Numero um dia terrorista da periferia

Uni-duni-tê, eu tenho pra você

Um rap venenoso ou uma rajada de PT  
 E a profecia se fez como previsto  
 1997 depois de Cristo  
 A fúria negra ressuscita outra vez  
 Racionais capítulo quatro versículo três  
 Aleluia, aleluia  
 Racionais no ar  
 Filha da puta, pá pá pá  
 Faz frio em São Paulo pra mim tá sempre bom  
 Eu tô na rua de bombeta e moletom  
 Dim dim dom, rap é o som que emana do Opala marrom  
 E aí, chama o Guilherme  
 Chama o Fader, chama o Dinho e o Di  
 Marquinho, chama o Éder, vamo aí  
 Se os outros mano vem pela ordem tudo bem melhor  
 Quem é quem no bilhar, no dominó  
 Colou dois mano, um acenou pra mim  
 De jaco de cetim, de tênis, calça jeans  
 Ei Brown, sai fora, nem vai, nem cola  
 Não vale a pena dar ideia nesse tipo aí  
 Ontem à noite eu vi na beira do asfalto  
 Tragando a morte, soprando a vida pro alto  
 Ó os cara só o pó pele e osso  
 No fundo do poço, mó flagrante no bolso  
 Veja bem, ninguém é mais que ninguém  
 Veja bem, veja bem, e eles são nossos irmãos também  
 Mar de cocaína e crack, uísque e conhaque  
 Os mano morre rapidinho sem lugar de destaque  
 Mas quem sou eu pra falar de quem cheira ou quem fuma?  
 Nem dá nunca te dei porra nenhuma  
 Você fuma o que vem entope o nariz  
 Bebe tudo o que vê faça o diabo feliz  
 Você vai terminar tipo o outro mano lá

Que era um preto tipo A ninguém tava numa  
Mó estilo de calça Calvin Klein, tênis Puma  
Um jeito humilde de ser no trampo e no rolê  
Curtia um funk, jogava uma bola  
Buscava a preta dele no portão da escola  
Exemplo pra nós mó moral, mó ibope  
Mas começou a colar com os branquinho do shopping  
Ai já era, ih, mano, outra vida, outro pique  
Só mina de elite, balada, vários drinques  
Putta de butique, toda aquela porra  
Sexo sem limite, Sodoma e Gomorra  
Hã, faz uns nove anos  
Tem uns quinze dias atrás eu vi o mano  
Cê tem que ver pedindo cigarro pros tiozinho no ponto  
Dente tudo zuado, bolso sem nenhum conto  
O cara cheira mal, as tias sente medo  
Muito louco de sei lá o que logo cedo  
Agora não oferece mais perigo  
Viciado, doente, fudido inofensivo  
Um dia um PM negro veio embaçar  
E disse pra eu me pôr no meu lugar  
Eu vejo um mano nessas condições, não dá  
Será assim que eu deveria estar?  
Irmão, o demônio fode tudo ao seu redor  
Pelo rádio, jornal, revista e outdoor  
Te oferece dinheiro, conversa com calma  
Contamina seu caráter, rouba sua alma  
Depois te joga na merda sozinho  
Transforma um preto tipo A num neguinho  
Minha palavra alivia sua dor  
Ilumina minha alma, louvado seja o meu senhor  
Que não deixa o mano aqui desandar  
E nem senta o dedo em nenhum pilantra

Mas que nenhum filha da puta ignore a minha lei  
Racionais capítulo quatro versículo três  
Aleluia, aleluia  
Racionais no ar  
Filha da puta, pá pá pá  
Quatro minutos se passaram e ninguém viu  
O monstro que nasceu em algum lugar do Brasil  
Talvez o mano que trampa debaixo do carro sujo de óleo  
Que enquadra o carro forte na febre com o sangue nos olhos  
O mano que entrega envelope o dia inteiro no sol  
Ou o que vende chocolate de farol em farol  
Talvez o cara que defende o pobre no tribunal  
Ou o que procura vida nova na condicional  
Alguém no quarto de madeira, lendo à luz de vela  
Ouvindo rádio velho, no fundo de uma cela  
Ou o da família real de negro como eu sou  
Um príncipe guerreiro que defende o gol  
E eu não mudo, mas eu não me iludo  
Os mano cu de burro têm, eu sei de tudo  
Em troca de dinheiro e um carro bom  
Tem mano que rebola e usa até batom  
Vários patrícios falam merda pra todo mundo rir  
Haha, pra ver branquinho aplaudir  
É, na sua área tem fulano até pior  
Cada um, cada um você se sente só  
Tem mano que te aponta uma pistola e fala sério  
Explode sua cara por um toca-fita velho  
Click plau plau plau e acabou  
Sem dó e sem dor, foda-se sua cor  
Limpa o sangue com a camisa e manda se fuder  
Você sabe por que, pra onde vai, pra quê  
Vai de bar em bar, de esquina em esquina  
Pega cinquenta conto, troca por cocaína

E fim o filme acabou pra você  
A bala não é de festim, aqui não tem dublê  
Para os mano da baixada fluminense à Ceilândia  
Eu sei, as ruas não são como a Disneylândia  
De Guaianases ao extremo sul de Santo Amaro  
Ser um preto tipo A custa caro  
É foda, foda é assistir a propaganda e ver  
Não dá pra ter aquilo pra você  
Playboy forgado de brinco, um trouxa  
Roubado dentro do carro na Avenida Rebouças  
Correntinha das moça, as madame de bolsa  
Dinheiro não tive pai não sou herdeiro  
Se eu fosse aquele cara que se humilha no sinal  
Por menos de um real, minha chance era pouca  
Mas se eu fosse aquele moleque de touca  
Que engatilha e enfia o cano dentro da sua boca  
De quebrada, sem roupa, você e sua mina  
Um dois, nem me viu já sumi na neblina  
Mas não permaneço vivo, prossigo a mística  
Vinte e sete anos contrariando a estatística  
Seu comercial de TV não me engana  
Eu não preciso de status nem fama  
Seu carro e sua grana já não me seduz  
E nem a sua puta de olhos azuis  
Eu sou apenas um rapaz latino americano  
Apoiado por mais de cinquenta mil manos  
Efeito colateral que o seu sistema fez  
Racionais capítulo quatro versículo três

**ANEXO VI – Entrevista na íntegra – Aliado G**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO**  
**PAULO ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E**  
**CIÊNCIAS HUMANAS**

**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA –**  
**PROFHISTÓRIA**

**RESISTÊNCIAS AFRO-BRASILEIRAS NO ENSINO DE**  
**HISTÓRIA: A SALA DE AULA E AS LERTAS**  
**DE RAP**

**Grazielly Alves Pereira**

**Entrevista**

Boa Noite Aliado, tentarei me apresentar brevemente no corpo deste e-mail.

Como já dito, meu nome é Grazielly Alves Pereira e sou professora de História na prefeitura de São Paulo. Em 2016, quando lecionava há apenas dois anos, me informei sobre a possibilidade do mestrado profissional em ensino de História. Enxerguei que poderia ser uma possibilidade de unir a pesquisa acadêmica e minha prática docente em educação básica, e mais, seria uma possibilidade de dar voz aos meus alunos de escola pública. Ingressei no mestrado e desde então faço parte do primeiro grupo de docentes que entraram na Universidade Federal de São Paulo – Unifesp, para pesquisar a escola e ensino de História.

Desde o início sabia que só havia sentido estar ali por meus alunos, e sigo com esse princípio, eles e elas são os verdadeiros sujeitos do meu trabalho.

O recorte da minha pesquisa é a análise e aplicação em sala de aula de quatro letras do álbum MPB, intituladas cada uma com um trimestre do ano. Faço uma relação entre ensino de História e a possibilidade do uso de letras de RAP como instrumento pedagógico em sala de aula. Também reflito sobre os rappers como sujeitos históricos localizados no tempo e espaço, produtores de história e representantes de um determinado grupo social.

Enfim, esse breve relato é somente para exemplificar a tentativa de uma pesquisa

acadêmica voltada aocampo social e que tenta dialogar com a população e escola pública, de maneira séria e comprometida.

Segue em anexo algumas perguntas que ficarei imensamente grata com a sua colaboração, elas servirão para dar sentido e traçar a história do grupo em meutrabalho.

**Grazielly: Inicialmente, gostaria que você contasse um pouco de sua trajetória de vida, até chegar ao vocal do grupo Face da Morte.**

Aliado G: Sou de uma família com forte ligaçãoa diferentes expressões artísticas. Meu bisavô foi mestre de folia de reis, meu avô desde os 05 anos de idade me “forçava” a declamar poesias. Naquela época não entendia e achava muito chato, hoje não vejo minha vida distante da poesia. Meu tio por parte de pai era DJ e aos 11 anos ele me levou ao primeiro baile na balada que ele tocava, quando eu entrei ali me encontrei. É como se eu tivesse nascido pra estar ali, meu pensamento na hora foi “onde eu estava que nunca vim aqui, nunca mais quero sair”. Comecei dançando em um grupo de passinho de funk/soul, depois fui ser DJ, com 14 anos já era sócio de uma balada, foi onde surgiu o convite pra ser DJ de um grupo de RAP. Passado algum tempo resolvi escrever, mostrei as letras e os caras do grupo acharam que não tinha haver com eles, foi quando resolvi assumir o microfone e nunca mais parei.

**Grazielly: Dentro das minhas pesquisas, encontrei algumas referências na internet sobre a formação da banda, o fato de serem de Hortolândia e de fazerem parte de um importante cenário do RAP nacional na década de 1990. Porém, tudo muito sucinto e resumido. Gostaria que você explicasse o processo de formação do grupo, desde o início até o alcance a nível nacional. Trajeto, componentes, lançamentos de discos, principais influências e a relação de parceria com o GOG.**

Aliado G: Os anos 90 marcam a consolidação padrão “Racionais” do rap nacional, eles eram muito influenciados pelo estilo NWA e PublicEnemy também e nós não fugimos a regra, mas buscamos nos diferenciar trazendo elementos diversos pra nossa música como por exemplo sampleandoVangelis (carruagens de fogo) na música “carruagem da morte” de cara chamou a atenção e se transformou em um clássico houvidoaté hoje no país todo. No segundo álbum começamos a buscar ainda mais isso e trouxemos a capoeira pra dentro do RAP, ali já afirmávamos nossa identidade quanto rappers brasileiros. Outro ponto que foi criticado por alguns e hoje é agrande “onda” foi o fato de usar influência da MPB e não apenas samplear mas também tocar coisas originais no RAP. Esse período foi quando o GOG queria se mudar



pra São Paulo e eu fiz o convite pra que ele fosse pra Hortolândia onde eu morava. Levei ele pra conhecer ele gostou e ali nascia a parceria que gerou tantos frutos como as músicas “Televisão” E “fazendo escola” que abre o CD MPB.

**Grazielly – Por sinal, qual a inspiração para o nome artístico “Aliado G”?**

Aliado G: Quando era DJ meu nome era Grandmasterlei, fui pro microfone deixei apenas o G e acrescentei o Aliado, de amigo, parceiro.

**Grazielly – O álbum MPB foi lançado em 2001, logo após o contexto dos 500 anos. Gostaria que explicasse um pouco a influência deste período histórico do Brasil, toda a efervescência no país como por exemplo: mesas redondas, debates e produções de cunho acadêmico, televisivo e jornalístico acerca do tema na inspiração para a construção e lançamento do álbum.**

Aliado G: A pauta nacional era essa “Brasil 500 anos” alguns defendiam a tese dos 500 anos de resistência e luta enquanto outros queriam apenas comemorar. Nesse contexto consideramos importante um posicionamento claro eu fui pra UNICAMP e iniciei uma pesquisa sobre a história de luta do povo brasileiro, entendi a necessidade de contar através do RAP uma versão histórica com o nosso olhar. I inicialmente seria um trabalho com o GOG e o Flagrante do Realidade Cruel, mas acabou sendo um solo do Face da Morte com participação do GOG.

**Grazielly: Em minha análise e também de meus alunos, você faz uma escolha no conteúdo das letras, estão ligados a resistências, rebeliões e negritude, estou correta? Gostaria que explicasse os processos de escolha dessas temáticas e de produção.**

Aliado G: O RAP é uma forma de expressão do gueto, naturalmente o RAP já tem esse olhar do preto, pobre do marginalizado, do excluído. Ele é a voz desses “invisíveis” do ponto de vista midiático e histórico, afinal quem escreve a história são os “vencedores/dominadores”. Nossa vocação natural bem como nosso papel histórico é ser o porta voz dessa resistência negra, indígena e mestiça. Quando fomos pro estúdio já tínhamos um plano de usar o máximo possível samplers da MPB e foi esse o conceito. Porém o álbum estava pronto e tínhamos muito a dizer ainda, foi quando surgiu a idéia do calendário cantado transformando cada faixa em um trimestre, foi assim que registramos tantas datas fundamentais para a memória do nosso povo. Isso é um contraponto à idéia de povo “acomodado” muito ao contrário, o povo

brasileiro é verdadeiro herdeiro das lutas, nosso país foi e vem sendo construído a base de muita luta e resistência do povo ao longo do tempo.

**Grazielly: Sobre a questão do tempo nas letras, você não trabalha de forma linear. Por quê?**

Aliado G: São poesias e não vejo sentido submeter a qualquer lógica, a poesia antes de qualquer coisa é de quem recebe. Se vc precisa explicar já não foi bem sucedido em minha opinião. Então minha obra é solta.

**Grazielly: Muito dos meus alunos, ao ouvirem as letras pela primeira vez, a primeira impressão era: “Professora, essas letras são muito difíceis, deve ter dado um trabalho danado para escrever”. Portanto, essa é uma pergunta não só minha, mas também deles: Como foi o processo de pesquisa, escrita e rima das letras.**

Aliado G: Acredito que a resposta está contida nas anteriores. Mas com certeza foi um ano inteiro de pesquisa e mais 6 meses compondo e produzindo. Pra mim é um grande orgulho. Pois considero um legado para gerações.

**Grazielly: Vocês passaram por um hiato de dez anos. Infelizmente não pude estar presente, mas acompanhei bastante pela internet o show de retorno. Gostaria que explicasse um pouco o motivo da pausa, se o retorno será definitivo, e caso a resposta for positiva, quais os planos para o grupo a partir de agora.**

Aliado G: Não temos nada definido, estamos analisando os próximos passos, certo até o momento é apenas o lançamento do clipe da música “mundo livre”. Os shows foram pra matar saudade, nossa e do público.

**Grazielly: Quando escreveu letras com uma contextualização de cunho histórico, imaginou que elas ganhariam vida e pesquisa em sala de aula e se tornariam instrumentos na tentativa de novas práticas educacionais? Explique sua expectativa na época e sua impressão após quase duas décadas de lançamento acerca do trabalho pedagógico com as mesmas.**

Aliado G: Esse foi o grande objetivo, porque sabia que ouvir rap é mais que curtir o som. Nos trabalhos anteriores já aconteceram diversas entrevistas para trabalhos acadêmicos, então eu já pensava em criar uma obra com esse foco. Essa contribuição a época custou caro do ponto

de vista da carreira do grupo. Foi alvo de duras críticas, muitos não entenderam porque desse disco. Mas eu sempre respondi “a História nos julgará” E aí está a história e o legado que tanto me orgulho.

**Grazielly: Em sua opinião, quais foram as continuidades e rupturas dentre os fatos narrados nas letras?**

Aliado G: Não sei se compreendo a pergunta mas sobre o conteúdo eu diria que se trata de luta de classes que em nosso caso se assenta em raça e gênero basicamente. As rupturas deflagaram lutas e as lutas são contínuas em nossa trajetória. A cada movimento da classe trabalhadora uma reação das classes dominantes e é isso que se mantém até hoje. Em todo momento que o nível de consciência coletiva dos trabalhadores quanto classe se eleva surge a luta e da luta o contramovimento. Isso vem ao longo da história se transformando do ponto de vista da forma estética e do ponto de avanço das lutas, Porém o conteúdo é sempre o mesmo. Luta por direitos contra a luta por privilégios.

**Grazielly: Ao apresentar as letras para os alunos, pedi posteriormente uma reescrita, onde eles deveriam atualizá-las dentro da perspectiva deles como sujeitos históricos. Na atividade, deixaram aparecer uma profunda dúvida e preocupação com o futuro do país. Sobre o atual momento político do Brasil, como avalia o cenário atual, após anos de políticas progressistas?**

Aliado G: Vivemos o momento de reação da casa grande, dentro da nossa história em todos os momentos que a distância entre os miseráveis e a classe média diminui a elite aproveita para explorar a contradição entre os que comem bem, bebem, vestem marcas de grife, vivem em condomínios e tem bons carros, sempre estudaram seus filhos na universidade, contra aqueles que não tem acesso ao padrão mínimo de consumo e sobretudo ao conhecimento, afinal o capitalismo explora o conhecimento. Basta olhar na sociedade, os altos salários Médicos, Juízes, Doutores e Mestres de diferentes áreas. Enquanto quem não tem conhecimento se sujeita ao que sobra que é o trabalho “muscular” de baixa remuneração. Quando essa diferença diminui a elite intervém e usa essa classe média para o serviço sujo dessa elite. Porque essa classe média se reconhece como elite. A imprensa cumpre papel estratégico nisso

com um opinião única sem contraponto vão vendendo uma “verdade”diária que não necessariamente se relaciona com os fatos mas sim com os interesses. Veja a NETFLIX por exemplo com o “mecanismo”, o fato é que estamos na fase dessa ofensiva da elite brasileira associada a estrangeira com interesses econômicos bem definidos não só para o Brasil bem como toda a América Latina. Porém como a história demonstra, o ciclo de resistência se abre e a luta segue seu curso agora em novo patamar.

## ANEXO VII - REESCRITA - 8º A - FACE DA REVOLUÇÃO

E.M.E.F Profª Dirce Genúio dos Santos  
8ª A Face da Revolução 04.10.18

Ligue a TV

Bum, influenciado

Com apenas um botão, você já foi manipulado  
Face da Revolução faça parte dela

Minha missão é informação, então se liga meu irmão

Agora vou resgatar algumas memórias que não te

[interessar]

Em 2000 ocorreu o Bug do milênio, o mundo não  
sabia o que estava acontecendo

De 1º de 2000 para 1900, uau, estávamos morrendo

Agora de 2001 vamos citar

O ataque a Torre Gêmeas, vamos nos lamentar  
3000 pessoas perderam suas vidas,  
suas memórias

E só deixaram sua trajetória

Depois de muitos anos aconteceu de novo

No show da Ariana Grande

matarem nosso povo

Voltando no passado

Em 2009 aconteceu

O nosso rei do pop, Michael Jackson  
[morreu]

Em 2014 finalmente aconteceu, depois  
de anos latitando

O casamento gay venceu

81. 01. 20

Também sou daqui, e não estou só  
Sou um ser humano, e não estou só  
Tenho meus direitos, e não estou só  
Não vou me calar e não estou só

Sobre a Marielle vamos falar  
Com sua morte injustificada, que ainda  
[nos faz chorar]

Ela era política, ativista, feminista e gay  
Num mundo machista ela superava a lei

2018 ano de eleição  
Candidatos homofóbicos e racistas  
Estão conseguindo votos  
de homens que não ligam para as  
[conquistas]

Em 2015 aconteceu  
O impeachment da Dilma ocorreu  
O PT o povo não queria mais  
O Lula foi preso  
O Brasil se satisfaz

Também sou daqui, e não estou só  
Sou um ser humano, e não estou só  
Tenho meus direitos, e não estou só  
Não vou me calar e não estou só

Em 2017, o Trump venceu  
Nas eleições do EUA ele concorreu

O muro ele quis colocar  
 Para barrar quem não tinha lar  
 O ministério não aceitou  
 E ele se ferou

Em 2016, a tragédia aconteceu  
 O avião da Chapecoense caiu  
 E isso nos entristeceu

2015, em Mariana aconteceu o mal  
 Foi um desastre industrial  
 Que causou um grande impacto  
 Ambiental

2018 ano de tragédias  
 Nossas histórias foram destruídas  
 O fogo acabou com tudo  
 Oh meu Deus

O que aconteceu com o mundo?

"Vivemos num mundo caótico onde é  
 difícil de entender as regras. Por que  
 algumas pessoas são pobres e outras  
 ricas? Por que alguns tem que fugir  
 enquanto outros estão seguros?? Por que  
 algumas pessoas são jogadas na rua??  
 E por que as vezes, que você tenta  
 fazer algo bom ainda é visto com  
 zombaria?? Não é estranho as pessoas



existirem. Que olhamos de  
acreditar no bom. Porque mesmo  
que algumas vezes pareça, nenhuma  
pessoa está sozinho. Todos e cada  
um de nós, é uma peça importante  
no grande caos, é o que você faz  
hoje terá efeito amanhã. Pode  
ser difícil de dizer exatamente  
qual tipo de efeito, e normalmente  
nem sempre podemos ver como tudo  
se conecta. Mas o efeito de suas  
ações, permanecerá sempre em algum  
lugar no caos. Em 100 anos podemos  
ter máquinas que calculam o efeito  
de todas e cada ação. O medo  
se espalha. Mas... Com sorte o  
amor também.

# Ele não! # Ele nunca!



## ANEXO VIII - REESCRITA - 8º A - NO MÊS DE ABRIL

E. M. C. F. prof: once genesis das Santos  
turno 1º ano A

No Mês de Abril

No mês de abril a casa caiu Lula preso de  
tudo Brasil

1888 Começo do Inferno que para ser bom aconteceu  
esse som

2017 Presão do Rafael Braga por portar um facho  
Sol na sua mala preso injustamente posto nas correntes  
o que me faz lembrar de 300 anos atrás

2018 Ano da eleição

E a massa da Internet pagando para a Polícia  
Sem convicção sem juramento vai morrer pelo mesmo  
que você foi lá dentro só de pensar que eu começo um  
funco isso me faz lembrar lá de 64.

Os mano da quebrada a qui morando por causa de  
beliza droga higieniza a veneno.

talvez eu seja só um polqueto

pois sei que eu estava errado

pois sei que eu sei mas um que está calado

diante da situação da praça

que não tem nada

tão cedo nessa balda

Em falar de balda Manelli presente morreu  
nessa balda injustamente nunca vai sair das nossas  
mente a mulher que enfrentava lutava pelo mal psicopata  
monro da polícia

Pois sei que sei tudo uma mentira pois sei que  
essa vai ser mas uma história em vão na periferia

Mas deixa eu lembrar Bala da polícia encontrava  
mas uma vez

Como encontrava na praça da escola mas acho  
que tudo não passa de uma brincadeira é o inferno  
Tudo que estou vendo Espero não cair nesse tal  
momento

Vós desmarchava pela polícia que nunca  
trouxeram mais e mais.

Mas eu vou lembrar vocês só mais uma  
vez que houve eleição ele não pode não

## ANEXO IX - REESCRITA - 8º A - MOMENTOS MARCANTES NO BRASIL

Momentos marcantes no Brasil!

Greve nacional, dos caminhoneiros 23/04/18.

Museu nacional se perdeu em chamas no 02/09/18 e até hoje não foi claro, coisa que me faz lembrar, qd ele, greve dos caminhoneiros em to o Brasil contra o aumento do preço do diesel mas nunca se esqueça maluco que no mesmo ano Lula foi preso.

Em 28 de novembro de 2016 volta na TV, 21 pessoas morreram na comlambia. Claro, tristeza pois lá se vai um time com certeza bom. Chapecoense mora com certeza no se u coração.

Em 2018 no dia 7/05/2018 aconteceu a prisão do nosso ex presidente Lula, que foi preso por causa de lavagem de dinheiro e de corrupção.

No dia 10 de setembro eu ainda me lembro o dia que Bolsonaro foi esboquiado em público mais grosso e depois ele sobreviveu.

## ANEXO X - REESCRITA - 8º A - RESPEITO NO GERAL

### Respeito no geral

1º Escala Vai além de estudar

2º Aprender a socializar, educar e replantar  
ajudar a maioria que o respeito pode mudar  
3º o mundo melhor se tornar.

Muitos de nós sabemos falar respeito, mas não sabemos praticar

Não usamos como ideia para o mundo melhorar  
Para melhores pessoas nos tornarmos.

1º Dinheiro mal distribuído problemas podem causar

2º Elegemos políticos que muitas vezes não sabem governar

3º por conta de todas aquelas vezes os ideólogos

4º a falsa via acabar.

Muitos pacientes jogados em uma cama de hospital

recebem muitas vezes um tratamento de um mal

muitas doenças podem ser curadas mais sempre são ignoradas.

Faltam remédios, exames e até visitas de hospital

Político por fazer uma crítica ao sistema melhora o atendimento ao povo trabalhador.

nome: Ana Paula Silva nº 04

Priscila Silva nº 08

Emilly da Silva nº 07

Gabrielly da Silva nº 12

Giordana Lima nº 13

Janaína nº 20

Julliyana Rosa nº 22

Professora: Grazielly

## ANEXO XI - REESCRITA - 8º B - 12 MESES

12 meses

Janeiro o mandado de prisão  
do ex-presidente Lula.

28 de março, a greve das  
funcionárias públicas, paralisou geral  
por causa do prefeito atual.

7 de abril ex-presidente Lula  
se entrega a polícia federal  
e paralisação geral.

A greve dos caminhoneiros marcou  
o mês de maio de 2018. Você  
certamente sentiu os efeitos dessa  
paralisação geral.

Junho a copa do mundo, perdemos  
de 2 a 1, para os Belgas.

No dia 8 de julho, o Brasil se  
liga as notícias para ver  
se o ex-presidente Lula seria libertado.

Agosto de 2018 foi marcado oficialmente,  
o início da campanha eleitoral.

No início de Setembro vários acontecimentos:  
incêndio no Museu Nacional do Brasil,  
tentativa de assassinato de candidata gaúcha  
Balzanara, PT anuncia candidatura  
de Fernando Haddad.

Estamos no começo de Outubro  
mas várias coisas já aconteceram.

Eleição primeiro turno,  
Balzanara ganhando,  
Nordeste não votando.

Novembro e Dezembro não chegaram  
então falaremos depois.



**ANEXO XII – REESCRITA – 8º B – O BRASIL QUE TEMOS**

E.M.E.F Dirce Genésio dos Santos  
Turma 8ºB  
Data: 04/10

### O Brasil que temos.

Pesquisando, Pesquisando olha só  
que eu descobri que o Racismo deixou  
as pessoas magoadas, Coração Quebrado  
Mente Rasgada

Ainda esse mês eu lembro a vocês que  
o Feminismo continua agindo por  
Causa de Vocês

Vem na memória outra vez que o  
estudante sofreu Bullying outra vez

Caminhando, Caminhando contra o  
vento começo a lembrar que o bullying  
não tem vez nesse momento

Agarre o papo é reto ninguém  
é sincero O Brasil tá indo pro  
Cemitério

Não Poupan e fez o Bêbado  
atirou para matar o Inocente que  
não teve tempo de Rezar

### ANEXO XIII – REESCRITA – 8º B – POLÍTICA!

Política

Em 2015, um incidente aconteceu.  
Um incêndio, no Museu, da Píngua Portuguesa. Muitos trabalhos, estudos, nas  
chamam a perder!

Em 02 de Setembro de 2018, um dos  
maiores Museus do mundo pegou fogo,  
Museu Nacional do Rio de Janeiro,  
por falta de manutenção, de conservação  
perdemos um patrimônio da nação.

Em 2018 protestando contra o aumento,  
do diesel causou grandes desabastecimentos,  
tudo isso por falta de representatividade,  
causou grandes danos para nossa cidade,  
achamos que isso tudo não iria acabar,  
mas achamos alguém para nos representar,  
acabou então dia 30 de maio, a greve dos



82/02/20

caminhoneiros que não ficaram calados.

Em 19 na comunidade nasceu uma mulher para mudar a realidade. Em menos de 02 anos profeta apresentou, assim mostrando sua garra e a força com que lutou.

Marulle Franco viveu e viveu o fim de sua vida até hoje. 2018 foi quando o ato aconteceu, foi morta há 10 anos, porém ninguém há esquecido.

ANEXO XIV – REESCRITA – 8º B – JANEIRO, FEVEREIRO E  
MARÇO (ATUALIZAÇÃO)

E.M.E.F Prof.<sup>a</sup> Lirce Genésio das Santas 8º B

04/10/18

D S T Q Q S S

~~março~~ janeiro, fevereiro e março (atualização)

Clique no seu rodão

Bum, volume máximo

Cresce ilimitada a internet da favela

Lirce Genésio, com isso que faz parte dela  
Minha missão é a informação, então se liga sangue leão  
Que eu cheguei pra resgatar alguns fatos importantes  
Da memória popular

Em janeiro de 2018, Babranara se candidatou para a presidência,  
seio muito forte com muita insistência.

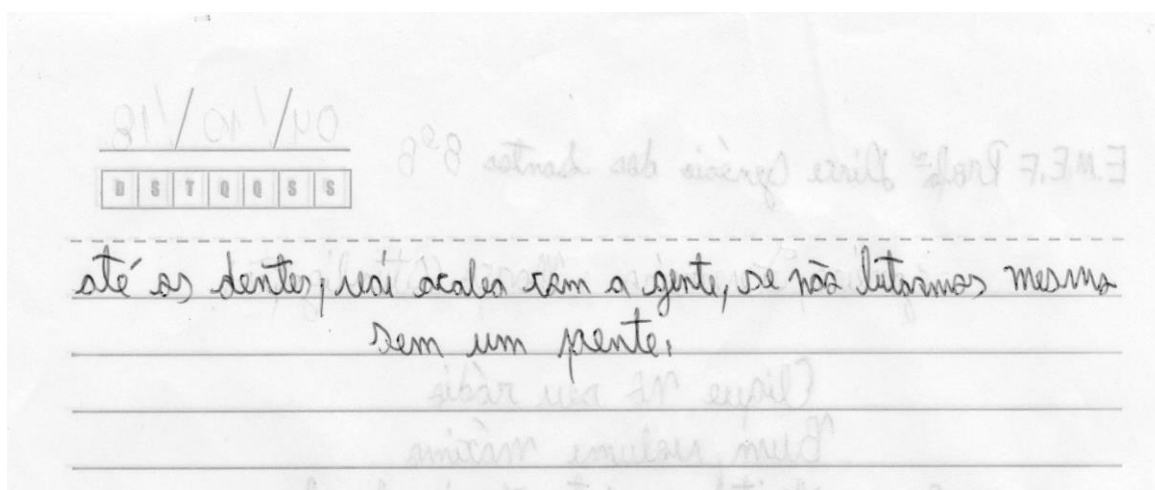
Na sua governança parte de ormos liberados  
Tudo estará ferido a Brasil acordado.

Março de 2018, Marielle Franco, partiu dessa para melhor  
Sem ela é bem pior, Marielle Presente, leões nunca calam a voz de  
tanta gente.

Marielle Presente, solidariedade, mais empatia, a pena pra to  
sangrando todo dia.

Abril, 2018, Lula no cadeia desse jeito a Brasil está em uma teia,  
Quem rouba uma nação, tem que sentir a dor da prisão  
de Lula solta governo? Isso não deve se perguntar.  
Mas não se esqueça eles nunca vão ligar pra que a gente pensa.

Setembro, 2018, e o museu, tantos anos de história, queimado,  
fechado, depois do incêndio quiseram chorar pelo leite derramado?  
E o Museu Nacional com uma cara desfigurada, nós lutamos por justiça  
mas não é com espada, é com a mente, contra um governo armado



## ANEXO XV - REESCRITA - 8º C - JUMABRO

03/09/18

Temas: JUMABRO

Em 2 de Setembro  
Um grande incêndio  
atingiu um estabelecimento  
de acordo com vários conhecimentos

Um "museu de história nacional"  
que teve um desmoronamento fatal  
me levou a depressão  
que partiu meu coração

Em junho de 2018  
um grande atentado  
com uma captura um assassinato  
a violência surgiu dentro de um carro  
olha se que descontrolado

João adregado  
que foi arremessado  
de uma alta sacada

21/05 de 2018  
Os brasileiros não aguentaram  
os camponeses se juntaram e manifestaram  
O presidente não aguentou  
e o preço do diesel ele abarrou.

E.M.E.F PROFª DIRCE GENÉSIO DOS SANTOS

## ANEXO XVI - REESCRITA 8º C - A POLÍTICA E A DESIGUALDADE

Escola: Oliveira Gomes dos Santos  
 Data: 02.10.18  
 5 8 0 0 5 5 0

A política e a desigualdade.  
 Esse país parece uma peça de teatro, deixando o povo fazer papel de palhaço.

Um dos problemas do século atual, que é muito enfrentado é a desigualdade social.

A respeito da política do Brasil vamos dizer, a injustiça da desigualdade de gêneros devemos interromper.

Falar que homens são melhores que as mulheres é preconceito, ambos devem ter direitos iguais essa é a real importância.

Sobre o governo agora vamos falar, o nome da política vamos citar.

Em maio de 2016 o presidente do Brasil, foi Temer, quando chegou toda nação destruiu.

Bolsonaro um ser machista e repleto de uma filha rejeitada e o povo pobre por ele pode ser exterminado.

data . .  
5 1 9 9 5 1 9

Lula, o presidente de 1989, construiu diversas faculdades públicas e os estudantes foram ocupando espaço.

## ANEXO XVII - REESCRITA - 8º C - 2018, ANO DE ELEIÇÃO

São Paulo, 02 de Outubro de 2018.  
EMEF. Prof.ª Alice Genório dos Santos.

Título: 2018, ano de eleições

Clique no seu celular

Bum, aceno ilimitado

Informação em cima de informações  
futuras em perigo e você faz parte disso  
minha minha e a informação, então se  
liga ranque bom.

Que eu chegue pra resgatar alguns dados  
pra você que está longe da educação.

2018, ano de eleição, com os índices de  
intenção de voto em Bolsonaro está mais  
que claro que a ignorância é predominante  
[no Brasil].

Oportunista para citar Marielle Franco, ino  
rim que é uma Bambrambam, vereadora,  
[grande lutadora].

Marielle Franco, inesquecível, quebrou  
correntes, lutou por nome cinto, não res-  
peitou barreiras, do RJ, mulher guerreira.  
2018, 14 de março, a esperança se abala,  
maluco acredita, morte por fogo, com regas  
Central do RJ, teve seus últimos suspiros. Em  
época em que o mesmo povo, mais uma vez  
está lutando com protestos, em busca de  
mudança, enfrentando a repressão na luta  
por direitos e liberdade de expressão.



Em 26 de 9, em região de Osasco, Marinho  
admite contato com Ciro, mas diz não abrir  
[mão da candidatura].

26/09, TSE autoriza logotipo "Ladado e  
Lula" na propaganda do PT.

As representações, movidas pela campanha  
de Jair Bolsonaro e de João Américo afirmam  
que o uso da marca poderia causar  
dúvida no leitor sobre quem de fato era o  
[candidato]



## ANEXO XVIII - REESCRITA - 8º C - ANOS 2000

PC 02/10/18

E. m. E. J. Dirce genésio dos Santos  
 8º C. E. J. Dirce genésio dos Santos  
 Título: ANOS 2000

A atual crise política no Brasil impacta na economia do país, mas também na confiança e na esperança de um final feliz

Os anos 2000 foram muito conturbados até uma facada no Bolsonaro

Leve o incêndio no museu nacional que não fez perder muita história do local

Intimidaram o Bolsonaro pra sair do buraco. E aí veio o fogo e tudo foi por água abaixo.

É o Lula que foi preso cumpre 12 anos. E no lugar dele o Haddad está chegando.

Em 2014 1ª presidenta do mesmo partido no Brasil foi eleita

Em 2016 a ação da Chapecoense caiu, em 2018 "O que é chapecoense?" ninguém sabe ninguém viu